ANO 55.º/18 838 4$00

Diário de Lisboa

SEGUNDA-FEIRA 11 AGOSTO 1975

Fundador **Joaquim Manso** Director **A Ruella Ramos** Director-adjunto **José Cardoso Pires**

INSURREIÇÃO EM TIMOR

Situação normalizada

Não houve golpe de Estado em Timor, onde o Governador e Comandante Chefe controla a situação.

Segundo informação da Presidência da República, onde esta manhã foi recebido o primeiro telex sobre a situação, registou-se ontem, em Dili, uma insurreição de elementos da U. D. T. (União Democrática de Timor), um dos três partidos timorenses. Estes, atacaram o posto local da Polícia de Segurança Pública, onde se apoderaram de algumas armas, tentando, em seguida, cercar o Quartel-General das Forças Armadas Portuguesas.

Esta segunda tentativa parece ter sido frustrada pela intervenção imediata do Governador e Comandante-Chefe, coronel Lemos Pires, que iniciou conversações com a U. D. T. e com a Fretilin (Frente Revolucionária para a Independêcia de Timor Leste). A presença da Fretilin nestes contactos destinou-se a evitar confrontações sangrentas entre os dois partidos rivais, do tipo das verificadas em 27 de Junho último.

A informação da Presidência da República, bastante sumária, acrescenta que os militares portugueses não têm sido hospitalizados e que se mantém a livre circulação de pessoas dentro da cidade de Dili. Acrescenta ainda que o Governo e o Comando-Chefe controlam a situação e asseguram completamente a segurança dos metropolitanos ali residentes.

Ignoram-se, ainda, quais tenam sido as intenções da U. D. T. ao desencadear este golpe. Dos três partidos existentes em Timor, a U. D. T. é o único que advoga a continuação dos elos da colónia com Lisboa, até o território poder bastar-se a si próprio.

REACÇÃO DA INDONÉSIA

O ministro dos Negócios Estrangeiros indonésio, Adam Malik, classificou hoje, como «boatos» as informações postas ontem a circular sobre um golpe de Estado na ilha de Timor. Malik mostrou-se, no entanto, preocupado com as repercussões deste incidente nomeadamente quanto à possibilidade de «uma intervenção estrangeira». Acrescentou ainda que o seu Governo continuará a estudar o caso antes de tomar, oficialmente, qualquer atitude.

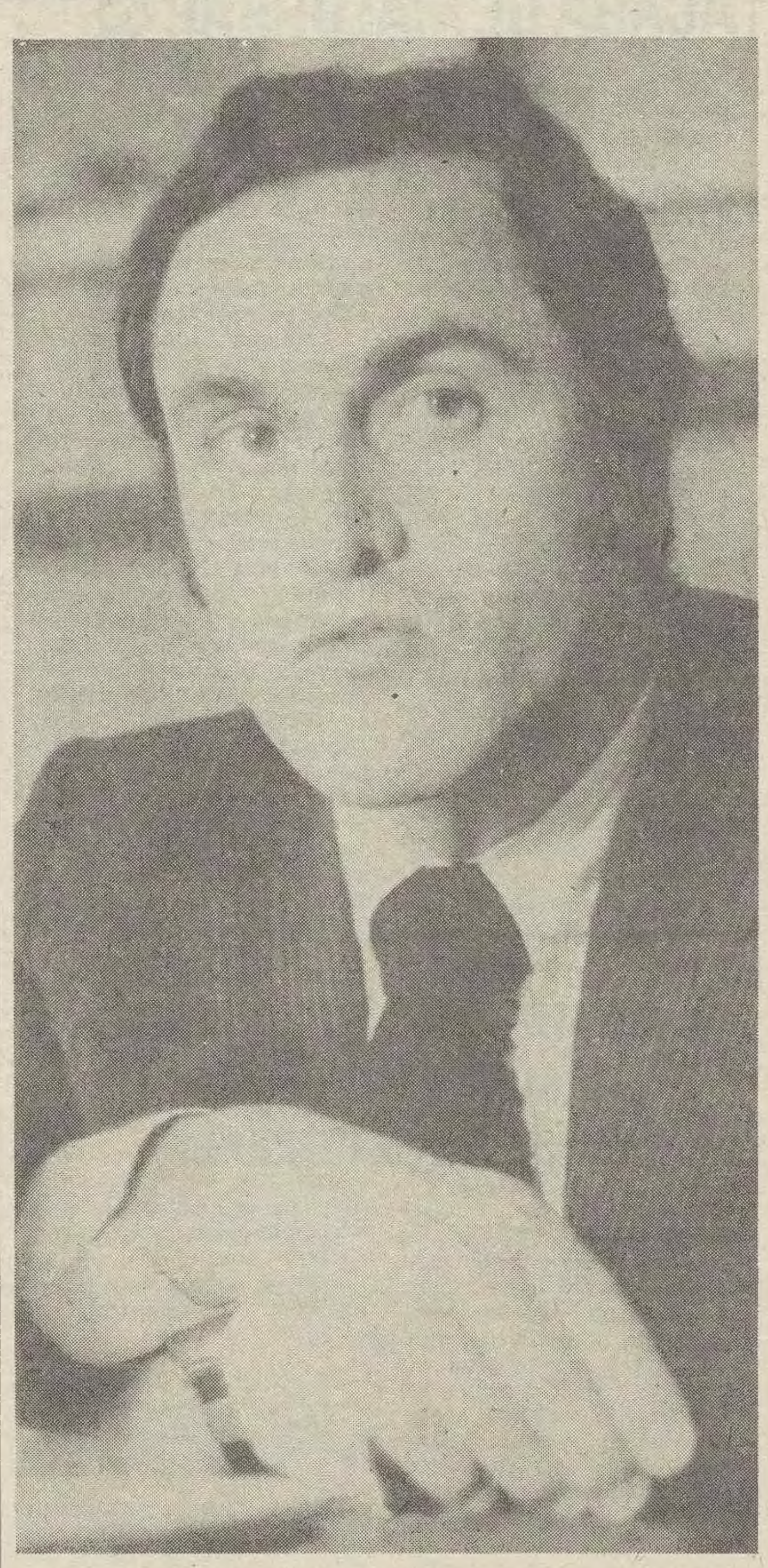
No Ministério português dos Negócios Estrangeiros não havia, até esta manhã, sido recebida qualquer comunicação do Governo Indonésio sobre este assunto.

A Indonésia tem frequentamente afirmado que não tem quaisquer pretensões sobre a colónia portuguesa de Timor, embora seja de assinalar que do seu lado se desenvolveu recentemente uma campanha de Imprensa, com evidente apoio das altas esferas, indicando «inquietação» daquele país perante a perspectiva de em Timor se vir a formar um Governo de esquerda, o que abriria a porta a possíveis operações de guerrilha no interior indonésio. Estes receios visam essencialmente, segundo tudo indica, a Fretilin, dirigida por José Ramos Horta, que dos três movimentos timorenses é o que mais activo e agressivo se tem mostrado, contando com diversos apoios internacionais, nomeadamente de países africanos progressistas, entre os quais Moçambique com quem vem mantendo estreitos contactos. A Indonésia apoia ainda a Apodeti (Associação Popular Democrática de Timor) que advoga a fusão da colónia portuguesa com a Indonésia.

OS RUMORES DO GOLPE DE ESTADO

As notícias sobre um possível golpe de Estado em Timor começaram a circular ontem, através de uma lacónica mensagem de rádio enviada de Dili para a torre de controlo do aeroporto da cidade australiana de Darwin. Esta mensagem declarava apenas que tinha havido um golpe de Estado e que o aeroporto de Dili estava encerrado. Pouco depois, a companhia aérea nacionaliza-

Continua na pág. 18



DISTÚRBIOS EM BRAGA

- 28 feridos
- A sede do P.C.P. em chamas

BRAGA, 11 — Esta cidade viveu ontem um dos dias mais negativos da sua história política quando, na sequência de uma manifestação de apoio ao Episcopado, que decorreu sem incidentes, um grupo de manifestantes tentou assaltar a sede local do P.C.P. dando origem a uma autêntica batalha campal de que resultaram 28 feridos.

Braga acordou apreensiva porque apesar de todas as afirmações em contrário, se previa que a manifestação marcada para as 17 horas fosse um ponto de partida para provocações e assaltos semelhantes aos que se têm vindo a verificar, ultimamente, no Norte do País. Bem vivos, ainda, na memória de todos, os incidentes que mancharam de sangue as ruas de Vila Nova de Famalicão.

O DESFILE

De manhã, nos cafés e na via pública, comentava-se, em voz baixa, o número de pessoas que começavam a chegar à cidade, vindas dos mais diversos pontos do distrito. Por volta do meio-dia, já os forasteiros se contavam pelos milhares, prevendo-se que a manifestação atingiria grandes proporções. Via-se gente comendo nos jardins, nas ruas, onde quer que houvesse uma sombra, enquanto se tornava cada vez mais difícil estacionar as camionetas e os automóveis que vinham chegando à cidade.

Pouco depois das 17 horas, os manifestantes, reunidos no topo da Rua D.Diogo de Sousa, iniciaram o desfile que os levou pela Avenida Central e da Avenida de S.Miguel o Anjo, até à porta da Sé. Durante o trajecto, os gritos e as palavras de ordem aludiam, sobretudo, ao caso da Rádio Renascença cuja entrega à Igreja era exigida pela multidão. «Deus está com o povo!», gritava-se.

Com palavras de ordem e entoando um hino («Deus em Pessoa é nosso aliado»), a multidão chegou à porta da Sé onde era aguardada por D.Francisco Maria da Silva, Arcebispo Primaz de Braga, por D.Manuel Ferreira Cabral, bispo auxiliar, e por dignatários da arquidiocese. Depois de uma pausa, D. Beatriz de Lima subiu a um estrado e proferiu um discurso «em nome de milhares de mulheres» onde afirmou que as católicas sempre lutaram e continuarão a lutar pela Igreja e pelo que ela representa. Seguiu-se Sebastião Peixoto que, falando em representação dos jovens, declarou que a juventude católica se mantém firme na defeza dos direitos do homem. Depois de outros discur-

Continua na pág. 7

Vieira de Almeida:

"O GOVERNO DE ANGOLA NÃO FUNCIONA"

O ministro da Economia designado por Portugal para o Governo de Transição, dr. Vasco Vieira de Almeida, declarou que será talvez necessário o auxílio internacional a fim de aprovisionar a martirizada cidade e evitar a fome.

O ministro Vasco Vieira de Almeida, declarou — ainda que um auxílio internacional talvez fosse necessário para evitar que a sacrificada capital fosse assolada pela fome.

Embora houvesse alimentos suficientes no país, disse, não havia possibilidade de os enviar para Luanda. As reservas da cidade em combustíveis e alimentos poderiam esgotar-se em poucos dias.

Embora se disponha de poucos dados acerca da situação fora da capital, existem indícios de que a F. N. L. A. está decidida a submeter o M. P. L. A. pela fome.

Continua na pág. 2

20 PÁGINAS

O DOCUMENTO DOS NOVE

pág. 20

"Os 7 moderados" apresentam-se esta tarde aos Estados-Maiores respectivos

- **COMISSÃO NACIONAL P.S.P. APOIO AO DOCUMENTO E CONTRA AS DEMISSÕES** pág. 9
- **COMITÉ CENTRAL P.C.P. EM PLENÁRIO: "CRISE MILITAR"** pág. 9

MELO ANTUNES:

A ESTRATÉGIA COMUNISTA ACABA DE MALOGRAR-SE

PARIS, 11 — (F.P.) — O semanário francês da esquerda «Le Nouvel Observateur» publica hoje diversas declarações de Melo Antunes, antigo ministro português dos Negócios Estrangeiros, feitas na véspera da sua suspensão do Conselho da Revolução.

Em que momento tomou Melo Antunes a decisão de se opôr ao seu amigo, o primeiro-ministro Vasco Gonçalves? «Quando adquiri a convicção, (declara o ex-ministro) de que, por razões que se me escapam ainda, o Primeiro-Ministro se tornava deliberadamente o instrumento duma estratégia comunista contrária aos interesses da nossa revolução e do povo português. Uma estratégia visando impôr, pela cúpula, com procedimentos fascistas, a um povo que acaba de sair do fascismo, um colectivismo burocrático controlado unicamente pelos dirigentes comunistas».

«Este processo, a que chamam revolucionário, declara ainda Melo Antunes, leva-nos directamente a um totalitarismo de que ninguém poderá depois dizer se é da direita ou da esquerda. Além disso, a estratégia comunista acaba de malograr-se em Portugal: não faz mais do que abrir o caminho a uma reacção fascista.»

«Estamos fartos de ver agitar diante de nós o espantalho do anticomunismo, que os comunistas são os únicos a suscitar. Não continuaremos a aceitar que nos ameacem com um fascismo para nos fazerem aceitar um outro», acrescenta Melo Antunes, que conclui: «Não continuaremos a aceitar que nos imponham uma Imprensa que está atingida exactamente pelo mesmo conformismo e o mesmo servilismo do tempo em que era publicada sob o fascismo. Denunciaremos a pilhagem das delegações do P. C. com mais energia do que quaisquer outros. Mas pedimos ao Governo que diga claramente como se chegou a tal situação».

INSTITUTO INTERNACIONAL DA IMPRENSA CONTRA PROJECTO DE CENSURA

ZURIQUE, 11 (R) — O Instituto Internacional de Imprensa (IPI) num telegrama enviado ontem ao Governo português denuncia o projecto lei de Imprensa em preparação como um passo à rectaguarda no sentido das rígidas restrições impostas pela ditadura caetanista, deposta no ano passado.

Manifesta a sua apreensão perante o projecto de decreto que prevê a criação de uma comissão de inquérito à Imprensa, salientando que tal medida significaria o fim da liberdade de expressão tão duramente conquistada, e apela ao Governo português para que reexamine a situação a fim de preservar a liberdade de opção.

Ao abrigo do citado projecto de censura, os jornais, os livros, as emissões de rádio e televisão considerados veículos de «atitudes contra-revolucionárias» seriam passíveis de multas no valor de cinquenta contos de suspensões de seis meses.

DIFICULDADES DE EMPRÉSTIMOS À COOPERATIVA DE ALHOS VEDROS

A Cooperativa Operária de Alhos Vedros reuniu-se em Assembleia Geral, que iniciou os seus trabalhos com mais de uma hora de atraso devido ao desinteresse manifestado pelos seus 800 associados.

Foi dado a conhecer a resposta de uma exposição feita ao Ministério do Trabalho, sobre a crise financeira que a instituição atravessa, tendo, da parte da massa associativa, sido abordados vários aspectos de interesse colectivo.

O secretário Francisco Correia referiu-se às dificuldades de empréstimos à cooperativa, por parte da banca, o que dificulta a actividade da cooperativa, no tocante à aquisição de produtos alimentares, mas repudiou acusações maldosas tendentes a desprestigiar a instituição.

A Cooperativa de Alhos Vedros tem actualmente todos os seus compromissos, no que diz respeito a imóveis, liquidados, embora tenha encontrado dificuldades em obter créditos e esteja a suportar cerca de quarenta mil escudos de prejuízo mensal.

TORONTO (CANADÁ)

DIREITA CONTRA ESQUERDA

Depois da onda de violência que tem alastrado pelo Norte e Centro do País, é agora a vez de Toronto, no Canadá. Ali, uma série de provocadores, gritando «Morte aos comunistas!» e incitando as pessoas à violência, atacam, diariamente, simpatizantes de partidos de esquerda, especialmente nos dias em que chegam os jornais de Lisboa.

Para além da ameaça de incêndio à sede da Associação Democrática, alguns democratas que têm pequenos negócios já foram ameaçados. Um dos indivíduos que mais tem contribuído para esta situação seria segundo «O Século» Fernando Raposo, produtor de um programa de televisão, e que já foi responsabilizado pelo que venha a acontecer a simpatizantes de partidos de esquerda.

A polícia, entretanto, teve de intervir e as autoridades canadianas já foram contactadas a fim de tomarem medidas tendentes a acabar com a onda de violência.

De sábado a segunda

RUSSOS VÃO VESTIR CONFECÇÕES PORTUGUESAS

Têxteis, calçado, vinho e cortiça foram os quatro polos de atracção da missão económica russa que partiu ontem de regresso a Moscovo após uma semana de estadia entre nós. Chefiava-a o director-geral do Departamento de Importações do Ministério do Comércio Externo, sr. Saqun Pavel, que afirmou no aeroporto da Portela terem sido estabelecidos contactos com várias indústrias portuguesas, em especial no primeiro dos referidos sectores. Firmaram-se mesmo contratos para o fornecimento de confecções.

Quanto ao calçado, ao vinho e à cortiça, renovaram-se as relações com vista a incrementar a importação, pela Rússia, de maiores quantidades desses produtos.

Saqun Pavel acrescentou:

«Estamos prontos a comprar e a vender várias mercadorias a Portugal, o que poderá ajudar o vosso país a enfrentar o boicote económico de que tem sido alvo nos últimos tempos por parte de algumas nações.»

■ INSULTOS A OTELO

O juiz dr. Pires de Lima, do Tribunal de Polícia do Porto, considerou incompleto o auto de notícia redigido a propósito dos insultos que um trabalhador haveria dirigido naquela cidade ao general Otelo Saraiva de Carvalho, do Directório. Estava em falta o estatuído pelo Código do Processo Penal no seu artigo 166.º, uma vez que do auto não constam factos concretos que o arguido teria cometido. Por outro lado — constatou o juiz —, ninguém disse ao presumível arguido que poderia apresentar testemunhas em número não superior a três, e também este facto impediria a realização do julgamento. Tudo pesado, Rogério Pires, 20 anos, morador no Bairro das Campinas, Bloco 20, Entrada 17, Casa 22, aguardará em liberdade a conclusão do processo, a fazer pela Judiciária.

■ PROFESSORA AGREDIDA

Em Martim da Pega, lugar da freguesia de Seixo do Côa (Sabugal), um agricultor chamado Manuel Casimiro não levou nada a bem que a mestra da escola se recusasse a propor a filha para exame e, decidindo aplicar justiça privada, agrediu a senhora e o marido com um estadulho. O caso está agora nas mãos da P.S.P. da sede do concelho, enquanto a menina, involuntária origem da cena de violência, vai passar umas férias amargas preparando a quarta classe do ano que vem.

■ HISTÓRIAS DE CIDADE

Anteontem à noite, pouco depois das 10 horas, parte da cidade de Lisboa ficou durante 20 minutos às escuras. O acidente privou de energia eléctrica a Estrela, a Lapa, o Rato, e imediações. Vai-se a ver o que tinha sucedido, e tinha sucedido que uma ratazana provocara um curto-circuito ao meter-se no posto do Quelhas, perto da Emissora Nacional. O curto-circuito fez disparar a sub-estação de S. Ciro, S. Ciro disparou a escuridão e só hoje, ao lerem o «D.L.», é que muitos habitantes daquelas zonas pasmarão com a facilidade com que um roedor pode deixar uma cidade aflita.

Um dia depois (ontem) um ferry-boat» em trânsito do Porto Brandão para Belém, o «Ribatejense», teve uma avaria nos motores e derivou de tal modo que se chegou à Barra, lançando o pânico entre 100 passageiros. Foi ao princípio da noite, com grande cópia de gritos, fanicos e ai-Jesus. Os tripulantes imediatamente lançaram um pedido de socorro. Dois barcos da carreira da Trafaria, «Rio, Tejo II» e «Trafaria», tentaram então passar um cabo ao «Ribatejense», mas seria um rebocador, o «Pioneiro», a consegui-lo. Depois pouco e pouco o susto passou, as pessoas desandaram à sua vida, o Tejo aquietou-se de novo... Há quem no próximo domingo vá fugir de Porto Brandão como o diabo da cruz.

AGOSTINHO NETO:

O M.P.L.A. PODE DECLARAR UNILATERALMENTE A INDEPENDÊNCIA

LUANDA, 11 (FP) — Agostinho Neto não exclui a hipótese de que o seu movimento, o M.P.L.A., declare unilateralmente a independência de Angola antes de 11 de Novembro, data prevista pelos acordos do Alvor.

«Nunca se sabe, é uma hipótese», declarou em Luanda o «leader» do M.P.L.A., em breve entrevista concedida à A.F.P. Tudo depende do comportamento das Forças em presença», acrescentou Agostinho Neto.

O presidente do M.P.L.A., que pensa «ser ainda muito cedo para se falar de paz em Angola», declarou-se optimista quanto à solução militar. «Sempre fomos optimistas», afirmou, «mesmo quando nos julgavam desfeitos. Há alguns recontros em Angola mas, para o M.P.L.A., tudo está a correr bem».

Interrogado acerca da viagem ao Zaire de Valery Giscard D'Estaing, Agostinho Neto limitou-se a responder que a viagem do presidente francês «talvez desse bons resultados para Angola».

DELEGADOS DO M P L A NA COSTA DO MARFIM

ABIDJAN, 11 (FP) — O presidente da Costa do Marfim, Houphouet Boigny, recebeu, nesta cidade, José Eduardo e Vítor Carvalho, delegados do presidente do MP.L.A., Agostinho Neto, do qual foram portadores de uma mensagem especial.

Antes, aquando da sua chegada a Abidjan, os dois mensageiros afirmaram que o M.P.L.A. considerava dever informar os chefes de Estado africanos da «situação de guerra que se generaliza» em Angola. Denuciaram igualmente «as violações sistemáticas» dos acordos de Alvor e de Nakuru, perpetradas pela Frente de Libertação de Angola (F.N.L.A.). Estes ataques, acrescentaram, receberam «as respostas que mereciam» da parte do M.P.L.A.

Os dois representantes do presidente Agostinho Neto informaram ainda que influências externas a Angola visavam «manipular certos grupos de angolanos» com vista a entravar o processo de descolonização que deve normalmente culminar em 11 de Novembro próximo, na proclamação da independência.

Todavia consideraram que o risco de partilha do país em zonas de influência dos três movimentos de libertação era «fraco», nomeadamente pelo facto do M.P.L.A. estar implantado em todo o país.

Por fim, em relação à recente proclamação da independência de Cabinda pela F.L.E.C., os enviados do M.P.L.A. reafirmaram que Cabinda era uma província de Angola e que neste ponto a posição dos três movimentos era idêntica.

O M P L A PODE DECLARAR UNILATERALMENTE A INDEPENDÊNCIA

INGA, (Zaire), 11 (R) — O presidente Mobutu Sese Seko revelou nesta cidade que os líderes da U.N.I.T.A. e da F.N.L.A. estiveram no Zaire, tendo-se avistado com ambos.

O primeiro, foi Holden Roberto, da F.N.L.A., que tentou ser recebido pelo presidente francês, Valery Giscard D'Estaing, durante a sua visita oficial ao Zaire. O segundo foi Jonas Savimbi, que passou pelo país a caminho da Tanzânia.

Holden Roberto regressou posteriormente a Angola, sem ter conseguido ser recebido pelo presidente da França, dado o encontro ter sido considerado «inoportuno». Jonas Savimbi, por sua vez, seguiu depois para Moshi, na Tanzânia, para conversações com o presidente Julius Nyerere, a quem deve informar da situação em Angola e pedir apoio para o seu movimento.

Nada foi revelado sobre o conteúdo dos encontros dos dois dirigentes com o presidente Mobutu.

O ZAIRE NÃO ESTÁ INTERESSADO EM CABINDA

INGA, (Zaire), 11 (R) — O presidente Mobutu Sese Seko, do Zaire, declarou que o seu país não tinha qualquer interesse sobre Cabinda, o rico enclave de Angola onde se manifestam iniciativas para uma secessão.

Cabinda, que exportou petróleo no valor de 600 milhões de dólares o ano passado, está separada do resto de Angola pelo rio Congo e tem uma fronteira com o Zaire.

O presidente Mobutu reafirmou que o Zaire acreditava que devia haver um referendo no enclave, que os grupos de libertação de Angola insistem que constitui parte integrante de Angola.

O dirigente do Zaire falava numa conferência de Imprensa conjunta nesta cidade com o presidente francês, Valery Giscard D'Estaing, que se encontra em visita ao Zaire.

O GOVERNO DE ANGOLA NÃO FUNCIONA

O dr. Vasco Vieira de Almeida, declarou também não saber ainda se a acção envolvendo os ministros da F. N. L. A, evacuados de Luanda por tropas portuguesas, significaria a queda do Governo de Transição.

Competiria a Lisboa decidir qual seria o vróximo passo — se Portugal tentaria organizar uma administração ou aproveitaria parte do actual conjunto, disse.

O dr. Vasco de Almeida, disse: Há semanas que não vejo alguns dos meus colegas de gabinete. A sua própria residência está apenas a alguns metros de casas situadas atrás do Palácio do Governo, mas não foi atingida pelas lutas.

O meu próprio Ministério, onde tenho secretários de Estado de cada um dos três movimentos, não está a funcionar, acrescentou.

EVACUADOS MINISTROS DA F N L A

As violentas confrontações de sábado decorreram na sua maior parte, na zona que se estende por detrás do Palácio do Governo e que, segundo denunciou o M. P. L. A., havia sido transformada pela F. N. L. A. num campo armado.

Ignora-se, de momento, os motivos que levaram à evacuação dos soldados da F. N. L. A. Contudo, a operação tinha sido precedida de especulações sobre a eventualidade de as autoridades portuguesas tentarem retirar da capital as tropas dos três movimentos de libertação e declararem Luanda «zona desmilitarizada». O M. P. L. A. domina quase por completo a cidade.

Entretanto, paira sobre Luanda o espectro da fome. Começam a rarear os combustíveis e a comida e não tem chegado reabastecimentos.

DESCOLONIZAÇÃO

Esta tarde, às 17 horas, reúne em Belém, com a presença do Presidente da República, general Costa Gomes, e do Primeiro-Ministro general Vasco Gonçalves, a Comissão de Descolonização.

post scriptum

A propósito da «manifestação» dos «desalojados de Angola», não posso deixar de vir aqui citar um facto que me pareceu de relevo e que tão bem se enquadra no sistema e comportamento de certas pessoas, ditas «desalojadas de Angola».

Claro que faço aqui excepção para aqueles que, **de facto**, estão desalojados e que nada fizeram no passado para o merecer. Sei que os há porque paga sempre o justo pelo pecador... Mas os outros, aqueles que merecem mais do que aquilo que estão a passar, esses deviam ser severamente punidos por atitudes como a que passo a citar:

Tenho uma empregada de cor, uma cabo-verdiana que considero e estimo muito, que trabalha todo o dia e ainda estuda à noite, que ganha 2000$00 e ainda manda mil à mãe, pobre e doente, que vive em Cabo Verde.

É uma rapariga séria, corajosa, merecedora de um futuro melhor do que o que tem o presente. E tudo farei para a ajudar. Pois há uns «senhores» «desalojados de Angola» que têm, na minha rua, uma família amiga (ou parentes, não sei), que visitam, num belo Mercedes e com bons e modernos fatos e vestidos. Soube que vivem num bom hotel e que andam à procura de casa em «bairro chic». Pois esses «senhores» e «senhoras», ontem, quando saíam de casa dos tais amigos — e iam a caminho do Parque Eduardo VII (para a tal reunião) — passaram pela minha empregada, que ia uns 5 metros à minha frente a conversar com um rapaz da terra dela, e uma das «senhoras» **CUSPIU** para o chão na direcção da rapariga e disse:

— Estas porcas, que fizeram a nossa desgraça, ainda vêm para aqui de cara levantada. Mas não tarda que a gente arrebente com elas todas! E lá também!

Eu ouvi!

Pergunto: os «desalojados» **que se alojam** num bom hotel e compram belas casas... merecem o quê? E estas ameaças? Não haverá alguém que tenha mão nisto tudo? Para onde vai a nossa revolução?

Maria Moura — Lisboa

Ter medo em Angola

Sou um dos muitos milhares de retornados vindos de Angola. Tenho 68 anos e uma família de quatro pessoas. Estou completamente aturdido pela fatalidade que nos caiu de repente em cima e nos está a destruir. Porque, pressinto-o, não vou sobreviver a tamanha provação.

Fui para Angola há 40 anos e lá me estabeleci como pequeno comerciante. Nunca tive grandes ambições nem desejos de ser rico. Apenas me interessou ter uma vida independente e tranquila. Com pouco, aliás, me governava. Era feliz. Sempre me dei bem com os pretos dos musseques e sempre recebi deles provas de estima. Tinha mesmo entre eles mais amigos do que entre os brancos. A P.I.D.E. incomodou-me bastantes vezes pelas minhas simpatias para com a causa do M.P.L.A.

Conto isto apenas para que se saiba que nem todos os brancos em Angola foram exploradores e racistas. Para que se saiba que nem todos os comerciantes foram ladrões. E uma prova disso é que os negros só destruiram e incendiaram as lojas de quem tinham razão para o fazer. Na minha nunca tocaram, ofereceram-se até para a defender se fosse preciso. É um erro crasso, uma maldade medonha, condenar à partida todos os brancos angolanos como vejo aqui fazer. Eles foram culpados de muita coisa, é certo, mas quem é capaz de dizer que tem as mãos limpas em questões de colonialismo? Não foram os militares que fizeram o 25 de Abril que fizeram a guerra durante treze anos contra os pretos? Este exemplo, que é bastante simples, é muito bom para ajudar a perceber a questão africana. Mas pelo que vejo ninguém está interessado em compreendê-la. Os responsáveis cometeram os maiores erros em relação à descolonização de Angola e agora, como têm problemas de consciência, tentam desviar as atenções, tentam impedir que a Imprensa noticie com liberdade sobre o que se passa lá.

E quem paga tudo isso somos nós, os portugueses-angolanos, os que lá gastámos a vida, os que ajudámos aquela terra fascinante a desenvolver-se, os que não roubámos, nem matámos. O pão que lá comemos foi bem ganho por nós. As economias que lá juntámos foram bem merecidas.

Agora que chegou lá o caos, a morte, o medo, por culpa que não nos cabe pois não nos ouviram, não quiseram seguir uma política de descolonização específica para Angola (era um crime, via-se logo, repetir em Angola os mesmos esquemas utilizados em Moçambique e na Guiné) é a nós que transformaram em bodes expiatórios. Se não fosse tão dramático, tornava-se cómico! Fazem-nos porque é fácil fazê-lo, porque estamos divididos, traumatizados, não temos força, nem já voz. Fomos transformados em gado aturdido, encurralado em vagões, sem saber o que fazer com ele.

E o que é irónico, é que são os brancos daqui que se estão a tornar racistas em relação a nós. Insultam-nos, troçam de nós, fazem-nos sentir que lhes somos pesados. Eu compreendo que assim pensem dadas as dificuldades que aqui atravessam, o desemprego, as tensões sociais. Mas nós não temos a culpa disso! Se não tentamos conservar a serenidade no meio desta tragédia toda não conseguiremos sobreviver. O meu apelo é pois um apelo de compreensão para todos nós, e por todos vós, é um apelo para que se não comecem a destruir as pessoas só porque são retornadas, pretas, brancas, angolanas, portuguesas, pobres, só porque têm medo e querem voltar. É humano ter hoje medo em Angola. É humano vir embora de lá, fugir de lá.

ARQUITECTURA, PLANEAMENTO, TEORIA/ REVOLUÇÃO OU LOGRO?

Por TOMÁS TAVEIRA

... É de exigir da comunidade intelectual uma vigilância crescente e específica para com os perigos igualmente crescentes e específicos que ameaçam a integridade da cultura, não bastando para tal a elaboração de princípios gerais...

... Mais ainda, a subversão da cultura lança uma ameaça à sociedade em geral. O perigo é particularmente agudo numa sociedade que encoraja a especialização e venera a competência técnica. Em circunstâncias destas são muitas as oportunidades para se fazer abuso do conhecimento e da técnica, ou mais exactamente do pretenso conhecimento e da pretensa técnica.

Há já alguns meses tentavamos chamar a atenção nesta mesma página para o enorme esforço, que o País está a fazer para se reformular, para se assumir com um mínimo de acerto, pelo menos, por uma Europa Socialista, o que envolve que se utilizem as potencialidades neste momento disponíveis, em termos de inteligência teórica, por parte dos diferentes técnicas, artistas e pensadores que o País possui.

Como base mínima, para que toda a lei e ideologia possa conquistar os meios humanos adequados à sua execução e consolidação, para além da retórica, que pode representar uma tentativa, apenas da conquista de uma «politização» do povo, que nada mais será do que uma etapa tão válida e necessária, como todas as outras, que dizem respeito a uma reformulação geral do País e dos seus habitantes, impõe-se que haja uma paralela consciencialização e aprofundamento de acções, que vão da melhoria económica, assistencial, segurança, saúde, ensino e um clima geral de cultura, até à reformulação dos diferentes órgãos administrativos e de controlo das acções governamentais. Será, que uma revolução política, num País onde duas gerações foram anuladas em relação a uma verdadeira experiência da participação, não deverá ser acompanhada por uma revolução técnica, científica e artística?

Será pois, que a produção e a circulação de novos valores sociais e políticos, como os que se observam, derivados da queda de uma organização política tão antiga como o fascismo português não exige que se produzam de igual modo novos valores ao nível intelectual?

Porém sem a pretensão de sermos lidos ou atendidos neste tribunal de má fé, sempre nos parece que alguma atenção merecem os actos, que a si próprios se deveriam classificar de atentórios da moral revolucionária. Por outro lado o próprio Governo deveria exercer uma atenção sobre cada um dos seus elementos, para que se anule o caciquismo o espírito do clan, a atitude falsa, deformadora e até por vezes nas suas extremas consequências quase que reaccionária...

Por despacho do Secretário de Estado do Ensino Superior e Investigação Científica de 24 de Junho de 1975, foi criada uma Comissão Instaladora de uma Faculdade de Arquitectura e Planeamento sem que tivessem sido ouvidos sequer, os elementos mais justamente interessados, e que desde sempre têm pugnado por um ensino Livre, Científico e honesto, como é o caso de alguns professores da E. S. B. A. L., justamente interessados num ensino não baseado nas modas (Neo-Liberty ou Neo-Realismo Italiano) nem nas ideias do clan, que as noites de Whisky da alta burguesia lisboeta hoje metamorfoseada em revolucionária, via católicos progressistas pretende, fora de qualquer perspectiva histórica...

Nesse despacho que citamos segundo cópia que circula na E. S. B. A. L. pode ler-se entre outras passagens o seguinte:

1) É criado um curso de transição para a nova escola, seguindo um plano de estudos experimental que decorrerá entre 1 de Setembro e 31 de Dezembro de 1975.

2) É conferida autonomia administrativa ao Departamento de Arquiectura da ESBAL a partir de tomada de posse do respectivo Conselho Directivo a até 31 de Dezembro de 1975, ficando afecto ao Departamento a parte do orçamento que fora destinada àquele curso e a parte do pessoal que venha a ser acordada com o Conselho Directivo do Departamento de Artes Plásticas e Design da mesma Escola.

3) É criada, na dependência da Direcção-Geral do Ensino Superior, uma Comissão Instaladora da nova Escola de ar-

Continua na pág. 12

Apesar de em má situação OS E.U. MANTÊM-SE NA INDOCHINA

Por WILFRED BURCHETT

Apesar de verem rejeitada a sua política pelos povos da Indochina, os Estados Unidos estão ainda activos naquela área, tentando salvar alguma coisa do naufrágio. As manobras navais conjuntas Estados-Unidos-Tailândia ao largo das costas do Camboja, no fim de Julho, são unicamente um indicador da intervenção contínua dos Estados Unidos com o risco de novas variantes do incidente do «Mayaguez» ocorrido nos meados de Maio. Mais importantes pelas suas implicações, são os planos para continuarem a utilizar os mercenários Meo do notório general Vang Pao, o que ajuda a fórmula de «destabilização» do dr. Kissinger — tão bem sucedida no Chile — contra o Laos. Só a CIA sabe quantos dos que restavam do exército de Vang Pao foram transportados para a base americana de Udon na Tailândia — a menos de 50 milhas (80 kms) do Vietname, capital do Laos. Nenhum dos governos, laociano ou tailandês foi informado acerca desta operação. Tecnicamente os antigos mercenários Meo devem ser todos considerados como «tendo passado ilegalmente a fronteira». O *Bangkok Post* e outros jornais tailandeses do dia 15 de Julho deram, segundo uma «fonte ministerial», a informação de que já havia 34 000 refugiados Meo na Tailândia e que «mais 6000 tentam atravessar para o território tailandês». Esta fuga de informação oficial parece ter sido provocada por uma declaração do primeiro-ministro laociano, príncipe Souvanna Phouma de que o seu governo daria uma «amnistia incondicional» a todos os que tinham fugido. A mesma «fonte ministerial» revelou que os Estados Unidos tinham estabelecido um «fundo secreto» de 150 milhões de dólares, para a fixação permanente do exército privado de Vang Pao na Tailândia. A esmagadora maioria dos 34 000 mais os 6000 são seguramente as mulheres e filhos que tentam juntar-se aos maridos ilegalmente aerotransportados para a Tailândia.

Sabe-se que os agentes das cúpulas da CIA que dirigiram os mercenários Meo, foram transferidos para a Tailândia e que Edgar «Pop» Buell, acreditado como tendo sido quem apresentou o então coronel Vang Pao à CIA e por ter tido um papel relevante no recrutamento de mebros das tribos Meo, para o seu exército, transferiu também o seu quartel general do Laos para a Tailândia. As implicações são suficientemente sérias para que o jornal de língua inglesa de Bangkok, «Voice of the Nation», publicasse em editorial do dia 16 de Julho, que os perigos de repetir uma política antiga só poderam trazer complicações. O ministro dos Negócios Estrangeiros soube — talvez não através das vias normais — continua o editorialista — que as autoridades militares teriam colidido duma maneira oudoutra com os Estados Unidos na utilização dos combatentes Meo aerotransportados do Laos para servirem de força de choque contra possíveis incursões comunistas vindas do Laos... Algo de duvidoso se está a preparar. As autoridades americanas pagaram já uma certa quantia — milhões de dólares — secretamente para subvencionar este projecto clandestino. Mais deplorável, é saber-se que, entre as mais elevadas autoridades militares tailandesas, se trava uma luta para administrar esses fundos. Lembrando duras lições do passado» na tentativa de utilizar uma minoria na luta contra outra, o editorial chega ao ponto crucial «Mais explosiva e completamente ridícula é a intenção, chegada até nós, de manter os combatentes treinados pela CIA, para lutar contra as tropas laocianas, no outro lado do rio Mekong. Este plano não só mostra quanto não somos sinceros para com os nossos vizinhos, como também é um desafio ao Laos que tem acusado a Tailândia repetidas vezes de acolher elementos da direita que tentam sabotar a paz no Laos. Não há grande esperança de êxito numa política externa enquanto as autoridades militares continuarem a fazer o que elas pensam que está certo — apesar da oposição de outras influências sobre este assunto.

O editorial foca um dos aspectos mais alarmantes da situação na Tailândia — o poder das autoridades militares, que continuam a actuar tal como durante as décadas da ditadura militar, independentemente da política do governo. No que se refere às relações com o Laos, são os militares, que ditam e fazem a política externa e não o Ministério dos Negócios Estrangeiros da Tailândia. É precisamente sobre os militares que o Pentágono e a CIA têm a maior influência. Os milhões da CIA passam directamente para as mãos dos generais evitando as vias normais do governo. A CIA, o Pentágono e os militares tailandeses têm interesses comuns em provocar tensões na área e perverter os objectivos proclamados pela política externa tailandesa.

No Ministério dos Negócios Estrangeiros laociano, informaram-me que apesar da Tailândia proclamar que quer ter boas relações connosco, os factos actuais são completa-

Continua na pág. 12

Nacional

ANTES DE PARTIR PARA OS E.U.A.

Carlucci esteve em Belém

O embaixador norte-americano em Lisboa, Frank Carlucci, seguiu ontem para Washington. Vinte e quatro horas antes estivera em Belém a falar com o general Costa Gomes.

Abordado pela ANI, o Presidente da República descreveu da seguinte forma a visita do diplomata:

«Foi uma conversa informal. Ele vai agora para a América, e estivemos a conversar sobre problemas relativos à situação actual do País e às mensagens que eu desejaria que transmitisse ao secretário de Estado, Henry Kissinger. Tratámos de assuntos da situação portuguesa, só. Única e simplesmente as boas relações entre o nosso país e a América.»

A ANI reproduz também declarações do Primeiro-Ministro Vasco Gonçalves sobre a visita de Carlucci:

«A presença do embaixador norte-americano não teve nenhuma relação com a reunião» (do Directório, que se efectuara igualmente no sábado em Belém). «Era uma reunião que já estava prevista. Ele foi chamado aos Estados Unidos e, antes de ir aos Estados Unidos, queria ir falar com o senhor Presidente da República.»

Ouvido pelos jornalistas, o embaixador disse, por sua vez, que regressará em breve a Lisboa. Entretanto, nada transpirou acerca do teor das mensagens referidas pelo general Costa Gomes.

"COMISSÃO DE ANÁLISE" EM QUESTÃO

Documento do M.C.S. não era versão definitiva

O Ministério da Comunicação Social emitiu uma nota oficiosa que esclarece factos relacionados com a origem do documento da autoria daquele departamento criando uma Comissão de Análise dos Meios de Informação. São comentadas, designadamente, as tomadas de posição que sobre ele têm vindo a lume, sobretudo a do grupo de oficiais subscritores do chamado «Documento dos Nove».

A nota chama a atenção para os seguintes pontos:

«1. Considera o Ministério da Comunicação Social que o direito à informação não deve nem pode confundir-se com a publicação de documentos de difusão restrita, pelo que se estranha e lamenta o abuso que neste domínio se tem verificado por diversos órgãos de Informação.

2. O Ministério da Comunicação Social não enjeita a paternidade dum projecto de diploma criando uma comissão de análise para os meios de Informação, o qual deveria ser objecto de apreciação por parte do Conselho da Revolução, apenas rectificando que o texto vindo a lume não coincide com a versão que seria apreciada em Conselho.

3. O referido projecto resulta duma directiva recebida do Conselho da Revolução, através da sua comissão central, em reunião havida com o ministro da Comunicação Social em 30 de Junho de 1975, na qual participaram alguns dos signatários do documento apresentado a Sua Excelência o Presidente da República, directiva essa que foi aprovada por unanimidade e que consta da respectiva acta.»

«FOMENTAR DIVISÕES»

«4. Quando nesse mesmo documento se lê, a dado passo, «como se isto não fosse já bastante, foi-se ao cumulo de preparar um projecto de diploma que, ao instituir uma comissão de análise (e porque não comissão de censura?) servirá de ferro de lança apontado aos últimos e resistentes baluartes da Imprensa livre neste País», factor muito concreto e que bem evidencia quem procura fomentar divisões numa altura em que todos deveriamos estar unidos na tarefa de consolidar a nossa Revolução.

5. Por último, deseja o Ministério da Comunicação Social fazer um apelo ao bom senso, no sentido de cessarem os comentários e tomadas de posição relativamente a projectos cujo espírito não é do conhecimento público e que, por isso mesmo, só dão aso a especulações malévolas que permitem condenações aprioristicas.»

A Secretaria de Estado responde ao Sindicato dos Trabalhadores do Comércio

A Secretaria de Estado do Trabalho, a propósito de uma moção aprovada na reunião dos trabalhadores do comércio do distrito do Porto, convocada pelo respectivo sindicato, em que se censura o secretário de Estado pelo retardamento da publicação do P.O.M. e, ao mesmo tempo, por não admitir «que a tabela salarial, a publicar nesse documento, seja inferior àquela que já foi divulgada» esclarece.

1. — As condições de trabalho constantes da P.O.M. para trabalhadores do Comércio homologadas em 19 de Novembro de 1970 encontram-se desactualizadas.

2. — Considerando a necessidade de proceder à revisão da P.O.M. foi nomeada, para o efeito, uma comissão técnica constituida por representantes do Ministério do Trabalho, dos Caixeiros 4, dos Trabalhadores de Armazéns (2 e das entidades patronais do Comércio e da Indústria (6).

3. — O representante do Ministério do Trabalho promoveu várias diligências para a rápida designação dos representantes interessados, tendo-se mesmo deslocado várias vezes aos sindicatos no sentido de apressar tal designação.

4 — As bases da P.O.M. resultaram de acordo entre os representantes sindicais e patronais, após várias sessões de trabalho intenso e árduo salvo quanto à tabela salarial e ao quadro de densidades para os trabalhadores de armazéns.

«5. — Realizados os estudos necessários e elaborado um projecto de tabela salarial foram convocados novamente os sindicatos e as entidades patronais integradas na comissão técnica para, com base no projecto se encontrar uma plataforma de acordo. Tal acordo não foi alcançado devido à rigidez das posições assumidas.

6. — Nesta reunião, efectuada nos fins do mês de Junho, ficou decidido em acta por todos subscrita que também as associações sindicais aceitavam a arbitragem do Ministério do Trabalho relativamente à tabela salarial».

«Acordou-se ainda que o projecto da tabela salarial, então discutido e entregue à «arbitragem» não seria dado a conhecer a pessoas que não participavam na comissão técnica, a fim de evitar que se criassem nos trabalhadores espectativas que poderiam vir a não ser integralmente satisfeitas.

7. — Porém, o Sindicato dos Trabalhadores do Comércio deu a conhecer aos seus associados o projecto da tabela salarial, não como simples projecto mas como tabela salarial já aprovada pelo Ministério do Trabalho.

8. — Este facto como se compreende, colocou o Ministério do Trabalho perante um facto consumado e criou dificuldades na apreciação do referido projecto da tabela de salários.

9. — Este circunstancialismo introduziu um elemento novo no processo da P.O.M. que embora já assinada, veio retardar a sua publicaçao.

«10. — Prova de tudo isto é, aliás, a afirmação constante da notícia na Imprensa feita pelo sindicato de que «não admite que a tabela salarial a publicar... seja inferior àquela que já foi divulgada».

11. — Esclarecidos os factos e circunstâncias do caso, não pode, de qualquer modo, ser atribuída ao Ministério do Trabalho a responsabilidade pelas consequências e acções originadas no atraso da publicação da P.O.M. para caixeiros e trabalhadores de armazéns.»

Manifestantes de Beja estranham afastamento do cap. Andrade e Silva

BEJA, 11 — Efectuou-se no Estádio Municipal Dr. Flávio Santos, nesta cidade, uma manifestação promovida pelo Sindicato dos Trabalhadores Agrícolas do Distrito de Beja e que teve como objectivo principal exigir a permanência do capitão Andrade e Silva e do furriel Sequeira na Região Militar do Sul, pois, segundo se afirmou, estes militares têm lutado corajosamente pelo avanço da reforma agrária».

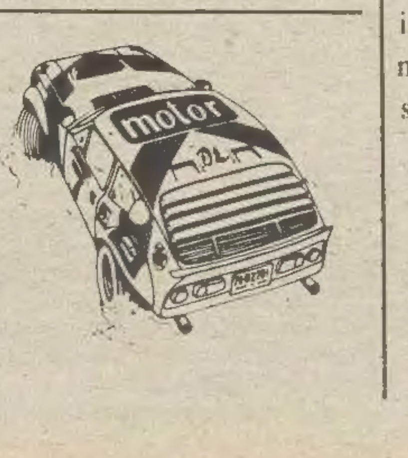
Presentes numerosas pessoas que quiseram deixar claro não estarem dispostas a permitir que a onda de violência reaccionária que se tem estado a verificar no Norte alastre pelo Alentejo.

Durante a manifestação foi aprovada uma moção do seguinte teor, que viria a ser entregue ao Regimento de Artilharia de Beja, ao segundo comandante da unidade, capitão Santos

«Os trabalhadores agrícolas do distrito de Beja tomaram conhecimento do afastamento do cap. Andrade e Silva e do furriel Sequeira, da Região Militar do Sul. Estes militares têm demonstrado, na prática, estar sincera e activamente ao lado do povo trabalhador alentejano. O capitão Andrade e Silva e o furriel Sequeira têm-se distinguido no apoio dado aos trabalhadores contra a sabotagem económica dos grandes agrários, têm lutado corajosamente pelo avanço da reforma agrária. Será por isso que são vítimas do comando da Região Militar? Por que é que dois militares progressistas são afastados do Alentejo? Será assim que se presta justiça aos trabalhadores alentejanos? Será assim que se respeita a vontade do povo trabalhador alentejano na sua justa luta pelo fim da exploração? Os trabalhadores agrícolas do distrito de Beja acreditam que a ordem do comando da Região Militar visa objectivamente enfraquecer os trabalhadores na sua luta. Por isso, reunidos em Beja, em frente do R.A.B., em 9-8-75, afirmam a sua solidariedade sincera e firme ao capitão Andrade e Silva e ao furriel Sequeira. Protestam contra o seu afastamento e esperam, certos de que será respeitada a sua vontade, que tal medida não será executada.»

"NÃO É HORA PARA CHORAR"

Com a colaboração do Cineclube Universitário de Lisboa terá lugar amanhã, pelas 15 h, no Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa, Campo Grande, a exibição e debate do filme realizado por estudantes da Universidade do Chile no tempo de Allende — «Não É Hora para Choran». Este filme retrata um contecimento de grande impacto na luta revolucionária do povo brasileiro: a tortura, a resistência e a morte de 4 elementos do Comité Central do Partido Comunista do Brasil em 1973, que constituiria o marco de arranque da luta popular armada neste país.



"SOLDADOS IMPEDIRAM UM GOLPE EM PORTUGAL"

Na nossa edição de 8 de Agosto corrente, numa tradução que fizemos de um artigo do «The Guardian», a que demos o título «Soldados impediram um golpe em Portugal», afirma-se no terceiro parágrafo que o Regimento de Artilharia de Cascais seria utilizado para a execução de um sinal que impediria a entrada no Tejo das unidades fiéis da Armada Portuguesa. Ora acontece — segundo nos informam — que o sinal nunca seria dado por aquele Regimento, e talvez eclodisse próximo, isso sim, daquela Unidade, «sendo ao mesmo alheio a guarnição do Regimento de Artilharia de Cascais».

O Brasil recebeu 800 portugueses

BRASÍLIA, 11 — (F. P.) — No primeiro semestre deste ano cerca de 800 portugueses oriundos de Portugal, Angola e Moçambique emigraram para o Brasil a fim de fixarem residência no país.

Este número foi revelado pelo Ministério das Relações Exteriores, que acrescentou não estarem incluidos nele os portugueses que porventura tenham vindo de outros paises.

«O Governo brasileiro» — informou o porta-voz do Ministério — «tem dado todas as facilidades para os portugueses que solicitem vistos permanentes para fixar residência no Brasil».

No Brasil, ainda segundo o porta-voz funcionam também organizações particulares da colectividade portuguesa que se incumbem de acolher esses novos imigrantes e de ajudá-los a reorganizar a sua vida.

O caso Alípio de Freitas

RIO DE JANEIRO, 11 — (A. N. I.) — O cônsul-geral de Portugal no Rio de Janeiro, dr. António Pinto da França, «no quadro das suas atribuições de protecção consular aos nacionais portugueses» visitou esta semana o ex-padre Alípio de Freitas na Penitenciária de Bangú, para onde foi aquele democrata transferido recentemente da Ilha Grande, onde se encontrava.

Pinto da França esteve com Alípio de Freitas durante uma hora e encontrou-o de boa saúde, tendo o ex-sacerdote afirmado que estava ali em melhores condições.

Água sem grande perigo

Não se reveste de grande gravidade como chegou a temer-se, a detecção de um embrião colérico nas águas do Mondego.

Deste modo, é certo que deve ser evitado o banho nas águas do rio, jusante da cidade, mas nao há qualquer motivo de alarme quanto à água distribuída pela Estação Elevatória da Boavista, que abastece Coimbra.

Em SETÚBAL o DIÁRIO DE LISBOA vende-se na TABACARIA LOUREIRO

BRASÍLIA

UM ÊXITO QUE SE REPETE

Em EXPOSIÇÃO até às 23 horas — Dias úteis

AUTO MONUMENTAL DO AREEIRO

Av. Padre Manuel da Nóbrega, 10-A — Lisboa

SINDICATO DOS TRABALHADORES DE ESCRITÓRIO DO DISTRITO DE LISBOA

COMUNICADO

Comunica-se a todos os sócios que o Caderno Eleitoral com os nomes dos trabalhadores que poderão intervir no acto eleitoral de 30/8/75, se encontra exposto na sede do Sindicato, onde poderá ser consultado, no seguinte local e horário:

Rua Braancamp, 9 - 1.º (Sala 111) das 9 às 12 horas e das 14 às 23 horas.

Lisboa, 9 de Agosto de 1975.

O PRESIDENTE DA MESA DA ASSEMBLEIA GERAL

EXTERNATOS

SÃO VICENTE
Rua Edith Cavell, 8 (ao Chile) - tel. 84 88 64/5

MARQUÊS DE POMBAL
Rua Morais Soares, 93 - tel. 82 02 21/83 46 58

ÁLVARES CABRAL
Avenida Grão Vasco, 1 - (Benfica) - tel. 70 69 74/5

- CICLO PREPARATÓRIO
- CURSOS LICEAIS — GERAL E COMPLEMENTAR
- CURSO GERAL ADM. E COMÉRCIO
- CURSOS C/ PROGRAMAS PRÓPRIOS (EM PREPARAÇÃO)

Aulas de MANHÃ — TARDE — NOITE

Inscrições abertas para o próximo ano lectivo

CURSOS DE FÉRIAS

AGOSTO — SETEMBRO

(Exames de 2.ª época)

SINDICATO BANCÁRIOS LISBOA

ASSEMBLEIA GERAL

(Sessão Extraordinária)

CONVOCATÓRIA

Convocam-se os sócios deste Sindicato para uma Sessão Extraordinária a realizar no próximo dia 11 (Segunda-Feira), às 21 horas, no Pavilhão dos Desportos, em Lisboa, com a seguinte:

ORDEM DE TRABALHOS :

Ponto único — UNIFORMIZAÇÃO DAS NORMAS CONTRATUAIS E EXTRACONTRATUAIS (NIVELAMENTO)

Lisboa, 6 de Agosto de 1975

Pelo Secretariado da Mesa da Assembleia Geral
Francisco Teodósio Juradinho Serrano

SINDICATO DOS ADMINISTRATIVOS DA MARINHA MERCANTE, AERONAVEGAÇÃO E PESCA

CONVOCATÓRIA

Conforme o anteriormente anunciado, convocam-se todos os sócios a comparecer no próximo dia **11 de Agosto, pelas 21 horas, no «Teatro Maria Matos»** para realização de uma Assembleia Geral Extraordinária, que terá a seguinte ORDEM DE TRABALHOS :

PONTO ÚNICO — Análise e decisão sobre o pedido de demissão dos corpos gerentes.

NOTA — Chama-se a atenção de todos os trabalhadores para a importância da sua participação activa e crítica nesta Assembleia de modo que as resoluções sejam as mais correctas no sentido da defesa e reforço da sua organização de classe.
(Todos os trabalhadores deverão identificar-se para participerem nos trabalhos).

NOS SINDICATOS E NA PARTICIPAÇÃO ACTIVA E ORGANIZADA A FORÇA DOS TRABALHADORES

Lisboa, 6 de Agosto de 1975.

Pel'O Presidente da Mesa A. G.
João Franca

EX LEO BURNETT

CONVOCAM-SE TODOS OS CREDORES DA EX LEO BURNETT PARA UMA REUNIÃO NO PRÓXIMO DIA 12/8 ÀS 16 E 30 HORAS NA ESTRADA DE BENFICA, 239

Geral

O presidente Valéry Giscard d'Estaing, da França, que se tem distinguido pela sua atitude de aberta desconfiança em relação ao processo revolucionário português encontrou-se com Mobutu. Fontes francesas bem informadas revelaram que os dois presidentes discutiram o problema de Angola. (Telefoto UPI-Telimprensa)

BUREAU POLÍTICO DO M.P.L.A.

F.N.L.A. PERDEU DIREITO DE PARTICIPAR NO GOVERNO DE TRANSIÇÃO

Pelo Bureau Político do M.P.L.A. foi distribuída, em Luanda, a seguinte declaração:

1.º — Desde o início que a Frente Nacional de Libertação de Angola — F.N.L.A. tem demonstrado pela prática de actos violentos e intimidativos, pelo uso de uma linguagem agressiva e intolerante, pela prática constante da corrupção, numa palavra, por uma actuação do tipo nazi-fascista, que a sua intenção nunca foi outra senão a tomada do poder pela força.

2.º — Para atingir esse objectivo a F.N.L.A., já enfeudada ao capitalismo internacional através do Governo ditatorial do Zaire, depois da sua entrada em Angola, lançou mão de todos os meios políticos e militares fossem eles quais fossem e designadamente alianças com o capitalismo interno e uso de serviços de elementos reaccionários e criminosos tais como a P.I.D.E. -D.G.S. e da OPVDCA:

3.º — Encontrando pela frente uma resoluta vontade popular, consciente dos seus direitos através de uma longa luta revolucionária encabeçada pela sua vanguarda, o **Movimento Popular de Libertação de Angola** — M.P.L.A., logo se tornou claro à F.N.L.A. que a tomada do poder pela força tinha que passar pela destruição do próprio M.P.L.A., isso explicando o envolvimento estratégico que o Exército de Libertação Nacional de Angola — E.L.N.A. tentou fazer de todas as posições do M.P.L.A., concretizando-se ultimamente até nos inadmissíveis assaltos aos arsenais do Corpo de Polícia de Angola — C.P.A., nalgumas cidades angolanas.

4.º — A resistência popular contra um invasor imperialista — enquadrado e constituído em grande parte por zairenses — e a sua determinante rejeição de métodos de odiosa repressão, apoiada na organização política do M.P.L.A. e o seu braço armado, as heróicas Forças Armadas Populares de Libertação de Angola — F.A.P.L.A. exasperaram a clique dirigente da F.N.L.A., obrigando-a a desmascarar-se e a expor abertamente os seus métodos de violência.

5.º — Assim é que, logo após os acordos de Nakuru e no próprio dia em que prestou juramento em Cabinda a 1.ª Companhia do Exército Angolano, o membro do Colégio Presidencial e mais alto responsável da F.N.L.A. em Angola, Johnny Pinnock Eduardo, declarou que o E.L.N.A. se manteria e seria reforçado.

Assim é que o pretenso «Chefe Supremo da Revolução Angolana», Holden Roberto, declarou: «a todos os militantes... devemos dizer que, contra o M.P.L.A., a palavra de ordem é guerra total em todos os pontos de Angola e em todas as frentes... aos irmãos do E.L.N.A., a nossa ordem é que mantenham fogo sobre o inimigo em todas as frentes porque a nossa luta neste momento é definitiva».

Assim é que Daniel Chipenda, o inimigo que a F.N.L.A. e o imperialismo internacional lançaram no seio do M.P.L.A. tentando provocar a sua desagregação, declarou no Uige que o avanço das tropas do E.L.N.A. visava não apenas conquistar Luanda mas tomar conta do poder; e simultâneamente, Johnny Eduardo, declarou em Kinshasa à Imprensa internacional que voltaria a Luanda não como membro do Governo mas como comandante das tropas do E.L.N.A.

Assim é que, finalmente, o Ministro Samuel Abrigada, na escandalosa carta enviada a Holden Roberto, recentemente revelada, afirma que esperava a entrada «triunfal» daquele em Luanda para tomar o poder.

6.º — Paralelamente à agressão militar, os elementos mais destacados da F.N.L.A. no Governo de transição deixaram de comparecer às sessões do Conselho de Ministros, mantendo-se a F.N.L.A. em alguns postos ministeriais com um único objectivo de saquear o erário público e controlar sectores vitais da economia angolana, de que é exemplo a criminosa sabotagem económica levada a cabo pela F.N.L.A. através dos Serviços de Comércio.

7.º — Com esta sua conduta a F.N.L.A. tem frontalmente violado os Acordos de Alvor, que partiram do pressuposto de que os Movimentos de Libertação actuariam dentro de Angola na casa do respeito recíproco da identidade política de cada um e da tolerância ideológica.

8.º — Violando o artigo 3.º do Acordo de Alvor a F.N.L.A. atenta contra a unidade territorial de Angola, estabelecendo nas Províncias do Uige e do Zaire, para onde obrigaram a retornar os seus naturais, o seu poder polítitico absoluto separado do poder central, destruindo todo o seu sistema político — administrativo, eliminando o controlo aduaneiro das fronteiras com o Zaire por onde entram e saem livremente pessoas e mercadorias, dirigindo abusivamente as delegações do Banco de Angola, apoderando-se do Emissor Regional do Uige, etc realizando, na prática, a secessão de uma parte do território angolano.

9.º — Violando o artigo 6.º do Acordo de Alvor, que impõe o cessar fogo entre o Exército Português e os Movimentos de Libertação, a F.N.L.A. sistematicamente desencadeou acções militares contra o M.P.L.A., terminando por declarar-lhe, abertamente, a guerra.

10.º — Com o abandono do Governo de Transição, a F.N.L.A. impediu o seu funcionamento previsto em todo o Capítulo III, Artigos 14.º a 27.º do Acordo de Alvor, lançando o país para o caos económico e social, forma de que o imperialismo se serve para atingir os seus desígnios.

11.º — A F.N.L.A., desrespeitando o artigo 38.º do ACordo de Alvor, chamou a si, em exclusivo, o problema dos refugiados e pessoas reagrupadas, isolando-os de qualquer contacto com as autoridades constituídas, impedindo o trabalho da respectiva Comissão e apropriando-se, através do Ministro da Saúde e Assuntos Sociais, dos fundos que àquela Comissão competiria administrar, desprezando e abandonando os próprios refugiados numa situação de atroz miséria.

12.º — Instalando um regime de terror em todo o país e visando a hegemonia militar, a F.N.L.A. procura efectivamente tornar impossível qualquer consulta eleitoral ao povo angolano em que este se possa manifestar livremente, tal como prevê o Capítulo VI do Acordo de Alvor, Artigos 40.º a 44.º.

O ataque sistemático e a intolerância política, dirigidos contra o M.P.L.A., seus militantes e simpatizantes, impossibilita qualquer trabalho eleitoral nas áreas dominadas pela F.N.L.A.

O atropelo a um processo eleitoral genuíno vinha manifestado no projecto proposto pela F.N.L.A. à Comissão Central em que os cadernos de recenseamento dos eleitores seriam confeccionados pelos próprios Movimentos de Libertação e em que as Assembleias de voto seriam controladas por elementos armados.

A oposição a uma consulta popular, pela qual a F.N.L.A. hipocritamente diz que se bate, culminou com a impossibiliade da publicação da Lei Eleitoral — aliás saída do projecto apresentado pelo M.P.L.A. — em virtude da recusa da sua assinatura por Ministros da F.N.L.A.

13.º — Por último, a F.N.L.A., sistemática e permanentemente, tem vindo a violar princípios consagrados na Carta da O.N.U. e na Declaração Universal dos Direitos do Homem que foram reitorados pelo Art.º 59.º do Acordo do Alvor, pela lei Fundamental e pelo Acordo de Nakuru, atentando selvaticamente contra todos os direitos e liberdades da pessoa humana.

14.º — Em face desta posição belicista da F.N.L.A., do seu desígnio de se apoderar do poder pela força, dos ataques movidos contra o M.P.L.A. e contra a totalidade do povo, da inequívoca declaração de guerra feita pela F.N.L.A. ao M.P.L.A., do desprezo a que a F.N.L.A. votou o Acordo de Alvor e todos os restantes compromissos que subscreveu, da sua acção repressiva e desumana contra as liberdades individuais e colectivas, do seu carácter antinacional e antipopular de partido sediado no estrangeiro e daí comandado

— O MOVIMENTO POPULAR DE LIBERTAÇÃO DE ANGOLA — M. P. L. A. E O POVO ANGOLANO CONSIDERAM QUE A FRENTE NACIONAL DE LIBERTAÇÃO DE ANGOLA — F. N. L. A. PERDEU O DIREITO DE PARTICIPAR DO GOVERNO DE TRANSIÇÃO FORMADO SEGUNDO OS ACORDOS DE ALVOR.

Nacional

INCIDENTES EM BRAGA

Continuação da pág. 1

sos de Margarida de Almeida e Joaquim Pacheco, D.Feancisco Manuel de Almeida tomou a palavra no meio de um entuziasmo crescente «Há vonte séculos tremula em toda a metrópole de Braga e em toda a Europa, a bandeira de Cristo, que é a sua cru» disse, e protestou que por serem cristãos é que os presentes se encontravam ali reunidos no mesmo local em que se tinham reunidos os seus avós. estamos aqui», afirmou ainda, «porque depois de tantos ultrajes, decidimos assumir, colectivamente, as nossas responsabilidades. Estamos aqui para mostrar publicamente, inequivocamente, o que queremos e o que rejeitamos».

Não é possível determinar o momento exacto em que o apoio dos manifestantes às palavras do arcebispo tomou uma feição política mas, a partir de certa altura, começou a ouvir-se «Abaixo o comunismo!», «Fora o comunismo!» e outras frases claramente indicativas de que a manifestação estava a assumir om carácter político. Em síntese, D.Francisco Manuel da Silva definiu os propósitos dos manifestantes, dizendo: «Queremos autoridades mandatadas pelo povo como seus representantes e não tutores», Queremos liberdade de ensino», Queremos moralidade pública e respeito pelos valores morais», «Queremos amor, paz e solidariedade» e «Está em jogo, sim, única e simplesmente, a liberdade da nossa Pátria, a prática da religião, os direitos fundamentais da pessoa humana».

No final deste discurso, que foi entusiasticamente apluadido, o dr. Luís Soto Maior entregou ao Arcebispo Primaz listas com 100 000 assinatoras colhidas no distrito, em que se pode a restituição da Rádio Renascença à Igreja. Para terminar, foram lidos telegramas enviados ao Papa, ao Presidente da República e ao Presidente da Conferência do Episcopado.

DISPERSÃO PACÍFICA DA MULTIDÃO

Não será exagerado dizer que, terminada a manifestação, a grande maioria dos presentes dispersou sem incidentes e que muitos dos que se tinham mostrado apreensivos começaram a congratular-se com a forma pacífica em que tudo decorrera. Grande parte da multidão que participava no desfile e que estivera junto da Sé, dirigiu-se para a Praça Conde de Água Lombo onde se encontravam estacionadas as camionetas utilisadas no transporte dos forasteiros. O ambiente parecia desanuviado, ouvindo-se risos e comentários amenos aos acontecimentos. Voltaram a aparecer cestos e farneis e via-se, junto às camionetás, grupos de pessoas que aguardavam a partida comendo e bebendo alegremente.

PRIMEIROS INCIDENTES JUNTO À SEDE DO P C P

Não se sabe por enquanto, se os incidentes que viriam a perturbar a ordem estavam planeados de antemão, isto é, se havia quem estivesse preparado para aproveitar a manifestação organizando um assalto à sede do P. C. P. ou se, pelo contrário, estes incidentes ocorreram ocasionalmente. O que se pode dizer é que, pouco tempo depois da manifestação, um grupo relativamente pequeno dirigiu-se à Praça Conde Agrolongo, onde se encontra a sede do P. C. P. e insultou alguns dos militantes desse partido que se encontravam à varanda.

Segundo informações fidedignas, os militantes que se encontravam no edifício resistiram às provocações que lhes foram dirigidas tentando evitar incidentes mas, como estas aumentassem alguns deles acabaram por responder e, assim, a fúria dos atacantes aumentou. Vários indivíduos treparam então à varanda e, tendo arrancado a bandeira do partido, rasgaram-na e queimaram-na ali mesmo, enquanto um outro grupo se lançava contra a porta do edifício obrigando os que se encontravam no interior a defender-se a tiro de caçadeira. Os tiros e a gritaria atrairam mais gente ao local que reforçou o ataque aos sitiados.

A SEGUNDA FASE DOS INCIDENTES

Perante o novo assalto, os guardiões da sede recorreram outra vez às caçadeiras e voltaram a disparar sobre os manifestantes, atingindo, várias pessoas. Cerca da meia-noite chegaram ao local as primeiras forças do Copcon, vindas expressamente do Porto em 4 «Chaimitas» e duas «Derliete», que dispersaram a multidão disparando para o ar algumas rajadas de metralhadora e arremessando gases lacrimogéneas conseguiram dispersar a multidão que confluiu para o Campo onde como resultado da confusão se registaram ferimentos.

Só por volta das duas horas da manhã é que os ânimos serenaram e que Braga voltou, finalmente, à normalidade.

À hora de fecharmos o jornal encontravam-se cerca de 100 pessoas em frente da sede do P. C. P. lendo os jornais da manhã e observando um automóvel destruido durante os incidentes de ontem.

UM POLÍCIA EM ESTADO GRAVE

Por volta da 1.30 da madrugada deu entrada no Hospital de S. João do Porto o guarda da P. S. P. de Braga Fernando Alves Martins, de 40 anos de idade, casado, que foi operado meia hora depois pelo dr. Calheiros Lobo. De acordo com as últimas notícias obtidas, o ferido tinha uma bala alojada num pulmão e encontra-se em estado grave.

Ao todo, foram atingidas 28 pessoas, das quais 4 se encontram hospitalizadas. Em Braga, recolheram ao Hospital de S. Marcos 3 feridos tendo sido amputada uma perna a Maria Glória da Costa e Silva, de 32 anos, casada, doméstica. Dois dos feridos encontram-se, ainda, em observação.

A lista total dos feridos é a seguinte:

. Fernando Flores da Quinta, de 15 anos, de A-Ver-o-Mar. Póvoa de Varzim, Maria da Conceição Reis Pinto, de 18 anos, cabeleireira, da Rua da Cruz da Pedra, 47, Braga, José Vieira da Costa, de 18 anos, Avenida Artur Soares Braga, António Pedro Barbosa, de 17 anos, de Telosa, Braga, José Pinheiro Barroso, de 20 anos, serralheiro, da Rua da Alvim Pais, Braga, João Carvalho Vaz, de 11 anos, de Arnoso, Famalição, Joaquim Rodrigues Rato, de 35 anos, ajudante de motorista, de Souteio, Vila Verde, António Ferreira Gomes, de 48 anos, entalhador, de S. Martinho de Dume, Braga, José Reis Tinoco, de 43 anos, da Rua de Nossa Senhora do Leite, Braga, Adelino Silva Pereira, de 25 anos, agricultor, das Taipas, Guimarães, António José Loureiro, de 71 anos, agricultor, de Merelim, Braga, Manuel António Ribeiro, de 31 anos, tecelão, de S. Martinho de Dume, Bragà, Joaquim Barroso Neves, de 26 anos, pescador, de A-Ver-o-Mar, Póvoa do Varzim, José Ferreira Neiva, de 21 anos, da Avenida Artur Soares, Braga, Eimar Braaphem, operador da TV norueguesa, e repórter fotográfico francês.Jacques Baker.

INCENDIADAS AS INSTALAÇÕES DO P.C.P.

O Centro de Trabalho do Partido Comunista Português em Braga, começou a ser devorado pelas chamas às 11 e 30 — segundo últimas informações recebidas daquela cidade.

Os militantes que se encontravam no interior do edifício resistiram até ao último momento ao asalto de grupos reaccionários, que alguns dos quais armados que disparavam e disparassem contra as portas e janelas. Os militantes responderam ás agressões e do recontro resultaram 8 feridos que se encontram no hospital da cidade..

As forças militares só compareceram quando as chamas tinham irrompido, tendo os atacantes obstado à acção dos bombeiros.

Situação de perigo: ao lado do Centro de Trabalho incendiado, existe uma bomba de gasolina, pronta a explodir a todo o momento.

TELEGRAMA ENVIADO AO CHEFE DO ESTADO

«Senhor Presidente da República: Mais de cem mil cristãos da Arquidiocese de Braga reunidos numa manifestação de apoio ao Episcopado, na pessoa do seu arcebispo, exprimindo a sua unidade de consciência cristã e de exigência da liberdade na orientação dos seus próprios meios de comunicação social, nomeadamente da Rádio Renascença, vem como cidadãos portugueses representando, naturalmente, a maioria da população Minhota, exigir de V. Ex.ª e do poder público que V. Ex.ª chefia, o real e efectivo respeito pelas liberdades fundamentais da pessoa humana, tantas vezes violentadas nos últimos meses, em especial: direito à Informação, a uma Rádio, Imprensa e mesmo Televisão honestas e livremente dirigidas, direito à justiça, ao «habeas corpus» ao julgamento correcto e imparcial; direito ao ensino, sendo reconhecido aos pais o direito de ver a orientação dos seus filhos, à Igreja o direito de se exprimir e de agir livremente etc...

Defendemos o direito à paz e à ordem social, não permitindo mais a sua violação por min 'as activistas pretendendo f ar arrogántemente em nome de um povo que não representam e que se não deixará dominar, iludir ou limitar na defesa das suas próprias ideias, querenças, cultura, costumes e esperanças. O povo aqui reunido manifesta, ainda, perante V. Ex.ª a sua fraternal solidariedade para com os desalojados de Angola e de Moçambique, tanto para os que já aqui reiniciam dolorosamente uma nova vida, como para aqueles nossos irmãos que ainda por lá sofrem de violências sem nome. Que V. Ex.ª possa orientar o Poder de harmonia com os nítidos e bem conscientes desejos do povo que somos, isto é, de liberdade, de respeito, de ordem e de paz para todos nós».

Agredidos no palco elementos do T.E.U.C.

COIMBRA, 11 — — Foram insultados e agredidos à pedrada os elementos do Teatro dos Estudantes da Universidade de Coimbra, quando representavam a peça «Portugal com P de Povo», num campo de férias pertencente à Associação Cristã da Mocidade.

Num comunicado emitido a propósito pelo referido organismo associativo, é verberada a atitude de um «bando de reaccionários acoitados num campo de repouso da Associação Cristã da Mocidade, usufruindo ainda dos seus privilégios de classe, que a todo o custo tentam conservar».

Refere-se ainda no documento que o espectáculo, a dado momento, foi interrompido por esses elementos, que aos gritos e insultos agrediram elementos do Teatro dos Estudantes à pedrada. Esta atitude originou uma «confrontação violenta» com a população local, a quem era dirigido o espectáculo.

PENAFIEL

Identificado um assaltante das sedes do P.C.P. e M.D.P.

PENAFIEL, 11 — A P.S.P. deteve um dos indivíduos que, na madrugada de ontem, assaltaram o centro de trabalho do P.C.P., e que em seguida se dirigiram à sede local do M.D.P./C.D.E., onde destruiram o recheio. O detido, Manuel Fernando Ferreira Rodrigues, de 55 anos, solteiro, residente nesta cidade, depois de identificado, foi posto em liberdade, tendo-se apresentado esta manhã no tribunal, a fim de prestar declarações.

Em comunicado dirigido ao povo desta cidade, a comissão concelhia do P.C.P., relativamente àqueles assaltos, afirma, nomeadamente:

. «Mais uma vez a reacção mostrou as suas verdadeiras intenções. Bandos terroristas a soldo do capital e do caciquismo assaltaram criminosamente o centro de trabalho de Penafiel.

A quem na verdade prejudica a política do P.C.P.? É aos operários ou aos senhores da terra? É aos grandes senhores da terra pois estes não poderão continuar a explorar os seus trabalhadores.

E é por isso que os capitalistas incentivam e compram os trabalhadores menos esclarecidos para praticarem actos como este, pois tem medo de o fazer. Enquanto o Augusto Vieira, o «Zéquinha» da Farmácia Ricardo Feles, António Marceneiro, «Zé» Ribeiro, e outros reaccionários destacados, pelas suas ligações ao fascismo, manobraram as operações terroristas na sombra, o Eduardo Ferrador, o António Penas («Fifas), o Domingos Roscas, o «Zé» Ribeiro além de outros lacaios e carrascos dos primeiros, destruiram selvaticamente a propriedade alheia perante a passividade das forças da ordem.

Que estes actos vão ser severamente punidos, disso não temos duvidas, a revolução cilindrará todos os fascistas e seus lacaios.»

É de referir que, há dois dias a sede do M.D.P. em Penafiel foi alvo de uma tentativa de assalto que não chegou a concretizar-se devido à intervenção da P.S.P.

FAFE

Q.G. do Porto não revela identidade dos detidos

PORTO, 11 — O Quartel-General da Região Militar do Porto ainda não revelou a identidade dos seis indivíduos detidos por forças militares quando da tentativa de assalto à sede do P. C. P. em Penafiel, os quais prestaram ali declarações, não se sabendo ainda o resultado dos interrogatórios.

Entretanto, e segundo informações de Fafe, a vila parece ter voltado à normalidade, continuando a sede do P. C. P. ocupada por militantes do partido e sob «vigilância discreta» da G. N. R. e da P. S. P.

Quanto aos feridos nos incidentes, e que se encontram no Hospital de S. João, registaram algumas melhoras. O funeral de José Manuel de Sá Magalhães só deverá realizar-se amanhã, uma vez que o cadáver só hoje foi autopsiado no Instituto de Medicina Legal.

TOMAR

Assembleia popular agitada por caciques

TOMAR, 11 — Indivíduos identificados como caciques locais provocaram acalorada discussão com os promotores da assembleia popular efectuada ontem à tarde, nesta cidade, e que tinha por objectivo a eleição pelo povo de uma comissão administrativa da Câmara Municipal. O povo abandonou a sala e nada se decidiu, pelo que o plenário foi adiado para 14 de Setembro.

A realização da assembleia é devida ao facto de, acusada de incompetência, a comissão administrativa da Câmara ter pedido a sua demissão, que foi recusada pelo governador civil de Santarém. Não obstante, o povo de Tomar reivindica o direito de ele próprio eleger os dirigentes da sua autarquia.

Em Lamego

Outra manifestação ao episcopado

LAMEGO, 11 — Alguns milhares de pessoas desfilaram ontem à tarde, pelas ruas da cidade, em direcção à Sé, empunhando cartazes favoráveis à liberdade de ensino, de Informação e religiosa e pedindo a restituição da Rádio Renascença ao Episcopado. A manifestação foi convocada pelo laicado da diocese, tendo os manifestantes sido recebidos pelo Arcebisto-Bispo D.António Xavier Monteiro e pelo prelado resignatário.

Foi ainda decidido adquirir uma viatura de reportagem para o Rádio Renascença do Porto, cujos trabalhadores não se solidarizaram com a posição dos seus camaradas de Lisboa.

D.António Xavier Monteiro, ao agradecer aos manifestantes o seu apoio à Igreja, lembrou que o «25 de Abril» se fez para restituír as liberdades ao povo português, apelando em seguida para que sejam concretizados os seus anseios: «liberdade e melhoria de nível de vida do rural, que continua desfavorecido em relação ao trabalhador da cidade».

AUDICONSULTE, LDA.

Gabinete de Auditoria e Consulta

NOTARIADO PORTUGUÊS

Nono Cartório Notarial de Lisboa

A CARGO DA NOTÁRIA LICENCIADA MARIA ALICE RIBEIRO FERNANDES

CERTIFICO: para efeito de publicação: — Que, por escritura de vinte e sete de Junho do ano de mil novecentos e setenta e cinco, lavrada de folhas dez verso a folhas dezanove do livro E — Cinquenta e sete das notas deste Cartório, foi construída entre António Joaquim Silvão, Augusto Brites Mimoso, Carlos Manuel de Almeida Ruivo de Carvalho, Francisco Augusto dos Santos, Nuno Bonfim de Matos e Guilherme Adrião, uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, denominada Gabinete de Auditoria e Consulta, Audiconsulte, Limitada, com sede em Lisboa na Rua Nogueira e Sousa, número oito, primeiro andar, da qual ficaram sendo sócios e que se regerá pelo pacto constante dos artigos seguintes:

ARTIGO PRIMEIRO

UM. É constituída uma sociedade por quotas com a denominação de «Gabinete de Auditoria e Consulta, Audiconsulte, Limitada», com sede em Lisboa, na Rua Nogueira e Sousa, número oito, primeiro andar, sendo a sua duração por tempo indeterminado com início na data da presente escritura.

DOIS. Por simples deliberação da assembleia geral, pode a sociedade abrir filiais, agências ou sucursais em qualquer parte do país ou do estrangeiro, e bem assim transferir a sede para qualquer outro local.

ARTIGO SEGUNDO

UM. Constitui objecto social a execução de trabalhos nos campos de auditoria contabilística, análise financeira, estudos de organização de empresas públicas ou privadas, consultadoria de gestão económica e financeira, formação em matérias contabilísticas, financeiras, fiscais e organizacionais, peritagens económicas e financeiras, estudo e implantação de contabilidades, bem como a sua execução sob responsabilidade de técnicos de contas, avaliação de empresas, estudos de fusão, concentração e cisão de empresas e outros de natureza análoga.

DOIS. A sociedade pode também representar outras empresas por simples deliberação de assembleia geral e do mesmo modo poderá dedicar-se a qualquer ramo de actividade bem como tomar participações noutras sociedades, seja qual for o seu ramo de negócio.

ARTIGO TERCEIRO

UM. O capital social é de cento e cinquenta mil escudos, representado por seis quotas de vinte e cinco mil escudos cada, pertencendo uma a cada um dos sócios e encontrando-se realizado em cinquenta por cento em dinheiro, devendo o restante ser realizado também em dinheiro, por uma ou mais vezes, no prazo máximo de um ano a contar da data da presente escritura e em datas a fixar em assembleia geral.

DOIS. Não serão exigíveis prestações suplementares de capital mas os sócios poderão fazer suprimentos à sociedade mediante condições a estabelecer por deliberação a tomar em assembleia geral.

TRÊS. A sociedade pode adquirir quotas próprias e realizar quanto a elas, no todo ou em parte, quaisquer transações, ficando desde já dispensado o consentimento especial da sociedade para as divisões necessárias para esse efeito.

QUATRO. Os sócios fundadores, em primeiro lugar e sucessivamente a sociedade e os restantes sócios gozam do direito de preferência na aquisição de qualquer quota da sociedade.

CINCO. O cedente notificará individualmente os preferentes (sócios fundadores) e a sociedade por carta registada com aviso de recepção, indicando o preço da cessão, as condições de pagamento e o nome do cessionário.

SEIS. Nos quinze dias seguintes à recepção da carta, a sociedade convocará todos os sócios para uma reunião, na qual, primeiro os sócios fundadores, presentes ou representados, depois a sociedade em assembleia geral e seguidamente os outros sócios, decidirão se desejam exercer a preferência. A resolução tomada deverá ser imediatamente transmitida ao sócio cedente ou seu legal representante, por carta registada com aviso de recepção.

SETE. No caso de ninguém desejar exercer o direito de preferência, o cedente fica autorizado a vender a quota ao promitente comprador que indicar na carta de notificação enviada aos sócios e à sociedade. A referida autorização caduca ao fim de quarenta e cinco dias da data da notificação mencionada no número cinco deste artigo.

OITO. Se houver vários preferentes será a quota dividida entre eles igualmente ou como entre si acordarem e, se não for divisível em partes iguais será então repartida em partes desiguais mas de valor tão próximo quanto possível, procedendo-se depois a sorteio entre os preferentes interessados.

NOVE. O preço da cessão será pago aquando da celebração da escritura, a qual será marcada pelo cedente dentro dos quarenta e cinco dias subsequentes à notificação mencionada no número cinco deste artigo mas não antes de decorridos quinze dias sobre a declaração de preferência. Fixada a data, o cedente notificará por escrito o preferente.

DEZ. Só a divisão e a cessão de quotas a estranhos carece de autorização da sociedade.

ONZE. A inobservância das normas referidas nos números quatro a nove deste artigo torna nula e de nenhum efeito a cessão e dá aos preferentes pela ordem estabelecida no número quatro deste artigo o direito de adquirir a quota pelo valor contabilístico expresso no último balanço aprovado, mediante depósito em dinheiro na Caixa Geral de Depósitos à ordem do titular da quota, efectuado nos trinta dias subsequentes à data em que a sociedade tiver conhecimento de tal cessão.

DOZE. O valor da quota, para efeitos de preferência estabelecida no número quatro deste artigo, não poderá ser superior ao valor contabilístico expresso no último balanço aprovado acrescido de uma majoração de cinquenta por cento. Mas em tal caso o cedente pode exigir, a expensas suas, avaliação nos termos do parágrafo primeiro do artigo sétimo dos Estatutos para determinar o valor patrimonial da sua quota.

ARTIGO QUARTO

UM. A Assembleia Geral é o órgão supremo da sociedade e as suas deliberações serão obrigatórias para todos os sócios, ainda que ausentes, dissidentes ou incapazes, quando não contrariem preceitos legais ou do pacto social.

DOIS. Para dirigir os trabalhos em Assembleia Geral serão eleitos na primeira reunião de cada ano, um Presidente e dois Vice-Presidentes (um primeiro e outro segundo).

TRÊS. Ao Presidente e aos Vice-Presidentes é facultado acompanhar ao longo do exercício os actos sociais. Os dois Vice-Presidentes e pela ordem de designação substituirão o Presidente nas ausências ou impedimentos. O presidente da Mesa da Assembleia Geral terá voto de desempate.

QUATRO. A ausência ou impossibilidade simultânea de exercício de funções por prazo superior a trinta dias dos sócios designados Presidente e Vice-Presidentes da Mesa da Assembleia Geral, fará caducar a nomeação, procedendo-se então a eleição para preenchimento até final do Exercício, dos cargos considerados vagos, em assembleia a que presidirá o sócio que detiver maior quota, ou se forem iguais, o sócio mais velho dentre eles.

CINCO. A Assembleia Geral será convocada com a antecedência mínima de dez dias por meio de carta registada endereçada para a residência habitual dos sócios constante dos registos da sociedade, salvo nos casos em que a lei exija formalidades especiais. A Assembleia Geral poderá validamente funcionar e deliberar sem que haja sido previamente convocada, nos precisos termos facultados pelo parágrafo primeiro do artigo trigéssimo oitavo da Lei de onze de Abril de mil novecentos e um.

SEIS. A Assembleia Geral considerar-se-á reunida e poderá validamente deliberar em primeira convocação desde que estejam presentes ou devidamente representados sócios titulares da maioria simples do capital social.

Os sócios poderão fazer-se representar por outro sócio mediante procuração, a entregar ao Presidente da Mesa da Assembleia Geral, no início desta.

SETE. Sempre que a Assembleia Geral não possa deliberar em primeira convocação, devem os sócios ser convocados de novo, podendo então a Assembleia deliberar com a presença ou representação de dois sócios, pelo menos, salvo disposição legal em contrário.

OITO. Os sócios poderão em qualquer momento, optar por tomar deliberações nos termos do parágrafo segundo do artigo trigésimo sexto da Lei de onze de Abril de mil novecentos e um, sempre que não seja expressamente exigida a reunião em Assembleia Geral.

ARTIGO QUINTO

UM. A gerência da sociedade será exercida por gerentes, pessoas singulares ou colectivas, mesmo estranhas à sociedade, designados em Assembleia Geral que deliberará sobre as condições de remuneração, dispensa de caução ou valor dela e forma de a prestar, quando for de exigir, ficando a sociedade obrigada pela intervenção de um só gerente.

DOIS. Ficará também sujeita a deliberação em Assembleia Geral a constituição de mandatários designados nos termos do artigo duocentésimo quinquagésimo sexto do Código Comercial e bem assim a atribuição de poderes em juízo e fora dele, com autoridade para confessar, transigir, desistir e comprometer-se em árbitros em nome da sociedade e por conta dela e ainda qualquer delegação de funções a desempenhar em sucursais ou estabelecimentos que possua ou venha a possuir e todos os poderes de representação nas sociedades em que detenha participação social.

TRÊS. A sociedade não poderá ser obrigada em actos estranhos ao objecto social qualquer que seja a sua natureza e designadamente abonações, avales, fianças ou letras de favor, considerando-se tais actos, quando por ventura celebrados, como absolutamente nulos e de nenhum efeito em relação à sociedade.

ARTIGO SEXTO

UM. As contas do exercício reportar-se-ão sempre ao ano civil e depois de aprovadas, com observância das disposições legais, serão os resultados líquidos apurados distribuídos pelos sócios na proporção das suas quotas.

DOIS. Podem todavia os sócios decidir pela constituição de quaisquer reservas facultativas por distribuição dos resultados apurados, sempre que assim seja deliberado por maioria de três quartas partes do capital social.

ARTIGO SÉTIMO

UM. A sociedade goza de faculdade de deliberar a amortização de qualquer quota pelo seu valor nominal, quando tal quota for objecto de penhora, arresto, providência cautelar, apreensão, arrematação ou adjudicação judicial ou quando o sócio cometer violação grave das suas obrigações para com a sociedade, com evidentes reflexos na sua idoneidade e honorabilidade.

A amortização considera-se efectuada pela deliberação da sociedade nesse sentido.

DOIS. A sociedade goza também da faculdade de deliberar a amortização de quotas, por acordo com os seus titulares ou por falecimento, interdição ou inabilidade dos sócios a que as quotas respeitem.

TRÊS. O preço ou valor da quota amortizada será o que for acordado com o sócio cedente ou seus legítimos representantes, mas na falta de acordo será o que resultar do balanço, preparado especialmente para o efeito, em cuja elaboração poderá intervir um assessor da parte interessada escolhido de entre três nomes indicados à sociedade, no prazo de oito dias a contar da data em que se considerou impossível concluir as negociações por acordo. Em qualquer caso o valor será sempre referido ao último dia do mês anterior àquele em que for tomada a deliberação.

QUATRO. A amortização da quota considera-se efectuada pela deliberação da sociedade nesse sentido tomada no prazo máximo de um mês sobre a data da ocorrência que justifica a decisão, mas a liquidação do preço fixado, qualquer que seja a forma de avaliação, far-se-á em duas prestações semestrais iguais, a primeira das quais por meio de depósito efectuado à ordem de quem deva sê-lo, na Caixa Geral de Depósitos, no mês seguinte ao da fixação do valor da quota amortizada.

CINCO. Havendo entre os herdeiros e representantes do sócio falecido ou considerado incapaz, um ou mais membros cuja especialização profissional e qualificação técnica, seja considerada consentânea com o objecto social, poderá em Assembleia Geral, por maioria de três quartos do capital presente ou representado e tendo em vista o desenvolvimento dos negócios sociais, prescindir-se da faculdade de proceder à amortização da quota do sócio dela titular e autorizar-se que ela seja transmitida a algum dos referidos membros, especificamente escolhidos pela sociedade de entre os que forem indicados por todos os herdeiros e representantes. Não serão pois aplicáveis nesta eventualidade, as disposições reguladoras de cessão de quotas constantes destes estatutos.

ARTIGO OITAVO

UM. A sociedade não se dissolve por morte de qualquer sócio.

DOIS. Os herdeiros ou representantes legais do sócio falecido apenas poderão invocar as disposições constantes destes estatutos, no que se refere à possibilidade de cessão da quota do sócio falecido, observando-se em todos os casos as disposições do artigo nono e seus parágrafos da Lei de onze de Abril de mil novecentos e um.

TRÊS. Os deveres e direitos sociais inerentes à quota do sócio falecido ficam suspensos até à cessão da mesma ou à sua amortização.

ARTIGO NONO

A sociedade dissolve-se nas condições prescritas na Lei ou por deliberação dos sócios tomada em Assembleia Geral, em cuja acta deverão ficar exaradas as condições em que se procederá à liquidação e partilha.

ARTIGO DÉCIMO

Para as questões emergentes deste pacto, quer entre os sócios ou entre estes e a sociedade será sempre competente o foro da comarca de Lisboa.

Por ser verdade e me ser pedido, fiz escrever o presente que assino.

Lisboa, vinte e oito de Julho de mil novecentos e setenta e cinco.

A AJUDANTE — (Maria Alice da Conceição Coutinho Rolim de Matos)

Nacional

O DESPORTO E AS LETRAS

Disse-o o poeta, que também era doutor António Ferreira: «Não fazem mal as musas aos doutores». Podíamos repetir esta frase dizendo *desporto* em vez de *musas e artistas* em lugar de *doutores.* A prova disso está no livro que acaba de ser publicado. *«O Desporto e as Letras»* numa edição do Ministério da Educação e Investigação Científica, através da Secretaria de Estado dos Desportos. *«O Desporto e as Letras»* integra-se na colecção *Cultura e Desporto* que inclui, entre outras, obras de Pedro Essinague, Arnaldo Pereira, Amélio Márcio, McIntosh, Rodrigues Viana, Rui Silva, Manuel Sérgio, Duarte Pimentel, Teotónio Lima, Melo de Carvalho, Sobral Leal, etc., etc. Estamos perante um notável esforço de divulgação cultural, em matéria tão completa como a desportiva.

«O Desporto e as Letras», no prefácio assinado por Duarte Pimentel, recorda-nos que «o desporto, integrado no seu verdadeiro contexto cultural e educativo, é parte viva do processo em curso». A propósito, sugere a importância de «dignificar aqueles que, durante a ditadura fascista não pactuaram com as doutrinas então vigentes — antes as denunciaram — e não aceitaram teorias separatistas entre Desporto e cultura».

No livro «O Desporto e as Letras» incluem-se artigos ou depoimentos de escritores portugueses publicados nos anos 70 e 71, no trissemanário «A Bola». Este jornal, como se sabe, foi sonhado e criado por um grande antifascista, Cândido de Oliveira, que chegou no Campo de Morte Lenha do Tarrafal, o amor à Pátria e ao socialismo.

Registam-se em «O Desporto e as Letras» depoimentos de Urbano Tavares Rodrigues, Ruben A., Antunes da Silva, Portela (Filho), Luís de Sttau Monteiro, Manuel da Fonseca, Baptista-Bastos, Ruy Belo e Romeu Correia.

Uma das curiosidades deste volume encontra-se mesmo na maneira como os escritores infiltravam o antifascismo entre as palavras. Nas suas mãos, a entrelinha era uma arma. A arma possível.

Repare-se na parte final do trabalho de Baptista-Bastos, onde abundam os subentendidos, as alusões neladas, as indiciações mais ou menos a descoberto, toda uma arte de lutar corajosa, decididamente

«Agora, nesta máquina onde redijo um português incompetente, o português incompetente que sou, lembra-se de uma voz antiga que vem dele e dos da seita: feito ponta-esquerda de um desafio singular onde uma data deles jogam à direita, com árbitros comprados, com aplausos pagos pelo preço do tostão, feito ponta-esquerda desse desafio — como poderia ser campeão ou desportista?

«O Bastos, que foi amigo íntimo de um desta casa, diz-me muitas vezes, quando a raiva me possui e a escrita não é tão livre quanto eu desejaria; quando, no futebol distrital, que é o desta nossa vida comovida e discreta, eu leonizo contra tudo o que é faz-se ismo: quando bebo de mais porque a tristeza é o vinho de vingança; quando, quando isso tudo, o Bastos, meu velho campeão falhado que me fez e aqui estou, grito assim — És parvo ou quê? E então o Cândido; e então o Cândido, puto da minha vergonha! Ele também jogava na ponta-esquerda!

(E aí, companheiros, eu volto à escrita: foi ontem, é hoje, será amanhã. Campeões sem murro certo, com a certeza de que mais dia, menos dia, os Baptistas, os Bastos de todo o mundo vão acertar no removente alvo da Felicidade».

Este volume de «O Desporto e as Letras» não pretende esgotar o filão dos escritores que utilizaram o material desportivo. Novos volumes se poderiam organizar. Este tem o mérito de ser pioneiro. O Desporto é uma fonte inesgotável de inspiração e de trabalho. «Já se antevê o dia — afirma Duarte Pimentel — em que os nossos homens de letras, agora libertos de corpo e espírito, virão buscar ao desporto temas para continuarem a desempenhar a sua missão de lutar através da escrita»

M. C.

Junta de Planeamento da Madeira justifica pedido de demissão

Os membros da Junta de Planeamento da Madeira, que na última terça-feira enviaram um telegrama ao Directório e a vários ministérios pedindo a sua exoneração, tornaram público um documento, na tarde de sábado, no qual expõem as razões da sua demissão.

Dizem nomeadamente:

. «O regime deposto no «25 de Abril» deixou a economia do arquipélago no caos. O crédito fácil, obtido de qualquer forma, permitiu os empreendimentos mais inviáveis. A definição incorrecta dos pólos de desenvolvimento regional, dando lugar secundaríssimo ao sector primário, a política de não promover o desenvolvimento equilibrado entre os diferentes sectores económicos, contribuíram, de forma acelerada, para que a economia local, nestes últimos anos, se deteriorasse a um ritmo veloz e fosse, cada vez em maior grau, controlada por um número limitado de pessoas que auferiam os lucros, deixando a restante população a viver em extrema necessidade. O «25 de Abril», apesar de toda a sua indefinição política, económica e social, até ao momento, proporcionou aumentos salariais, fundamentalmente à população urbana e semiurbana sector industrial e serviços, proporcionando, desta forma, uma elevação do nível de vida.»

. Depois de outras considerações de natureza sociopolítica, refere ainda o documento em questão:

. «Para a Junta de Planeamento da Madeira, órgão regional do Executivo, dos mais graves obstáculos surgidos na sua acção, foi sem dúvida a demissão na prática de grande parte dos empresários locais, das suas funções de administração e da sua fraca possibilidade, por não quererem ou não saberem dirigir a situação diferente que se estabeleceu no País, após o «25 de Abril». Uma coisa é a procura de soluções e debruçar sobre os problemas de âmbito geral, outra é de ter de substituir os empresários na resolução dos seus próprios problemas.»

Seis pontos constituem a segunda parte do aludido documento que tem, por outro lado, o mérito de condensar as razões que levaram ao pedido de exoneração dos membros da referida Junta de Planeamento da Madeira. Não se trata, no entanto, do texto público e justificativo, para a Informação, das razões de demissão:

. «A definição de uma política nacional que permita à própria J.P.M. definir a sua política de acção, factor que limita todo o seu trabalho a nível regional. Se a máquina do aparelho estatal a nível nacional não tem ajudado a sua acção mais rápida e eficiente, também a máquina dos organismos públicos regionais pouco ajuda. Esta carece de urgente remodelação no reajustamento de quadros e na criação e integração de serviços que a torne mais simplificada e eficaz. Sem negar que compete em parte à própria J.P.M. realizar esta tarefa é indesmentível que essa orgânica se insere num quadro de âmbito nacional a que está ligada e pelo qual é regulamentado. O movimento sindical não tem facilitado no seu conjunto o movimento da J.P.M. Os sindicatos são, sem dúvida, militantemente activistas e têm-se mostrado colaborantes no processo revolucionário. Porém, no contexto geral, os trabalhadores não têm sabido diferenciar as acções que aparentemente e a breve trecho são defensoras dos seus legítimos direitos, mas a largo prazo na realidade são autênticas manobras reaccionárias e contra-revolucionárias que visam apenas o caos económico para dificultar e bloquear o caminho da revolução. O panorama económico que já atrás, sumariamente, foi referido, é realmente crítico e grave. As falências não declaradas, mas efectivas, sucedem-se. Os boicotes económicos são habilmente preparados. O desemprego aumenta. Os conflitos nas relações de trabalho avolumam-se e as decepções e problemas sociais de fundo encadeiam-se. A J.P.M. sente-se na realidade impotente para fazer face à presente situação sem que sejam declaradas as medidas de excepção já perconizadas e defendidas pelos seus vogais no Conselho de Ministros.»

. Relativamente aos pontos dois, quatro e seis, cuja relevância não contestamos, aludem à «efectiva descentralização do poder», à falta de apoio financeiro, à deterioração da economia madeirense, ao atraso das repartições centrais para solucionar questões apresentadas pela J.P.M. bem como, já na parte final, ao ambiente social que aí reina, a revolta da população rural e as inscrições murais incitando à independência, mesmo que unilateralmente.

Nacional

PARA O P.S.

O País está num beco sem saída

Ratificar a linha política ultimamente seguida pelo partido, designadamente pelos seus orgãos de cúpula, e manifestar o seu acordo ao documento subscrito por nove militares do Conselho Superior da Revolução — foram duas das mais importantes decisões tomadas pela Comissão Nacional do Partido Socialista no decurso duma reunião plenária ontem realizada em Lisboa.

Com a presença de cerca de centena e meia de representantes (quase todos os membros daquele orgão), foram debatidos os problemas que com mais urgência se põem ao partido na situação política actual. Aguardava-se com alguma expectativa esta reunião, tendo em conta a crise interna que se julgava estar a desenhar-se no seio da organização, com alguns destacados militantes a assumirem posições contestatárias das decisões tomadas a nível do Secretariado, em geral, e, em particular, a nível dos dirigentes com mais intensa actividade pública. O comunicado dado a conhecer no final da reunião trai um pouco a expectativa que se tinha gerado.

De acordo com o texto divulgado, a Comissão Nacional protesta contra a demissão dos oficiais signatários do chamado «documento dos nove», que igualmente corre sob a designação de «documento Melo Antunes». O protesto contra a decisão do Directório do C.S.R. coincide com uma tomada de posição abertamente favorável (acordo e apoio) ao conteúdo do referido documento. Foi ainda tomada a decisão de demitir do secretariado do P.S. João Guterres, Silvino Rego e António Rodrigues, que haviam subscrito um texto criticando o alinhamento que estava a processar-se no partido em relação ao «bloco conservador» da sua política portuguesa.

O documento faz uma retrospectiva do processo político português desde 25 de Abril de 1974 e aponta dois desvios que terá havido na condução do processo então iniciado. O primeiro desvio foi um desvio «spinolista» e de direita. O segundo foi um desvio «gonçalvista», apoiado pelo P.C.P. e pelo M.D.P./C.D.E. chama a este desvio «aventureirista» de esquerda».

Numa referência à crise actual, considera o P.S. que se está num sem saída na sequência da constituição do V Governo Provisório. Qualquer coisa a lembrar o que se passava nas últimas semanas antes do 25 de Abril do ano passado, — diz o P.S.

ANKER JOERGENSEN CHEGOU A LISBOA

Chegou esta madrugada ao aeroporto de Lisboa o primeiro-ministro da Dinamarca, Anker Joergensen, que se desloca a Portugal a convite do Partido Socialista. Dirigentes do P. S. — Mário Soares, Tito de Morais, Jorge Campinos e Marcelo Curto — estiveram no aeroporto a recebê-lo. Igualmente na recepção, o embaixador e o conselheiro da Embaixada da Dinamarca, em Portugal, e bem assim um representante do Ministério dos Negócios Estrangeiros. Anker Joergensen deve ter encontros com dirigentes do P. S. e poderá avistar-se com alguns membros do V Governo Provisório. Desconhecem-se quais, todavia, e por enquanto, admite-se que isso dependa de interesses que entretanto venham a ser manifestados quer por parte do primeiro-ministro holandês, quer por parte de governantes portugueses.

VISITA EM QUESTÃO

«Visito Portugal na qualidade de presidente do Partido Social Democrata Dinamarquês, a fim de manifestar a minha simpatia para com todas as forças portuguesas e trabalhar pela democracia, no verdadeiro sentido da palavra» — disse Anker Joergensen ainda em Copenhaga, antes de partir.

Mal anunciada a visita que Joergensen tencionava fazer a Portugal, comunistas e outras forças da esquerda na Dinamarca desencadearam uma campanha de protestos, acusando o primeiro ministro de interferir nos assuntos internos portugueses e de «alinhar com forças que pretendem introduzir de novo o fascismo em Portugal. Um telegrama da Associated Press proveniente de Copenhaga e difundido ontem em Lisboa através da agência ANI dava notícia de ameaças anónimas dirigidas a Joergensen e à família, caso a sua visita a Portugal se cmcretizasse. A Polícia dinamarquesa tomou as medidas de precaução convenientes quando foi informada dum telefonema não identificado segundo o qual o primeiro-ministro faria melhor em «ficar em casa» e recomendando-lhes que se lembrasse da mulher e dos filhos.

A visita a Portugal de Joergensen vem ao encontro dum convite recentemente feito por Mário Soares, quando da reunião dos dirigentes dos partidos europeus e de Israel ligados à Internacional Socialista. Joergensen não foi o único a corresponder ao convite do secretário-geral do P. S. mas é o primeiro dirigente social-democrata da internacionalista a vir a Portugal, na sequente dos convites.

"Moderados" apresentam-se esta tarde nos respectivos Estados-Maiores

Segundo informações obtidas esta manhã, admite-se que a apresentação nos respectivos Estados-Maiores dos nove subscritores do chamado «documento Melo Antunes» (exceptuados, conforme indicou o Copcon, os dois comandantes das regiões militares, brigadeiro Charais e Pzarat Correia) se venha a processar durante a tarde de hoje.

Relativamente ao comandante Crespo, único elemento dos «nove» que pertença à Armada, considera-se provável que seja simplesmente destacado para uma das unidades da Marinha.

Tanto no Estado-Maior da Força Aérea, como no Estado-Maior do Exército, onde, esta manhã, os generais Morais e Silva e Carlos Fabião se encontravam, respectivamente, como comandantes-chefes dos departamentos militares em questão, nas suas acostumadas sessões de trabalho quotidiano com outros oficiais superiores, nenhum dos militares das armas em questão se apresentou, de harmonia com as ordens e instruções do Directório Político e Militar, constituído pelo Presidente da República, Primeiro-Ministro e Comandante do Copcon.

No Estado-Maior do Exército, onde o general Carlos Fabião, como acontece amiudadamente, chegou por volta das 8 horas da manhã, o ambiente em nada diferia do habitual, encontrando-se ali o seu comandante acompanhado, entre outros, pelo general Lopes dos Santos, coronel Lemos e tenente-coronel Calixto. Alguns dos oficiais em questão encontravam-se nas suas repartições e apenas o general Freire, de acordo com informações que nos foram fornecidas no proprio local, não se encontrava ali.

Falando à reportagem do «DL» o tenente-coronel Olavo Ramos, que inicialmente procurou contornar as questões formuladas pelo jornalista, referiu que nada de particular se tinha verificado «até ao momento» e que os oficiais em causa (capitães Sousa e Castro e Vasco Lourenço, e maiores Melo Antunes e Vítor Alves) teriam contactado aquele Estado-Maior avisando da sua presença ali, cumprindo o que lhes lhes fora superiormente determinado, durante a tarde. «de qualquer dos modos — salientou —, são coisas que nem sempre podemos dizer».

ANGOLA EM AGENDA

O Presidente da República recebe esta tarde, pelas 17 horas, a Comissão Coordenadora do M.F.A. de Angola, o ministro dos Negócios Estrangeiros, dr. Mário Ruivo e o secretário de Estado da Descolinização, dr. Ferro Ribiero, que reunirão para debater a actual situação político-militar em Angola. O general Costa Gomes encontrar-se-á, também, com os chefes dos Estados Maiores dos três ramos das Forças Armadas. Antes, cerca das 15 e 30, o dr. Almeida Santos, ex-ministro da Coordenação Interterritorial, avista se igualmente com o Preisidente da República.

COMITÉ CENTRAL DO P.C.P.

"A crise actual é uma crise militar"

«A crise actual é uma cise militar, em que o peso do conservantismo ainda existente no vasto corpo da oficialidade das Forças Armadas aparece a tomar posições, a sanear à esquerda, a querer abafar, a diluir, a dissolução, se possível a força revolucionária progressista, o M.F.A. — Afirmou Álvaro Cunhal num relatório sobre a situação política, na reunião plenária do Comité Central, decorrida ontem no Centro de Trabalho de Alhandra. O documento elaborado pelo secretário geral do Partido revela uma análise lúcida focando omo pontos principais: a *crise actual* (que se subdivide em crise política, económica, social, militar e do processo de descolonização; a constituição do Governo; o problema do poder político; o imediato e a perspectiva; tarefas políticas prioritárias e urgentes; outras tarefas; o esforço de unificação; o espírito de abertura; e o P.C.P. como vanguarda revolucionária.

Sobre o problema do poder político, Álvaro Cunhal salientou que a formação de novo Governo do genral Vasco Gonçalves responde a uma necessidade inadiável, mas não pode resolver a crise pois «fica de pé como antes, o problema geral do poder político no seu conjunto». Afirma ainda que a crise persistirá e tenderá a agravar-se rapidamente «se não são reforçadas e se não tornem operativas as estruturas de direcção do M.F.A. e o M.F.A. no seu conjunto, como movimento progressista». O secretário-geral do P.C.P. considerou: «Para uma vanguarda revolucionária são perigos reais o enfraquecimento da ligação às massas, como a dissolução da vanguarda nas massas. «A vanguarda tem de estar intimamente ligada às massas, contar com o seu apoio efectivo, aprender com elas, estimular a sua acção criativa e a sua acção criadora. Mas, sob o risco de deixar de ser vanguarda, de perder a sua capacidade mobilizadora e dirigente, não pode diluir-se nas massas, perdendo as suas características próprias de organização, de quadros, de direcção. Isto é válido par todas as vanguardas, seja da classe operária, seja militar».

Depois desta análise leninista, Álvaro Cunhal acentuou:

. «Sob o pretexto do respeito pela vontade das massas, o fascismo e o democratismo, a submissão das decisões da vanguarda, as votações manipuladas, procuram enfraquecer, desorganizar e finalmente liquidar a vanguarda operária e popular como a vanguarda militar».

Na reunião do Comité Central foi aprovada uma saudação do C.C. aos camaradas que têm assegurado a firme defesa dos centros do Partido, resistindo corajosamente ao assalto dos bandos fascistas».

LIBERDADE RESPONSÁVEL

Numa sala espectacularmente colorida, em tom vermelho, pela profusão de panos e bandeiras que cobriam a enorme mesa em U ao fundo da qual, enquadrados pela fotografia do excritor comunista Soeiro Pereira Gomes, situavam-se qua-

(Álvaro Cunhal, Joaquim Gomes, Carlos Aboim Inglês e Dias Lourenço) acompanhados por dois intérpretes de inglês e francês «O Comité Central acaba de realizar uma reunião em que foram apresentados dois relatórios: o do camarada Álvaro Cunhal sobre a situação política e o do camarada Joaquim Gomes, sobre a ofensiva contra-revolucionária. Intervieram no debate numerosos camaradas.

Esta foi a primeira fase proferida por Álvaro Cunhal logo no início da sesão, ao mesmo tempo que era metralhado pelas «flashs» das Pentas, Nikonl, Leikas, e Minoltas ávidas em captar as expressões do secretário geral do P.C.P. com toda Europa atenta às suas declarações (havia jornalistas estrangeiros) esperando algo de bombástico, Álvaro Cunhal, continuou pausadamente, dando tempo a que os intérpretes traduzissem as suas palavras: «O Comité Central foi unânime em considerar grave e profunda a crise que atravessa o processo revolucionário. A crise atinge a vida política e social, a economia e o processo de descolonização. Exprime-se numa ofensiva terrorista das forças contra-revolucionárias em algumas regiões. Atinge a unidade de cada uma das componentes de forças motora da revolução (o M.F.A. e as forças populares e democrátucas) e a aliança entre as duas. Todos os elementos da crise convergem num aspecto central e fundametal. O Comité Central considerou que a constituição do V Governo Provisório, constitui um passo positivo para a solução da crise de poder, sem no entanto resolver todos os os seus aspectos.»

Álvaro Cunhal referiu-se às três tarefas políticas prioritárias defendidas pelo Comité Central:

. «Assegurar o respeito pela ordem democrática e o exercício das liberdades em todo o território; reorganizar e sanear o aparelho de Estado garantindo a sua fidelidade à revolução; formar um sistema de poder que garanta a centralização de decisões fundamentais: eficiência, capacidade operativa, autoridade e apoio popular».

O Comité Central apontou tambem tarefas relativas à economia, à situação social, à descolonização e à política externa, sublinhando «a importância de cortar a tendência para a multiplicação de centros de decisão e fragmentação das forças revolucionárias» assim como «a necessidade de um esforço de unificação de todas as forças interessadas no processo».

O porta voz do Comité Central, Álvaro Cunhal, destacou «a necessidade de combater as actividades contrarrevolucionárias, a conspiração e o

Continua na pág. 18

PORTUGAL VISTO DO ESTRANGEIRO

MADRID, 10 (R) — O antigo ministro dos Negócios Estrangeiros de Portugal, major Ernesto Melo Antunes, daria um bom primeiro-ministro, de acordo com o dirigente socialista Mário Soares numa entrevista publicada hoje nesta cidade.

O dr. Soares, ele próprio um antigo ministro dos Negócios Estrangeiros, declarou à agência noticiosa espanhola «Pyresa» que o major Melo Antunes «é um dos melhores dirigentes das Forças Armadas Portuguesas... e foi graças aos seus esforços que foram bem sucedidos os melhores aspectos da descolonização portuguesa».

O dr. Soares era citado como tendo dito que o major Melo Antunes podia atrair enorme apoio e uma grande parte da opinião esquerdista portuguesa.

O dr. Soares disse, também, que o Partido Comunista Português, estava a tentar «fazer uma revolução em Portugal como se Portugal fosse a Russia de 1917», de acordo com a agência.

Acrescentou que o Partido Comunista «tentou dominar todo o movimento político e operário português. Querem ser os «guias» de tudo, forçando todos a desempenhar um papel de subordinados».

FRANÇA

PARIS, 11 — (FP) — A situação portuguesa depois da suspensão de nove membros do conselho superior da revolução é merecedora de grandes títulos nalguns jornais parisienses.

O «L'Aurore» (direita radical) considera que «os dias do Governo Vasco Gonçalves parecem contados. O exército, verdadeira força política, de Portugal, faz a mesma escolha que os eleitores. Com quatro meses de atraso... a oposição ao Partido Comunista e ao general Vasco Gonçalves cresce em todo o país, seja no seio do exército ou nos partidos hostis à ditadura do proletariado (...) uma só incognita subsiste: os comunistas inclinar-se-ão para respeitar a vontade popular?»

«Há vitórias que são piores que derrotas, constata «Le Figaro» (direita moderada), e os nove oficiais, defensores de uma «terceira via socialista» para Portugal, poderiam em breve aparecer como os mártires da liberdade (...) Soares e o seu partido socialista não se mostram insensíveis ao canto de sereia que constitui o texto dos moderados e logo alinham o seu vocabulário com esse (texto) de Melo Antunes, muito mais a esquerda». «Os comunistas presos entre dois «figis», compreenderam que a época do triunfalismo está ultrapassada «conclui» «Le Figaro».

Para o órgão do Partido Comunista Francês, «L'Humanité» «trazendo o debate para o conjunto do exército, os «moderados» tiveram em conta o divórcio existente entre os numerosos quadros de carreira do exército, que permanecem conservadores, e os dirigentes revolucionários do M.F.A. é uma operação de grande envergadura já em parte contrariada pelo menos provisoriamente».

MÁRIO SOARES OUVIDO EM ESPANHA

MADRID, 11 — (do correspondente da ANI, Manuel Lopes) — Os jornais «ABC» e «Arriba», este com grande destaque, publicam hoje uma entrevista de Mário Soares, à agência «Pyresa» do «Movimento».

O secretário geral do P.S. refere-se a actual situação portuguesa «cuja crise política foi ocasionada pela saída do partido socialista do Governo».

«Depois a crise passou ao sector militar, onde se criaram posições contraditórias», como são as do sector ligado ao Primeiro Ministro, do general Otelo Saraiva de Carvalho e Melo Antunes ao qual reafirma adesão.

Afirmando que depois de manifestar ao general Otelo Saraiva de Carvalho a intenção de entrevistar-se com ele, «trata-se agora de saber quando o comandante d' Copcon tem tempo...».

Sobre a sua figura diz: «penso que é um dos heróis da revolução portuguesa e a ele se deve em grande parte, o 25 de Abril e com o qual todos os portugueses têm contraída uma divida de gratidão».

Mário Soares diz que «os portugueses estão cada vez mais ao lado do P.S. e as bases cada vez mais coesas em união com a direcção do partido».

O secretário geral do Partido Socialista acusa o Partido Comunista de organizar «complots» contra a democracia», de onde lhe provem sua superioridade, que é imposta pela imprensa que só fala deles e da sua política».

Dizendo ainda que a superioridade do P.C.P. lhe vem da «infiltração no M.F.A.», atribui-lhe as consequências da incompreensão entre socialistas e comunistas porque sempre «tentaram dominar todo o movimento político e operário português».

«O P.C.P. não aceitou a proposta de formular um programa comum», disse Mário Soares.

Na estrevista em que critica duramente o P.C.P., Mário Soares afirma que «o que nos divide em Portugal não é Marx, mas Leninè e principalmente Estaline». O secretário-geral do P.S. nega que o seu partido esteja aliado às tácticas à estratégia da social-democracia europeia e acusa o P.C.P. de se «ter fixado nos anos de pós-guerra aplicando seus sistemas estalinianos».

E EM FRANÇA

PARIS, 11 — (FP) — «O Partido Comunista tem que nos convencer com factos e não com palavras que está disposto a regras da democracia e do sufrágio universal» — declarou Mário Soares, secretário-geral do Partido Socialista Português, em resposta ao apelo á unidade feito pelo P.C.P.

Mário Soares, que era interrogado por «France-Inter», acrescentou que considera o Partido Comunista o principal responsável da crise política actual em Portugal. «Para que a nossa resposta seja favorável será preciso que o P.C. faça a sua autocrítica» — salientou.

«Se o P.C. — continuou Soares — nos mostrar que está disposto a respeitar a democracia política, então sim, estamos de acordo para colaborar. Mas para isso, precisamos de um programa comum e eles nunca quiseram assiná-lo connosco».

Mário sublinhou, por fim, que semelhante colaboração, para a qual ainda não está previsto nenhum contacto, só se poderá realizar com a concordância do M.F.A.

ÀLVARO CUNHAL OUVIDO EM PARIS

PARIS, 11 — (EFE/ANI) — «Difícil» foi como o secretário-geral do Partido Comunista Português, Álvaro Cunhal, definiu a situação em Portugal ao prestar declarações à televisão francesa.

Álvaro Cunhal assinalou que «numa parte do país existe um poder local reaccionário que consegue impedir o exercício das liberdades fundamentais» e acrescentou que não podia precisar se existia uma ajuda dos países estrangeiros à reacção, mas afirmou que se vêem «pessoas com carros de matrículas estrangeiras e outras que fogem com a ajuda de estrangeiros».

A concluir Álvaro Cunhal referiu-se às calúnias de que o seu partido é alvo afirmando:

«Trata-se de palavras irresponsáveis que emanam das forças reaccionárias para passar ao ataque contra as liberdades democráticas, contra os comunistas e, também, contra os socialistas».

BELGRADO

BELGRADO, 11 — (FP) — O restabelecimento da unidade de acção das forças progressistas condiciona o encaminhamento de Portugal para o socialismo, bem como a sua luta contra o subdesenvolvimento e o desenvolvimento normal do país, escreve hoje o jornal «Politika», de Belgrado.

O grande diário jugoslavo considera que os dois perigos que ameaçam Portugal são a desunião crescente dentro do M.F.A. e as divergências entre os dois principais partidos da esquerda.

Analisando as posições dos dois partidos, o jornal declara que o Partido Socialista, «de que não se pode pôr em dúvida a sinceridade e as boas intenções», rompeu apesar disso a aliança M.F.A./partidos democráticos e provocou a crise actual, ao abandonar o Governo de coligação.

«Crendo na exactidão das suas concepções», o Partido Comunista Português considera que «a democracia política e o pluralismo parlamentar são no processo revolucionário unicamente fenómenos de acompanhamento de importância secundária», nota o jornal.

«Politika» constata, a concluir, que as forças democráticas portuguesas herdaram uma situação de subdesenvolvimento económico que devem simultaneamente suportar e ttentar eliminar.

PRAVDA

MOSCOVO, 11 — (FP) — O correspondente da «Pravda» em Lisboa, Voleslav Sedykh, num artigo publicado hoje neste órgão do Partido Comunista da União Soviética, acusa a Comunidade Económica Europeia (C.E.E.) de interferência nos assuntos internos de Portugal e exige «a aplicação dos princípios adoptados em Helsínquia da não ingerência nos assuntos internos dos outros estados».

Comentando o adiamento para Outubro da decisão dos «Nove» de auxílio economico a Portugal, este antigo correspondente da «Pravda» em Paris afirma que os países do Mercado Comum «não concederão o seu auxílio a Lisboa senão com a condição de que os acontecimentos em Portugal evoluam numa direcção favorável ao ocidente capitalista».

«Observa-se em Lisboa, nota Sedykh, que uma campanha confessadamente antiportuguesa desenvolve-se no Ocidente, que os órgãos de propaganda burguesa multiplicam os ataques contra a jovem república a fim de cindir a aliança do povo e do exército e romper a unidade das forças democráticas».

«A actividade da imprensa monopolista ocidental acrescida das tentativas de pressões economicas directas sobre Lisboa, demonstra a vontade do grande capital em se opor ao processo revolucionário em Portugal e em proteger os inimigos internos e externos da revolução», acrescenta o correspondente em Lisboa do órgão soviético.

«E não será já tempo, conclui Sedykh, de executar as promessas feitas pelos representantes dos países ocidentais na cimeira de Helsinquia sobre a não-ingerência nos assuntos internos dos outros povos e do respeito da soberania dos povos em determinr eles mesmos o seu futuro?»

«UNITÁ»

ROMA, 11 — (FP) — O órgão do Partido Comunista Italiano «Unitá», escreve hoje que só a mais ampla unidade entre as forças democráticas pode «resolver a actual crise portuguesa». Este quotidiano constata que o novo Governo português «não poderá contar com um apoio tão largo como seria necessário» pois foi constituído «fazendo-se uma completa abstração dos partidos» e a sua formação «originou certas reacções negativas, mesmo no seio do M.F.A.»

O «Unitá» é de opinião que as forças políticas portuguesas devem definir de «colaboração e de co-responsabilidade para a defesa das conquistas do 25 de Abril» e para «isolar as forças reaccionárias». O órgão do Partido Comunista Italiano exprime a sua solidariedade aos comunistas portugueses pelos atentados de que têm sido vítimas mas acrescenta que fez a «análise das vicissitudes portuguesas com toda a autonomia e responsabilidade, sem fugir à polémica com outros partidos comunistas». As nossas posições inspiraram-se sempre na convicção de que um vasto agrupamento social e político (e portanto uma responsabilidade directa e uma unidade solida dos partidos que se reclamam do socialismo) são indispensáveis em Portugal, pois a reacção é sempre facilitada pelas falhas da unidade democrática».

«Tornamo-nos sempre culpados, escreve o «Unitá», pelo facto de recusarmos ou de não procurarmos a necessária unidade», invocando como pretextos os erros dos outros partidos. Seria uma «desgraça se as acusações reciprocas contrariassem neste momento em Portugal o sentimento da necessidade vital de convergência e de concórdia», conclui o «Unitá».

QUADROS A ÓLEO

Assim como estatuetas bibelots e vários artigos decorativos, encontrará enorme variedade se visitar a GALERIA ACTUAL Av.ª da República, 12 (junto estação metro Saldanha).

COSTA MARTINS AOS EMIGRANTES EM FESTA:

"Os vossos haveres serão intransigentemente defendidos"

Todos são portugueses, todos são filhos de Portugal, todos vivem do seu esforço e do seu suor. Todos comungamos do mesmo espírito patriótico, todos lutamos pela construção de um Portugal melhor e mais justo. Livre e independente. Por uma sociedade mais fraterna», palavras do major Costa Martins, que representava o Primeiro-Ministro que, tal como o Presidente da República, não esteve no «Dia do Emigrante», dirigindo-se aos milhares de trabalhadores portugueses qye moirejam alem-fronteiras, ontem, no Estádio 1.º de Maio, na segunda parte de uma jornada de festa que como «aperitivo» teve uma manifestação que arrancou da Praça de Londres em direcção ao Estádio.

Após tecer considerações acerca do patriotismo e seu juízo de valor, considerando ser um «sentimento profundo dos portugueses», assinalou ainda o ministro do Trabalho: «Muitos são os que pretendem regressar à sua terra natal, depois de ganhar no estrangeiro fundos que lhes permitiram comprar uma casinha ou um bocado de courela». E, mais andiante: «Há quem tenha espalhado no seio dos emigrantes o espantalho de que esses bens lhes serão retirados. Podeis estar certos e confiantes que os vossos haveres serão intransigentemente defendidos, porque foram adquiridos à custa de muitos esforços, do vosso trabalho, do vosso suor, dos vossos sacrifícios.»

«Construamos um País novo onde caibam todos os portugueses de boa vontade (qualquer que seja o seu credo político ou religioso) criando as condições que permitam, no futuro, a absorção de todos aqueles que foram obrigados a abandonar as suas terras e, muitas vezes, as suas famílias para subsistir.»

Eram pouco mais das 18 horas de ontem, no Estádio 1.º de Maio, Festa do Emigrante, que estivera marcada para o Porto (região que fornece a maioria do «melhor investimento dos países industrializados da Europa», também classificados de capitalistas-burgueses-liberais), facto que originou uma tomada de posição do P.P.D. que considerou a sua realização — em Lisboa — como uma «jornada sectária».

MAIS AS OBRAS QUE AS PALAVRAS

«Avante, Avante, rumo ao socialismo», «O Emigrante está com o M.F.A.», «Reforma Agrária — a terra a quem a trabalha», foram, não só estribilhos gritados durante a manifestação, como palavras de ordem irrompidas no comício do «1.º de Maio», onde o major Costa Martins compareceu «com grande satisfação», porque os emigrantes portugueses estão «interessados em participar na construção (ou reconstrução) do país com obras e não por palavras» (ou meias-tinas). Para «salvaguardar o espírito de solidariedade boa compreensão» (ministro do Trabalho).

Os dois tractores, legados a uma cooperativa do Norte (rendeiros e trabalhadores do Vale do Sousa-Lousada) e do Sul (Salvador Tomar, de Santiago do Escoural, ali em Montemor-o-Novo), angariados com uma recolha de fundos entre os emigrantes portugueses que trabalham em França — «operação que ainda ontem prosseguia —, antes de se apresentarem naquele recinto e passarem para as mãos dos seus «legítimos donos», foram passeados pela cidade, surpreendendo muitas das pessoas da aristocrática Avenida de Roma.

Justificaram a festa-jornada e durante a manifestação foram conduzidos por dois membtos da Comissão Consultiva dos Trabalhadores Portugueses, a quem coube esta iniciativa, que teve todo o apoio da secção de Dinamização Central da 5.ª Divisão (por isso o coronel Varela Gomes e capitão Batalha, entre outros, estiveram no Estádio), o patrocínio da Intersindical e a participação da banda de música do RALIS, de consagrados artistas musicais, bem como uma demonstração de voo de três jactos da Força Aérea e umas curvas de um helicóptero, de onde foram lançados cravos vermelhos (muitas das pessoas foram «cravadas») por militares «amigos do Povo». «Soldado amigo, o Emigrante está contigo», assim como «O Emigrante está com o M.F.A.», foram, também, palavras de ordem.

Uma churrasqueira de serviço alimentou os emigrantes gastronómicos menos exigentes, bebeu-se «tintol» e cerveja e não houve actuação de ranchos folclóricos, mas houve baile. Falaram os dois representantes das aludidas cooperativas (porque os tracotes «melhorarão bastante as condições de trabalho e contribuirão para o desenvolvimento nacional» ainda Costa Martins) bem, como o tenente Sabugo (que aludiu às mentiras da Imprensa internacional, apostada em deturpar factos, inventar notícias e denegrir a revolução portuguesa).

INCENDIÁRIOS NAZIS

28 de Setembro, 11 de Março, e 19 de Julho (1975) foram datas recordadas por um dos elementos da referida comissão consultiva dos emigrantes, reportando-se a intentonas contra-revolucionárias, e, concretamente à última, aludindo à marcha sobre Lisboa. Salientou com ardor: «Pela calada ou à força das bombas a reacção tem sido derrotada pelo M.F. A.. Durante 40 minutos, de papel bem colado aos dedos, amiudadamente interrompido pela multidão («Abaixo a reacção» e «O povo está com o M. F. A. ornamentaram a sessão), António Ribeiro atacou impiedosamente as forças reaccionárias, os inimigos dos povos, e adiantou a colaboração dos populares, ao lado do M. F. A., de armas na mão...para travar o passo à reacção. Referiu até: «A reacção não trava a revolução, mas consegue atrasá-la. E incidiu sobre as comissões (de moradores e de trabalhadores), a Assembleia do M. F. A. e o povo: «Força, força, companheiro Vasco, nós seremos a muralha de aço»), monopolistas e latifundistas, a «Mafia fascista» — a que opôs a «vontade férrea dos trabalhadores» — os «incendiários nazis» para dizer que em Lisboa não se tinha uma ideia concreta dos problemas dos trabalhadores portugueses em França, como ali nem sempre havia uma informação correcta acerca dos acontecimentos em Portugal. Antes de terminar com um «unamo-nos na liberdade que o fascismo não passará» e classificar o fascismo em liberdade como «liberdade de exploração e liberdade capitalista», aludiu às negociações para novos acordos dos nossos emigrantes no estrangeiro, normalmente discutidos entre funcionários consulares e pessoal da Secretaria de Estado da Emigração «que não tem um conhecimento perfeito de todos os problemas» (por que não um trabalhador no conjunto?), à vigilância paralela e policial que o patronato francês criou para denunciar as actividades dos trabalhadores estrangeiros, particularmente os portugueses hoje, à democracia directa e a outros aspectos relacionados com as aspirações dos emigrantes e o uso das liberdades.

NÓS, EMIGRANTES

Num documento de 46 linhas, a Comissão Consultiva dos Trabalhadores Portugueses Emigrados em França, dá-nos conta dos esforços e «sacrifícios feitos para amealhar mais alguns escudos», lembrando a «miséria da terra que nos viu nascer» e da (sua) entrega nas mãos de «quadrilhas de passadores». Depois, «o primeiro patrão e o primeiro gatuno»...E o resto que vem no texto que transcrevemos.

«Temos algum dinheiro é certo, mas quantos dias de dez e mais horas de trabalho, quantos meses sem um dia de folga, quantas lágrimas que escondíamos aos nossos camaradas, que choravam também quando à noite na tarimba da barraca onde éramos arrumados nos lembravamos da nossa mulher, dos nossos filhos, da calma dos nossos campos, que tão diferentes são das linhas de montagem da fábrica onde trabalhamos ou do «chantier» onde, para ter um salário melhor, chegamos a trabalhar catorze e mais horas por dia?

E nós mulheres de homens de quem fomos forçadas a nos separar, com filhos feitos numa viagem rápida, à terra, também temos muito a dizer; nós, mulheres com filhos que, quando vêem o pai, se negam a dar-lhe um beijo e fogem dele como de um estranho; nós mulheres cujos melhores anos da nossa vida foram passados na ânsia de abraçar os nossos homens, de os ter junto de nós, para que a vida pudesse ser vivida na felicidade que merecemos. Que esperamos todos nós do 25 de Abril, que esperamos dos homens que libertaram Portugal do fascismo?»

A terminar:

«O 25 de Abril foi feito para acabar com estas e outras injustiças; foi feito para que as famílias vivam como seres humanos e não como animais separados uns dos outros; foi feito para levar os trabalhadores a encontrarem soluções para os seus próprios problemas, para fazer das aldeias, vilas ou cidades lugares de bem-estar, de conforto e de felicidade, onde haja trabalho para todos e na velhice se não viva de esmolas nem se seja um encargo para a família; lugares para viver em que tudo deixe de ser dirigido pelos senhores doutores da terra que nunca tiveram necessidade de emigrar, e que o suor que escorre do nosso rosto venha em nosso proveito e nunca para os que sempre mandaram em nós sem trabalhar.

Ficarmos no estrangeiro ainda por mais algum tempo, vivermos longe das nossas famílias, dos nossos campos, e daqueles que nos são queridos, é um grande esforço a fazer, mas que será o contributo a pagar à nossa pátria, que desejamos livre e feliz. Ao ficarmos ainda por algum tempo no estrangeiro, procurando compreender tudo o que se passa e participando, participando sempre com os trabalhadores nossos companheiros de sofrimento e esperança, participando sempre nos sindicatos que nos defendem, procurando sempre associarmo-nos, estamos a ajudar a construir o País que todos desejamos, para um dia voltarmos à nossa terra.»

COPCON ALERTA

Tanto no decorrer da manifestação, como do comício, foram planturosamente distribuídos vários comunicados. Um deles, como se verá de seguida, vem, no fundo, confirmar as palavras do ministro do Trabalho, quando, designadamente, acentua que «os vossos haveres serão intransigentemente defendidos».

O mesmo, aliás, salientara o Presidente da República aquando da sua visita a Giscard d'Estaing, comprometendo-se, perante os milhares de imigrados que lhe tributaram calorosa recepção, a salvaguardar os teres e haveres de todos, evitando, assim, qualquer tentativa de saque ou de oportunismo.

É este o texto do Comando Operacional do Continente:

«O plano para a concretização da aliança M. F. A.-Povo impõe uma colaboração muito estreita entre as comissões de moradores e as unidades militares, o que irá permitir a continuação da resolução dos problemas de habitação social, entre outros, em moldes diferentes, cujo estudo está em desenvolvimento para aplicação a curto prazo.

«O Copcon confia inequivocamente no bom-senso das populações e na colaboração autêntica, dinâmica e honesta das comissões de moradores, as quais deverão impedir a todo o transe quaisquer ocupações selvagens, **nomeadamente habitações de emigrantes ou de ausentes temporariamente das suas residências**, para que possa ser diminuída a estabilidade emocional das pessoas receosas de que suas casas sejam ocupadas.

«O Copcon continuará lutando denodadamente pela resolução do problema habitacional, mas não pactuará, de forma alguma, com oportunismos que, na sua perspectiva, se inserem sem dúvida no âmbito das actividades contra-revolucionárias, que temos o dever de combater.»

MUITA COISA MUDOU

Dirigindo-se de trabalhador para trabalhador, «porque muita coisa mudou neste País», os funcionários bancários falam do controlo (bancário, obviamente) e de muitas outras questões consideradas de relevante importância, sobretudo «versus» emigrantes portugueses.

Vejamos o comunicado distribuído adrede também ontem, no Estádio 1.º de Maio:

«Há tempos deixaste Portugal para ires oferecer a força do teu trabalho ao estrangeiro, a fim de poderes alcançar para ti e para os teus melhores condições de vida. Isso acontecia porque as riquezas que se criavam nas fábricas e nos campos deste País eram gastas pelos grandes proprietários na sua vida de ricos e não no desenvolvimento do nosso país. O dinheiro, que, com tanto sacrifício, colocavas a guardar na Banca, era empregue abusivamente na Bolsa na compra de acções pelos Champalimauds e Espíritos Santos. Ou então na compra e venda especulativa de terrenos para construção, fazendo com que as rendas de casa tivessem o preço que têm.

«Hoje, o dinheiro que existe na Banca está a financiar empresas onde os trabalhadores são senhores dos seus destinos. Ou está a ser empregue no Crédito Agrícola de Emergência na compra de adubos, alfaias e sementes que permitirão que os nossos campos se tornem florescentes.

«Amanhã, com a acção de todos nós, o dinheiro que existe nos bancos será empregue na construção de fábricas, de escolas e hospitais, de habitações para o povo e não para lucros dos ricos, enfim, no verdadeiro desenvolvimento de Portugal.

«Dizem que o dinheiro que pões nos bancos portugueses corre o risco de deixar de ser teu. Nós garantimos-te que isso é mentira e que, aliás, nunca permitiríamos que tal acontecesse. Dizem-te que este nosso Portugal caminha para a desgraça e nós garantimos-te que quem vai para grandes crises são os países capitalistas. Quantos desempregados, quanta miséria já há no país onde vives? Em Portugal agora também há desemprego e miséria. Isso deve-se ao sistema capitalista que estamos a combater e à sabotagem dos grandes senhores que ainda existem no nosso país.

«Se nos unirmos todos, emigrantes e trabalhadores da Banca, operários e camponeses, soldados e marinheiros, Portugal vencerá a crise e será o País de todos nós.»

MÓVEIS

MODERNOS NÓRDICOS D. MARIA LUIZ XV e XVI RENASCENÇA SÉCULO XVII

Grande variedade em exposição e fabricação por desenhos

Facilidades de pagamento e trocas

ARTIS

Rua Maria Andrade, 64 (Perto igreja dos Anjos) T. 848719

A C.P. INFORMA:

ALTERAÇÃO AO HORÁRIO DOS COMBOIOS DA LINHA DA BEIRA BAIXA

Por motivo de conclusão dos trabalhos de renovação da via entre Pampilhosa e Mortágua, são feitas as seguintes alterações, a partir do dia 21 de Agosto de 1975:

- Comboio n.º 1211 com partida de Coimbra às 11-55 h e chegada a Santa Comba Dão às 13-11 h. Restabelecida a sua marcha no percurso compreendido entre aquelas duas estações.
- Comboio n.º 1321 com partida de Pampilhosa às 17-33 h e chegada à Guarda às 21-08 h. Restabelecida sua circulação em todo trajecto.
- Comboio n.º 315 com partida de Pampilhosa às 18-45 h e chegada à Guarda às 21-37 h. Restabelecida a sua marcha no percurso compreendido entre as duas citadas estações, deixando, porém, de efectuar paragem nas estações de: Luso-Buçaco, Oliveirinha - Cabanas, Canas-Felgueira, Contenças, Fornos de Algodres e Pinhel.

Geral

Arquitectura, planeamento, teoria/revolução ou logro?

Continuação da pág. 3

quitectura e planeamento urbano e regional, composta do seguinte modo:

a) um representante do Ministério da Educação e da Investigação Científica, que presidirá;

b) o presidente do Conselho Directivo do Departamento de Arquitectura da ESBAL, logo que esteja eleito;

c) especialistas a designar pelos Ministérios do Equipamento Social e Ambiente, da administração Interna e do Planeamento e Coordenação Económica.

A Comissão, que poderá integrar ainda outros especialistas que venham a considerar-se necessários, deverá ouvir os organismos representativos dos sectores dos trabalhadores interessados, podendo igualmente vir a integrar representantes seus.

4) A Comissão Instaladora competirá:

a) elaborar e apresentar ao M. E. I. C. para aprovação o plano de trabalhos do curso de transição para a nova Escola, propor a forma de transição dos diferentes anos do curso actual para os dos futuros cursos, bem como apresentar propostas de reorganização do Corpo Docente. A orientação que deverá presidir a esta fase do trabalho será a de assegurar que o plano de transição e os docentes a mobilizar se integram nas perspectivas que se forem fixando para a nova Escola;

b) elaborar o projecto de organização e funcionamento da nova Escola;

c) Elaborar a proposta de orçamento para 1976 até ao final do próximo mês de Julho.

5) A Comissão Instaladora, com o objectivo de articular os novos cursos com cursos afins já existentes ou em preparação (particularmente no que se refere ao curso de arquitectura da ESBAL) e com o fim de utilizar da melhor maneira os meios científicos e pedagógicos, disponíveis, deverá estabelecer contactos com as direcções de outras escolas ou institutos de investigação.

6) Depois da aprovação pelo Ministério do Plano de trabalhos do curso de transição e da nova composição do Corpo Docente, o que deverá acontecer até 15 de Julho, o Departamento de Arquitectura da ESBAL deverá proceder, até 31 de Julho, à eleição do Conselho Directivo nos termos do decreto-lei sobre a gestão dos estabelecimentos de ensino superior, cabendo-lhe desempenhar as funções aí definidas até 31 de Dezembro de 1975.

7) O ministério, ao encarar esta solução, pretende que o período de transição seja de trabalho sério e produtivo a ser avaliado de acordo com os critérios definidos pelas normas legais ou pelos despachos do M. E. I. C., não pactuando, em caso algum, com soluções oportunistas.

É evidente que é altamente grave que não se permita, ou retire mesmo, por despacho do Secretário de Estado a possibilidade dos professores (alguns...) terem uma verdadeira «experiência participativa» nesta Revolução... E apesar de terem eles próprios elaborado uma reforma que como estrutura necessária a um exercício de didáctica a longo prazo, como deve ser a didáctica, na nossa opinião é imbatível... E apesar do próprio MEIC, enquanto MEC, e no tempo do prof. Vitorino de Magalhães Godinho, a ter aprovado como séria e capaz de responder ao que se exige da Revolução em termos de Arquiectura, Planeamento e Teoria e História da Arquitectura.

É facto que aos professores não é concedido pelo Ministério o estatuto de trabalhar, apesar de todos os esforços que o Primeiro-Ministro, o Presidente da República e o proprio general Otelo têm feito nos seus diferentes discursos para integrarem os Intelectuais e os Técnicos na Revolução...

De facto aquilo a que se assiste, principalmente após o 28 de Setembro, nada mais sugere que um eugenismo intelectual, um anular de capacidades da maioria dos técnicos e artistas por falta do seu emprego e utilização mesmo em relação às tarefas menores, podendo facilmente confundir-se o estado actual da anulação da participação dos vários sectores técnicos com uma Inquisição de Esquerdas. De igual modo poder-se-à identificar esta atitude com uma anulação de uma política cultural, com a anulação de um pensamento português feito na Escola, que é bastante mais potente, do que aquele que tem sido utilizado, pelos actuais poderes, podendo afirmar-se, os factos provam-no, que raros são os casos de eleição de competências, em que não se manifeste, como decisivo o apoio partidário, ou a confiança correligionária plácida, feita de acontecimentos passados em anos de luta (surda) política ou parapolítica.

Não nos parece a melhor maneira de criar uma nova Escola, o começar-se pela tentativa subtil mas directa de anular todas as pessoas que aí estão por direito de Cultura, Intelecto e Acção.

Ou não será, que uma das primeiras «medidas» que a leitura do despacho permite... É primeiramente o retirar do serviço ou da participação inteligente alguns professores que se podem tornar «incomodos» para alguém?...

Será a melhor maneira de fazer uma Revolução Socialista na Escola o anular os professores Marxistas?...

É muito mau serviço que se presta, ao esforço socializante em que o País parece estar inequivocamente interessado principalmente a partir do 11 de Março; o retardar por mais tempo a participação de todos, restringindo-a apenas a alguns (sábios...).

Pretender-se, o controlo absoluto dos técnicos e artistas fazendo-os acreditar agora, uma vez por todas, que não são necessários (salvo os que fazem parte do núcleo de amigos) ou de que a sua presença em acção não se justifica, que a actividade mental, o rigor, a previsão, são «subversivas» era uma norma do fascismo. Portanto... teremos que ter muita atenção porque nem tudo mudou com a bela noite de 24 para 25 de Abril nem com as sucessivas consolidações da Democracia que representam o 28 de Setembro e o 11 de Março.

A cultura por difícil que é de obter, e ainda mais se deriva do exercício diário da inteligência e da prática clara do pensamento, estará de facto vedada aos professores de Arquitectura (ou a alguns?...).

E uma pergunta que se faz e para a qual se exige resposta pública, pela responsabilidade a que obriga o ser-se Governante.

Sans Rancune, mas com muita vigilância

NOTA: Esta é apenas uma leitura das várias possíveis e já definitivamente elaboradas pelo autor. Pede-se pois ao leitor que não confunda este texto como uma opinião, na medida em que ele é provável em cada afirmação. Nem como resposta definitiva a todos os problemas que nos põe o «despacho», assim como uma resposta ao modo como a Comissão Instaladora tem estado a trabalhar. A estes problemas voltaremos oportunamente, se nos mantiverem a ajuda e a clara inteligência deste prestigioso jornal.

OS E.U. MANTÊM-SE NA INDOCHINA

Continuação da pag. 3

mente contrários às palavras . Um porta-voz do Ministério dos Negócios Estrangeiros indicou os três pontos principais da controvérsia com a Tailândia.

Primeiro, a presença e a actividade dos navios patrulha tailandeses no rio Mekong, que constitui a maior parte da fronteira entre os dois países. Segundo a questão do não repatriamento dos refugiados laocianos, incluindo os Meo. Terceiro, o facto de a Tailândia ter dado asilo aos corruptos generais da direita e antigos ministros, cuja carreira tem sido sempre baseada em sabotar a paz e a unidade nacional.

Segundo um tratado entre a França — potência ocupando o então presente ocupando o Laos — e a Tailândia assinado em 1893, a porção do rio que faz fronteira Laos-Tailândia é o meio do canal com maior profundidade, mas os navios patrulha tailandeses parece estarem mais frequentemente no lado laociano. Tem havido um certo número de incidentes de tiroteio, e é evidente que o Laos suspeita que os navios patrulha protegem as pessoas que atravessam ilegalmente a fronteira, incluindo contrabandistas e espiões. O Ministério dos Negócios Estrangeiros Laociano pediu para que os navios patrulha fossem retirados, mas o pedido tem sido ignorado.

Mesmo que fiquem só do lado tailandês, não é suficiente — disse o porta-voz do Ministério dos Negócios Estrangeiros. Eles deveriam ser retirados completamente . É a única maneira de evitarmos incidentes . Acredita-se que o Ministério dos Negócios Estrangeiros da Tailândia seja favorável a uma retirada dos navios mas este é um dos casos em que os militares fazem a sua própria política. Foram duplicados fundos secretos para a Marinha Tailandesa, conforme se anunciou oficialmente em 20 de Julho, parte integrante dum orçamento geral militar secreto de alguns 15 milhões de dólares.

Em 21 de Julho foi sabida em Bankok a espantosa notícia que o Laos tinha lançado 40 das suas 70 lanchas patrulhas fornecidas pelos russos no rio Mekong, obrigando o governo tailandes a improvisar um rápido plano para recolher as suas unidades do Mekong...

No dia seguinte, o Embaixador do Laos em Bangkok apresentou o mais forte desmentido — e deixou a capital tailandesa para Vientiana. O Embaixador tailandes no Laos, também chamado, anunciou que tinha lançado o rumor segundo fontes geralmente bem informadas mas que ele próprio não tinha visto os patrulhas russos . Nem ninguem

No que se refere ao repatriamento dos refugiados laocianos, o porta-voz do Ministério dos Negócios Estrangeiros, disse que o governo tailandes tinha prometido prender e repatriar todas as pessoas que tentassem atravessar ilegalmente a fronteira, mas, de facto, ninguém foi repatriado. Agentes americanos de guerra psicológica, têm espalhado os mesmos boatos de banhos de sangue como no Vietname do Sul e Camboja, avisando que todos os que colaboraram com os Estados Unidos da América e com a ala direita do regime seriam massacrados . E facto, salvo um grupo de entidades ultra-corrompidas cujas funções foram mudadas — e aqueles que fugiram — todos os funcionários do antigo regime voltaram aos seus postos, trabalhando pela primeira vez com uam finalidade e dentro de uma política clara e definida. Não queremos esse grupo de antigos ministros e generais corruptos outra vez — disse o porta-voz do Ministério dos Negócios Estrangeiros — «mas nós queremos o nosso povo». É evidente, que num país de apenas três milhões de pessoas, face às enormes tarefas de reconstrução, a perda de algumas dezenas de milhares de braços é bastante grave.

Quanto ao terceiro ponto, de dar guarida aos homens da direita como Phoui e Ngon Sannanikone, príncipe Boun Oum Sissouk na Champassak e outros crâneos pro-americanos, a Tailândia assegurou ao Governo Provisório Laociano de União Nacional, que não lhes seria concebido asilo político. Mas tal como alguns dos seus comparsas cambojanos, eles ainda estão na Tailândia. O porta-voz do Ministério dos Negócios Estrangeiros não os considerou como um perigo neste momento, porque a sua base política está destruída. Mas noutras circunstâncias eles são potencialmente perigosos e tentarão recomeçar novas perturbações tal como outros laoxianos da direita outrora radicados na Tailândia o fizeram. Os esforços da CIA para reagrupar os mercenários de Vang Pao, e as estreitas ligações entre os exilados da direita e os mais reaccionários elementos da hierarquia militar tailandesa ameaçam complicações futuras.

Os Estados Unidos ainda não estão recompostos das esmagadoras derrotas na Indochina e as actividades de destabilização não se confinam só ao Laos. O maior diario de Hanoi, Nham Dan, no seu número de 20 de Julho denunciou os planos que se escondem por detrás da administração Ford, num esforço para promover um êxodo em massa dos países da Indochina «Em primeiro lugar isto visa a explorar a mão de obra barata destes refugiados e mais tarde, visa torná-los mercenários do imperialismo americano e opô-los aos seus conterrâneos... A mesma notícia diz-nos que mais de 5 mil antigos polícias e agentes secretos de Saigão estão recebendo um treino especial no quartel general da CIA na Virginia.

O jornal de Saigão Liberation Daily em 17 de Julho, revelou que as forças de segurança do G. . P., em Junho, tinham desmantelado uma rêde de espionagem da CIA «capturando todos os elementos, armas e importantes documentos secretos dos Estados Unidos .

O quartel general desta rede era em Soc Trang, capital da província com o me mo nome, cerca de 160 km ao sul de Saigão, no delta do Mekong. Mais de cem pessoas foram presas e acusadas de violação da segurança nacional , muitos deles foram denunciados pelos moradores. Temos a certeza de que muitos mais centros destes de actividades da CIA estarão encobertos nestes três países da Indochina. Também foi formado na Tailândia um novo centro para dirigir e coordenar estas actividades.

48 horas no mundo

■ A África do Sul e a Rodésia concluiram em Pretória um acordo para voltar à tentativa de solução do problema — de acordo com um comunicado emitido no final do encontro entre os dois dirigentes. Os observadores pensam que este acordo diz respeito sobretudo ao local onde deverá realizar-se a conferência constitucional da Rodésia. Pensa-se, além disso, que a maioria das propostas contidas no acordo de Pretória tenha sido elaborada conjuntamente pela África do Sul, Zâmbia e Grã-Bretanha.

■ O presidente francês, Giscard d'Estaing, anunciou no final da sua visita oficial ao Zaire, que o seu país cessará a venda de armamento aéreo e terrestre à África do Sul.

■ O ministro egípcio dos Negócios Estrangeiros, Ismail Fahmi, e o embaixador americano no Cairo, Hermann Eilts, planeiam rever a última posição israelita sobre um novo acordo interino no Sinai — segundo pode deduzir-se de notícias vindas a lume na Imprensa cairota.

■ O diário espanhol «Ya» informa que o arcebispo de Madrid interrompeu as suas férias para visitar dez sacerdotes detidos na prisão de Carabanchel.

■ Dois alferes das tropas espanholas do Sahara dito espanhol foram postos em liberdade pela Frente Polisário, movimento de libertação daquele território.

■ O Instituto Soviético de Marxismo-Leninismo publicou um manuscrito até agora desconhecido de Lenine, escrito em 1920 e manifestando o seu apoio às relações comerciais entre a Rússia comunista e o Ocidente capitalista.

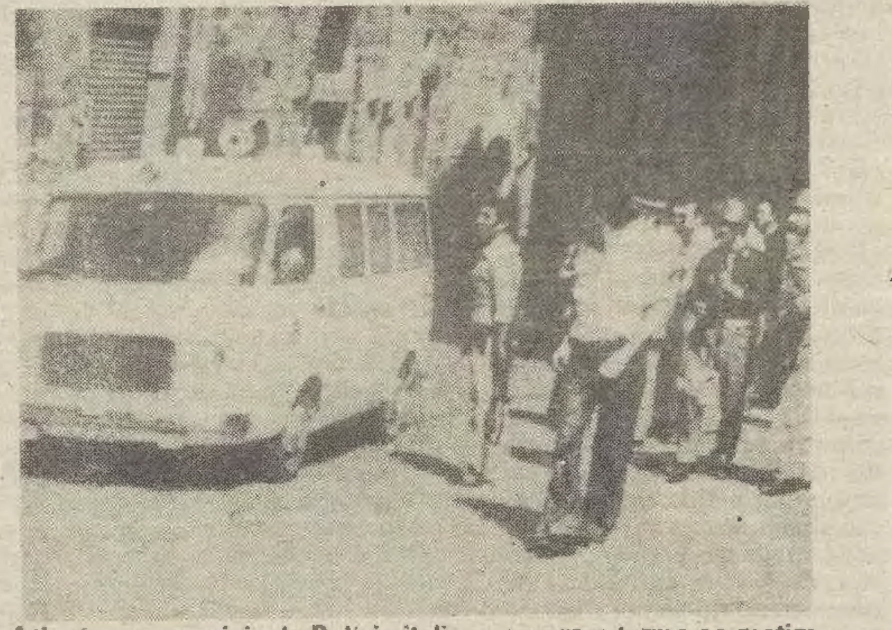
■ Os dirigentes chineses lançaram um apelo à unidade do partido, após notícias de lutas de facções, perturbações de trabalho e uma intervenção militar na cidade de Hangchow.

■ Um jornal de língua inglesa, que se publica em Hong-Kong, confirma que faleceram 500 pessoas no afundamento de dois «ferry-boats» perto de Cantão, há uma semana.

■ Dois mortos, 64 feridos e 60 detenções — eis o balanço do fim-de-semana trágico na Irlanda do Norte, durante o qual os católicos assinalaram a passagem do quarto aniversário da instauração das prisões sem julgamento. Os incidentes repetiram-se em várias cidades, nomeadamente em Lurgan, cuja estação de caminhos-de-ferro foi destruida.

■ Glafcos Clerides, presidente da Câmara dos Deputados de Chipre, anunciou ter sido descoberta nova conjura para assassinar o chefe de Estado, arcebispo Makarios.

■ Um tribunal militar de Atenas condenou catorze antigos oficiais do Exército a penas que vão de quatro a doze anos de prisão. Sete outros oficiais foram absolvidos. Todos eles eram acusados de tentar derrubar o regime democrático grego em Fevereiro deste ano.



Atiradores especiais da Polícia italiana puseram termo ao motim registado na prisão de San Gemignano, na Toscânia, onde dois presos tinham lançado mão de oito reféns, durante 24 horas, com o intuito de conseguirem fugir. Do incidente resultou a morte dum dos amotinados. Comentando os acontecimentos, o ministro italiano do Interior, Luigi Gui, declarou que o Governo continuará a não ceder aos autores de motins e às tomadas de reféns. Na telefoto, um preso mortalmente ferido é transportado numa ambulância para fora da prisão. (Telefoto UPI-Telimprensa).

Estrangeiro

MAIS DOIS OFICIAIS DO EXÉRCITO TERÃO SIDO PRESOS EM ESPANHA

MADRID, 11 — (Do correspondente da ANI, Manuel Lopes) — Em círculos geralmente bem informados desta capital, consta que teriam sido presos ontem mais dois altos oficiais espanhóis em relação com a prisão de nove, oficialmente divulgada há dias.

Sobre a prisão destes dois, não foi divulgada qualquer nota.

As mesmas fontes revelam, entretanto, que se esperava que um outro militar regressasse de férias para ser preso.

Deveria tratar-se do capitão de aviação José Ignácio Dominguez, sobrinho do conhecido político espanhol já falecido Sanchez Julia. José Ignácio Dominguez que há dias fora erradamente dado como preso por uma agência internacional, deverá encontrar-se de férias em algum país do Mediterrâneo e não se sabe se regressará. Supõe-se que sim.

O país deveria ser a Turquia, embora esta informação não tivesse sido confirmada.

MAIS MILITARES SERÃO PRESOS

Pensa-se que eventualmente, e mesmo durante a instrução do processo, poderão ser detidos mais militares da lista de cerca de quarenta prevista inicialmente.

Vários militares que não se encontram detidos já prestaram declarações em Barcelona, Vigo, Pontevedra, Huelva, e certamente em Sevilha, que parecem ser as cidades em que se detectou o movimento.

Entretanto, continua o maior hermetismo mesmo da parte dos envolvidos ou sectores próximos que os apoiavam de que consta fazem parte várias centenas de militares.

Pensa-se que nos próximos dias será dada a conhecer uma carta de apoio e solidariedade que estaria recolhendo assinaturas.

Pensa-se também que a defesa estaria esperando o momento mais oportuno para tomar posição.

Do que não há dúvida é que o caso está tendo em todos os aspectos uma grande ressonância política, e parece ser nessa base que a defesa pretenderia actuar.

Consta já em alguns meios que a defesa vai pedir a anulação do processo de instrução por considerá-lo ilegal, atendendo a que o juiz militar especial foi nomeado em nota da primeira região militar (Madrid) o que por lei, só lhe permitiria actuar dentro da respectiva jurisdição territorial. Para exercer as funções que está exercendo, o comandante António Valenciano Almoyna, que por sinal é o mesmo que instrui o famoso processo da Calle Del Correo, teria que ser nomeado pelo Conselho de Ministros através do ministro do Exército, com competência em todo o país.

A situação actual ou supõe uma extralimitação da 1/A região militar ou incorreu-se numa forma jurídica incorrecta, ou tem um problema político de fundo mais amplo.

MINIMIZAR OS INCIDENTES

Não cabem mais dúvidas de que a prisão e processamento destes militares envolve uma grande operação política ainda não suficientemente clarificada.

Todas as autoridades que sobre ele se pronunciaram têm procurado tirar-lhe importância.

Em primeiro lugar, foi o chefe do Governo, Arias Navarro, interrogado a este propósito em Helsímquia, e, que segundo algumas testemunhas locais, demonstrou que não estava muito a par do que ocorria.

Não se descarta a possibilidade que a data da prisão, exactamente quando Arias saia de viagem para a Finlândia, teria sido propositada com a intenção de abrir mais um flanco ao criticado chefe do Governo, principalmente por sectores de extrema-direita de cuja autoria é esta operação.

MULHERES ADEREM À ETA

BILBAU, 11 — (A. N. I.) — Mulheres transportando armas e munições parecem ter aderido às fileiras da organização separatista basca ETA, informaram hoje círculos policiais espanhóis.

Entretanto, a Polícia de Bilbau informou que Demetrio Lesmes, um agente dos Serviços de Segurança Espanhola e membro de uma organização de extrema direita, foi abatido a tiro por militantes da ETA, depois de ter escapado de uma outra tentativa de assassinato levada a cabo em Julho passado.

Vigilância especial na fronteira portuguesa

MADRID, 11 — (ANI) — Uma vigilância especial junto da fronteira portuguesa «está dentro das obrigações do nosso Exército que está preparado ali como noutros pontos. Uma das missões dos Estados-Maiores é prever, e nós temos previsto, quanto nos diz respeito, em função das nossas possibilidades», afirma o ministro do Exército espanhol, em entrevista publlicada ontem pelos jornais da cadeia do «Movimiento» de Málaga e Madrid.

O tenente-general Francisco Coloma Gallegos, referiu-se ainda a outras controversas questões do Exército, como o apoliticismo, a questão do Saharà, a adesão ao príncipe e a recente prisão de oficiais, facto a que nega importância de maior.

Respondendo aos insistentes rumores de que o Exército estaria descontente com a política governamental em relação ao Saharà, o que poderia provocar atritos ou divisão de repercussões muito graves, Coloma Gallegos diz que «estamos dispostos a fazer o quê o Governo nos peça».

Em relação com o controverso apoliticismo do Exército espanhol, afirma «que é um apoliticismo bem entendido. Mas não é tal, uma vez que temos uma missão política a cumprir. Uma missão política que está mais além dos rumores. Há Governo, que é quem pensa e decide».

Negando a pluralidade ideológica no seio do Exército, e interrogado sobre a posição do mesmo entre os imobilistas ou aberturistas diz ainda que «o Exército não tem nada que ver com as circunstâncias cambiantes do país».

Sobre o príncipe D.Juan Carlos, afirma: «Por suas muitas qualidades, conta com a adesão total do Exército, e, além disso, é mais um militar. Portanto, é um companheiro de armas e nele temos posta a nossa confiança, porque demonstrou ser merecedor dela em todas as suas actuações».

Consulado chileno recusa informações sobre presos políticos

BUENOS AIRES, 11 — (A. N. I.) — O Consulado do Chile em Buenos Aires recusou-se a fornecer informações sobre mais de uma centena de cidadãos desse país «desaparecidos» pouco depois da sua detenção pela Junta Militar.

Todos eles foram dados pela Junta como saídos do país e mortos no estrangeiro. Todavia, esta versão foi já desmentida pelo México e pela Venezuela, bem como pela Argentina.

Este último país desmentiu a versão da morte dos jovens Luis Guendelman Wisniak e Jaime Robotham Bravo, que faziam parte da lista de desaparecidos.

Em finais do passado mês, familiares de ambos os jovens deslocaram-se à Argentina para aí identificar os cadáveres presumivelmente encontrados pela Polícia local, tendo comprovado que não se tratava de nenhum deles.

A esse respeito informa o diário «La Opinion» que o consul chileno em Buenos Aires «não pode dar explicações e recusa qualquer contacto com os jornalistas estrangeiros e nacionais que tentam verificar as afirmações dos familiares».

No Chile, a revista católica, «Mensage» escreve, ao referir-se a este assunto, que compartilha «a inquietação e a dor dos familiares atingidos, que procuram em vão conhecer o destino de alguns dos seus membros».

Giscard e Mobutu: cooperação alargada

KINSHASA, 11 — (F. P.) — Reunidos em Kinshasa, os presidentes Giscard D'Estaing e Mobutu decidiram que a França e o Zaire passem a cooperar mais intimamente no domínio económico tendo sido igualmente anunciada a decisão francesa de reduzir a entrega de armas à África do Sul.

No domínio económico, o chefe de Estado francês declarou-se pronto a tomar iniciativas para o estabelecimento de consultas entre produtores e consumidores de cobre, tendo anunciado igualmente a decisão de aumentar os investimentos franceses no Zaaire, sobretudo no sector das indústrias agro-alimentares, bem como na construção de uma rede de comunicações via-satélite para a televisão e de uma rede telefónica que cubra todo o território do Zaire.

Por último, os dois países vão assinar dentro de breve um acordo a longo prazo, que aumentará o vlume das compras de cobre zairense pela França.

Kinshasa, 11 — (F.P.) — A decisão francesa de redução da venda de armas à África do Sul foi anunciada, segundo notam os observadores, no momento em que importantes alterações estão a atingir a África Austral.

Com Angola despedaçada pela guerra civil, Moçambique já independente e a Rodésia em dificuldades, a situação da África do Sul modificou-se relativamente aos seus vizinhos, debatendo-se os sul-africanos com o problema da Namíbia, desejosa de ascender à independência.

Segundo os observadores, a decisão francesa poderia inscrever-se na perspectiva da eventual ofensiva dos movimentos de libertação da Namíbia e da reacção sul-africana que poderia seguir-se.

De facto, o presidente francês declarou, em conferência de Imprensa, ontem concedida no Zaire, que tanto ele como o chefe de Estado zairense «se debruçaram sobre o modo como a Namíbia poderia alcançar a sua independência», apressando-se logo a seguir a «condenar categoricamente» a discriminação racial.

A passagem do quarto aniversário da entrada em vigor da lei de internamento que permite a detenção sem julgamento de suspeitos por actividades clandestinas — na Irlanda do Norte fez ressurgir um clima de violência que causou dois mortos e tumultos diversos em várias cidades. Oitocentos manifestantes concentraram-se junto da prisão de Portaloise, onde se encontram detidos todos os suspeitos de pertencerem ao IRA. Na telefoto: imagem da manifestação de Portaloise, no momento em que a Polícia tentava dispersar os manifestantes à bastonada. (Telefoto UPI-Telimprensa).

ULSTER

Manifestantes protestam contra lei de internamento

BESFAST, 11 ANI) — Cerca de oitocentos manifestantes concentraram-se hoje diante da prisão de Portlaoise, na República da Irlanda, para protestarem contra a lei de internamento no Ulster.

Quando os manifestantes pretendiam aproximar-se das portas do cárcere, a Polícia carregou contra aqueles que atiravam pedras contra as forças da ordem.

Quinhentos polícias e patrulhas de soldados vigiavam a área da prisão, onde cumprem pena todos os dirigentes da ala extremista o — IRA —, que se encontram detidos na Irlanda do Norte.

Dos confrontos registados entre a Polícia e os manifestantes resultaram 14 feridos, todos sem gravidade e algumas detenções foram efectuadas pelas autoridades policiais.

A concentração em frente à penitenciária de segurança de Portlaoise foi convocada pelo motivo da passagem do quarto aniversário sobre a entrada em vigor no Ulster da lei de internamento de presos.

Segundo a referida lei, as forças de segurança podem deter indefinidamente os suspeitos sem necessidade de um processo judicial.

Entretanto, as tropas britânicas foram atacadas a tiro por atiradores emboscados, e apedrejados por uma multidão furiosa em Belfast, num dos mais fortes ataques sofridos pelas forças de segurança em seis meses.

Um informador das forças militares britânicas declarou que as tropas ripostaram ao fogo, mas não há indicações de feridos .

Os confrontos tiveram o seu início no distrito católico de Falls Road, depois de uma das maiores manifestações anti-governamentais registadas até hoje na província.

Entretanto, deflagraram alguns engenhos explosivos e as tropas britânicas, ao tentarem localizá-los foram alvo da violência dos manifestantes, que lhes atiraram pedras e garrafas vazias.

O exército britânico enviou rapidamente reforços estacionados no exterior de Belfast e alguns carros blindados, o que não impediu que as confrontações se prolongassem até ao cair da noite de ontem.

O fim de semana foi assinalado no Ulster por mais incidentes graves de que resultaram dois mortos e grandes estragos materiais.

Caleidoscópio

ECHEVERRIA EM AMÃ

AMÃ, 11 — (ANI, R e FP) — O presidente mexicano Luis Echeverria inicia hoje em Amã conversações com o Rei Hussein da Jordânia sobre as vias para se conseguir a paz no Médio Oriente.

Echeverria, que já visitou o Egipto e Israel, chegou ontem para uma permanência de três dias.

Entretanto, o rei Hussein que é aguardado sábado próximo no Cairo para uma visita de três dias ao Egipto, declarou ontem em Amã que a posição do seu país sobre o problema palestino «coincidia com a dos países árabes irmãos».

DERROTA PARA INDIRA

NOVA DELI, 11 — (A. N. I.) — O Supremo Tribunal da União Indiana infligiu uma derrota ao primeiro-ministro, sr.ª Indira Gandhi, recusando-se a apreciar o seu recurso de condenação por infracção da lei eleitoral, até ser determinada a validade de uma emenda constitucional, ontem aprovada, que ilibaria a dirigente indiana.

ARMAS DOS E. U. A. PARA A ROMÉNIA?

NOVA IORQUE, 11 — (F.P.) — O Governo romeno deseja adquirir armas modernas aos Estados Unidos inclusive caças «F-5», revela o «Time Magazine» na sua última edição.

Esclarece a revista americana que a questão foi posta pelo general Ion Coman, chefe do Estado-Maior e ministro adjunto da Defesa romena, quando da sua visita a Washington, em Marco último, durante a qual se avistou com o seu homólogo americano, general Frederick Weyand.

CIMEIRA DOS 5 GRANDES

TOQUIO, 11 — O primeiro-ministro japonês, Takeo Miki, e o presidente Gerald Ford concordaram em aceitar de uma forma geral, a proposta do presidente francês relativa à realização de uma cimeira dos cinco «grandes» sobre problemas económicos e monetários internacionais, segundo ontem revelou a Imprensa japonesa.

Falando a jornalistas nipónicos em Los Angeles, Takeo Miki acrescentou que tanto ele como Gerald Ford pensam que, para ser útil, a referida Cimeira deve ser precedida de encontros de peritos, ao mais alto nível.

Espectáculos

III FESTIVAL DA CANÇÃO DO ILLIABUM CLUBE

Com o objectivo de estimular a produção de canções e incentivar o aparecimento de novos valores da música não profissional, a secção recreativa do Illiabum Clube leva a efeito o seu III Festival da Canção, que terá lugar nesta vila no próximo dia 3 de Outubro.

Na sala dr. Mário Sacramento realizou-se a anunciada conferência de Imprensa, para apresentação do programa do certame do qual divulgamos os seguintes pontos:

— Só poderão concorrer ao III Festival da Canção do Illiabum Clube, sob pseudónimo, os compositores e autores não profissionais, não podendo concorrer os componentes do júri.

— As canções e letras deverão ser originais e inéditas e as apuradas para u final, pelo júri de selecção, não poderão ser publicadas ou editadas por forma gráfica ou sonora, antes do dia da final.

— A duração da execução de cada uma das canções não poderá ultrapassar os 5 minutos.

— Cada intérprete só poderá interpretar o máximo de 2 canções e os autores das respectivas canções darão a conhecer os intérpretes para as canções apuradas até ao dia 2 de Setembro

— A entrega dos originais das condições será respeitada até às 24 horas do dia 30 de Agosto corrente.

— A forma de execução, interpretação e acompanhamento das canções será auela que os compositores escolherem.

— Um conjunto musical estará à disposição dos intérpretes que não tenham acompanhamento musical.

— Os originais das canções deverão ser gravadas em fita magnética (bobina ou cassete), sendo depois entregues na sede do Illiabum Clube, Rua Direita, 35-Ílhavo e identificados com pseudónimo, sendo eliminados os originais gravados em más condições.

— O sobrescrito contendo os originais das canções, deverá ser identificado, no exterior, exclusivamente, pelo pseudónimo, e, no interior, noutro sobrescrito fechado, o concorrente indicará a sua identificação (nome, morada, telefone, etc.). Na bobina da fita magnética não poderá haver qualquer elemento identificativo.

— O resultado do apuramento das canções pelo júri de selecção, será divulgado no dia 3 de Setembro.

— O público que assistir à final e adquira o bilhete de ingresso na casa de espectáculos, terá direito a votar.

— Prémios: à canção classificada em 1.º lugar no III Festival da Canção do Iliabum Clube será atribuído:

a) Mil escudos para o autor do poema e a mesma quantia para o autor da música.

b) Mil escudos e uma valiosa taça para o intérprete.

Às restantes canções que ficarão «ex-aequo» serão atribuídas medalhas e taças. Será também atribuído um prémio de interpretação a um concorrente designado pelo Júri de Apuramento.

ESTA NOITE, NA TELEVISÃO:

"ANTOLOGIA" DO ACIDENTE DE VIAÇÃO

Dentro da série Festival Prémio Itália», que vem preenchendo desde há semans a rubrica «Antologia», a RTP apresenta esta noite, a partir das 21 e 30, «O Acidente», dirigido por Lennart Hjulström.

«The Crash» (título original) representou o departamento de teatro do 2.º canal da TV sueca no Prémio Itália-973. Interpretam-no, entre outros, Gunnar Ekwall, Micha Gabay, Berta Hall, Inger Heyman e Folke Hjort.

«A carta que lêem é de um homem cuja vida foi arruinada por um acidente de automóvel. Talvez muitas cartas como esta sejam escritas. Tudo o que sei é que não me encontro só nesta situação. Perdi a minha mulher num acidente de automóvel no dia 3 de Junho deste ano. O mesmo acidente matou um velho reformado e estropiou um jovem de dezoito anos».

Estas palavras foram escritas por Rune, um dos personagens mais em evidência em «O Acidente». As estatísticas que as acompanham são as seguintes, referentes à Suécia: mortes anuais em acidentes-auto: 1 200 pessoas; feridos 7 000. Com a particularidade de que cada morte em quatro poderia ser evitada com a utilização do cinto de segurança.

Ao fim e ao cabo isto são factos reais, inseridos no quotidiano dos habitantes das cidades modernas. Porém, a banalização deste tipo de morte em massa tornou-se tão forte que é já também com a indiferença que marca a impotência que as pessoas conhecem o que sepassa. Deste modo se podendo dizer que **desconhecem.** Se se tiver em conta que a estrada, nos fins de semana, em França, por exemplo, mata mais pessoas do que a guerra civil na Irlanda, ter-seá uma ideia da importânia que assume este moderno morticínio. Não sendo exagerado afirmar-se que as actuais relações de produção da vida são relações de produção da morte — também neste capítulo.

Ora este morticínio banalizado obriga a que se fale dele em tom diferente. É o que faz este filme da TV sueca, cujo argumentista, Bengt Bratt, dá a palavra às próprias vítimas para que o descrevam e se descrevam.

Bengt Bratt é um autor com largos anos de experiência em trabalhos sobre a realidade social directa. Os seus filmes, por essa razão conhecem um público cada vez maior, não só na Suécia como no estrangeiro. «Drill», um dos seus filmes mais recentes (um manifesto pacifista sobre a vida e a lógica do Exército), obteve o prémio da crítica nórdica «The Crash» foi aplaudido pela crítica sueca como um trabalho exemplar.

Este o programa que os espectadores portugueses poderão ver hoje — programa que vivamente se aconselha pelo contributo que pode fornecer para que também as nossas estradas deixem de ser o cemitério que infelizmente são.

"AVENTURAS E DESVENTURAS DOS HERÓIS CASTRADOS"

Continua em cèna, na Casa da Comédia, simultaneamente já com algumas deslocações à provincia, em dinamização cultural, o espectáculo do Grupo de Trabalhadores do Teatro da Casa da Comédia, «Aventuras e Desventuras dos Heróis Castrados».

Este espectáculo, elogiado pela crítica, apresenta-se todas as noites, excepto à segunda-feira, às 21 e 30, com «matinées» aos sábados, às 16 horas.

Para maiores de seis anos, «Aventuras e Desventuras dos Heróis Castrados» tem encenação de Norberto Barroca. Os estudantes, sindicalizados e funcionários têm desconto de 50 por cento dos bilhetes, podendo as marcações ser feitas através do telefone 607229.

MÚSICA NA COSTA DO SOL COMEÇA HOJE

Abre hoje o XIV Curso Internacional de Música da Costa do Sol. Às 17 horas, no Pavilhão de Congressos do Estoril as classes de Canto, da prof.ª Ré Koster, Piano, da prof.ª Helena Costa e Guitarra, do prof. Raúl Sanchez, começarão as suas aulas.

O XIV Curso Internacional de Música da Costa do Sol, que tem já uma centena de alunos inscritos, durará até 10 de Setembro, conforme tem sido anunciado, incluindo, ainda, a classe de Violino, do prof. Sandor Végh, que vai de 22 de Agosto a 10 de Setembro, e de Violoncelo, do prof. Paul Tortelier, de 24 de Agosto a 10 de Setembro.

O CINEMA ÀS VOLTAS

Uma misteriosa organização nazista encarregada de transferir para a América do Sul obras de arte sequestradas na Europa durante a Segunda Grande Guerra será o argumento de um próximo livro e de um filme.

A operação, denominada «Bienenwalen» (Doce de Mel), foi congeminada pelo marechal Hermann Goering e pelo ideologo do partido de Hitler, Albert Rosenberg, sendo os documentos comprovativos propriedade de um consórcio internacional que se dispôs a ceder os respectivos direitos literários e cinematográficos.

FILME SOBRE ONASSIS

O filme sobre a vida do multimilionário grego Aristoteles Onássis, falecido em Março último, será realizado mesmo sem o consentimento da família do extinto — afirmou o produtor grego Mastorakis.

O filme tem um orçamento provisório de seis milhões (150 mil dólares), dos quais um iria para a viúva, Jackie, se aceitasse personificar-se na película.

VALENTINO REVIVE NA TELA

Um filme de duas horas sobre a vida de Rodolfo Valentino será realizado por uma rede da televisão norte-americana no quinquagésimo aniversário da morte do célebre actor.

Sera — afirma-se — um filme sério em que o grande sedutor do cinema mudo será apresentado com verdade, desde a sua chegada aos Estados Unidos como imigrante faminto até à sua morte, idolatrado por milhões de pessoas.

CLAUDIA

A actriz italiana Claudia Cardinale contrairá proximamente matrimónio no México com o director cinematográfico Pasquale Squiteiri — afirma-se em círculos jornalísticos de Roma.

Claudia é casada com o produtor Franco Cristaldi, mas pediu o divórcio recentemente.

«UMA PRINCESA NUA»

Com o título «Uma Princesa Nua», o realizador italiano Cesare Carevarl, especializado em temas de sexo, vai pôr em filme a vida aventurosa da atraente princesa ugandesa Elisabeth de Toro, devendo o mesmo ser proximamente rodado em Itália, revela o jornal londrino «The Sun».

A princesa Elisabeth de Toro, antigo ministro dos Negócios Estrangeiros do Uganda, foi destituida pelo presidente Idi Amin por questões da sua vida privada. «The Sun» notícia também que os actores convidados a desempenhar o papel do general Idi Amin, têm recusado o convite com receio de possíveis represálias por parte do presidente negro.

A personagem da princesa ugandesa, que actualmente trabalha em Londres como manequim, será interpretada pela actriz africana Ajita, esclarece «The Sun».

UGO TOGNAZZI DE NOVO

«L'Anatra All Arancia», a comédia inglesa de Douglas Home, adaptada por Marc Gilbert Sauvajo, que conheceu os maiores exitos nos palcos italianos, está a ser cinematizada.

A adaptação é realizada por Luciano Salce, tendo como intérpretes Ugo Tognazzi, Monica Vitti, Barbara Bouchet, John Richardsson e Sabira de Guida.

CANAL DA CRÍTICA — MÁRIO CASTRIM

... E A TELEVISÃO DISSE NÃO À EMISSÃO DA EMIGRAÇÃO

Grande, grande é a cidade. Maior do que a cidade, do que qualquer cidade, é o *Teleforum*. Grande, insopurtável *Teleforum*. Esquema criado por quem não sabe, não sabe mesmo, o que são tantas horas de conversa em televisão.

Conversa que escapa ao interesse da grande parte da audiência. Pelos processos, pelo tipo de linguagem, pelos temas debatidos, ou desviados, ou desnecessariamente alongados.

Não que o tema, em si mesmo, não valha. Não é isso. Até sim. Importa, no entanto, elaborar as questões prioritárias, definir o tempo de intervenções, exigir dos participantes que utilizem o menos possível os chavões de ofício ou a palavra cara — e sobretudo que evitem as divagações, as abstracções, as confusões.

Pensar o Porto? Pois pensemo-lo. Mas no seu concreto de carne viva, principalmente nas suas perspectivas. Não quero dizer que não se praticou assim no *Teleforum*: quero dizer que não se patricou o bastante; quero também dizer que os momentos mais valiosos do programa resultaram exactamente da discussão dos problemas vivos.

Esta emissão do *Teleforum* os arquitectos Ricardo Figueiredo, Jorge Gonçalves, Bernardo do Ferrão, António Madureira e José Pulido Valente; e ainda de Jacinto Rodrigues, sociólogo; Horácio Rocha e António Cabral, dos bairros camarários; José Borges da Comissão de Moradores.

Claro que não se nega a utilidade destas emissões. Mas...

Mas, amigos, o Porto podia esperar. Pobre Porto, tem esperado tantos e tantos anos que a Televisão Portuguesa lhe ligasse um pouco... Sim, o Porto podia esperar, o Porto nem se importaria. Certamente, a grande cidade até ficaria agradecida, se pudesse ceder o seu lugar à discussão doutro problema mais instante, mais do dia — que digo eu! — mais em cima da hora.

Refiro-me ao problema da emigração.

«FASCISMO EM LIBERDADE»

Foi pobre, foi paupérrima a atenção que a televisão deu ao «Dia do Emigrante». Uma lástima. Milhares e milhares de trabalhadores vieram desses tão falados países da Europa, vieram ver de frente, bem nos olhos, o rosto da liberdade, da liberdade que nasceu no seu país natal — e que o povo do seu país não deixará perder, ombro com ombro com o M.F.A. Milhares de portugueses vieram a Portugal — e a televisão, pura e simplesmente, ignora-os.

Que formidável *Teleforum* se perdeu! Estou a escrever, há uma data de tempo, com a telefonia em cima da mesa, a ouvir o discurso daquele amigo emigrante. Uma maravilha de discurso, uma arte inimitável de falar, de chegar à inteligência e ao coração, no mesmo golpe de palavra. Ouço, com um nó na garganta, os seus apelos à unidade do povo português em redor do Movimento das Forças Armadas; o seu apoio ao desenvolvimento e fortalecimento do poder popular; o desagrado dos emigrantes portugueses perante a ineficácia do saneamento nos consulados e o apelo ao novo ministro dos Negócios Estrangeiros, etc.

Particularmente importante foi a denúncia das condições de exploração a que estão submetidos os trabalhadores portugueses nos países capitalistas: a trabalhar 12 e 14 horas por dia, em condições de indescritível desumanidade. Não deixou de acentuar que essas forças são as mesmas que fomentam, no nosso país, *o fascismo em liberdade* que campeia em certas zonas do País...

Importante, este documento. Tenho esperança de que a Imprensa não vai ignora-lo. Seria o máximo de ingratidão. Seria perder uma grande oportunidade de conhecer o que seria o futuro deste país se acontecesse a desgraça de vingarem certas teses melodiosas.

Claro que estou a ouvir isto pela Rádio e devia ter estado a ver isto p e l a televisão. Está você a ver, ó Megre, está você a ver, terá você olhos capazes de ver um *Teleforum* com alguns destes emigrantes em conversa com esse livro aberto da emigração em forma de coração que se chama Jorge Reis? Pode você imaginar, Megre, assim por esse país fora? E até lhe digo mais, fique você sabendo: em vez de três horas podia dispor de trinta horas de emissão, que nenhum telespectador arredaria pé dos televisores.

Garanto. Já não garanto que, ontem, a audiência, nos locais onde há segundo programa, fosse maior no primeiro. Sei lá se mesmo no Barredo, onde haja televisão, não estariam muitos e muitos voltados para os inquéritos do Comissário Maigret.

FESTIVAL DE LOCARNO

LOCARNO, 11 — (FP) — O Grande Prémio do 28. Festival Internacional do Filme de Locarno, foi atribuído ao belga Jean-Jacques Andrien pelo seu filme «Le Fils d'Arm est Mort».

O segundo lugar foi para o búlgaro Assen Chopov, que concorreu com «Tempos Eternos».

O Prémio Especial do Júri recaiu sobre o filme italiano «Per le Antiche Scale», de Mário Bolignini.

Concorreram ao festival, que hoje terminou, 19 filmes.

A LAREIRA
Vai reabrir no dia 14 com almoços e ementas especial
Almoçar na LAREIRA a preços concorrentes será um novo acontecimento no seu dia a dia...
Não deixe de ir... e leve o amigo
A LAREIRA
Pç. Águas Livres n.º 8-I
Telef. 68 96 27

AGÊNCIA DE VIAGENS
SOC. COM. OREY, ANTUNES, S.A.R.L.
4, Praça Duque da Terceira — LISBOA-2
Tels. 36 22 66 / 36 93 46
— LONDRES, 8 maravilhosos dias na velha capital inglesa. Saídas semanais.
— AÇORES e MADEIRA, 8 ou 15 dias. Saídas frequentes.
— ROMA, 8 dias, visitas guiadas.
— CURSOS DE INGLÊS EM INGLATERRA, incluem transporte, estadia e aulas.
— CRUZEIROS NO RENO, viagens de sonho.
— FERRIES para Inglaterra e Norte de África. Comodidade.
— MARROCOS, a sua viagem deste ano.
- TURISMO INTERNO.
- PASSAPORTES

A C.P. INFORMA.

CARRUAGENS-CAMAS

BARREIRO-VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO-GUADIANA

A fim de proporcionar ao Público melhores condições de deslocação, o combóio n.º 9021, cuja partida de ligação entre Lisboa (Terreiro do Paço) e Barreiro através da carreira fluvial, é as 23-35 horas, conduz carruagens-camas no percurso Barreiro-Vila Real de Santo António-Guadiana, no dia 14 de Agosto de 1975, véspera de feriado eficial (dia 15), em substituição deste dia

APARTAMENTOS DE FÉRIAS
COSTA DO SOL E SUL DE ESPANHA
PREÇOS DESDE 25$00 POR PESSOA
PAGUE SUAVEMENTE COM CREDI-STAR INFORME-SE E INSCREVA-SE
PAGUE SUAVEMENTE COM O CREDI-STAR
STAR
A MAIOR AGÊNCIA DE VIAGENS PORTUGUESA
Lisboa · Estoril · Porto · Faro · Funchal · Luanda

CENTRO DE PRODUCÃO Teatro Maria Matos
A RTP apresenta todas as noites, às 21.30 h., e aos domingos também, às 16 h., a peça de Miguel Franco
«LEGENDA DO CIDADÃO MIGUEL LINO»
Desc. às 2.as Feiras
Não acons. a menores de 13 anos
Bilheteira Tel. 89 70 17

Diario de Lisbôa
ASSINATURAS DE FÉRIAS
Aceitam-se assinaturas pelo período mínimo de 10 dias, ao preço de 4$00 por dia
NÃO SE ENVIAM RECIBOS À COBRANÇA

AUTO-MONUMENTAL DO AREEIRO, SARL
AGENTE OFICIAL DO DISTRITO DE LISBOA
VOLKSWAGEN
AV. PADRE MANUEL DA NOBREGA, 8, 8C e 8D (AO AREEIRO) TELEFS. 727654-727665-713057
SERVIÇO
estação de serviço peças legítimas e oficinas carros novos e usados com garantia facilidades de pagamento,

Televisão

Hoje

«Karino»

I PROGRAMA

19.00 Abertura e **Telejornal** — 1.ª edição
19.05 **TV Juvenil** — inclui «Aventuras do Rucas», «Barba Papa e Petzi»
19.30 **«Karino»** — série filmada realizada por Jan Batory
20.00 **Teledesporto**
20.30 **Telejornal** — 2.ª edição — noticiário do País e do estrangiero.
21.05 **Há Só uma Terra** — um programa sobre o meio ambiente.
21.30 **Antologia** — Festival Prémio Itália — «Acidente «The Crash»)

A carta que lêem é de um homem cuja vida foi arruinada por um acidente de automóvel. Talvez muitas cartas como esta sejam escritas. Tudo o que sei é que não me encontro só nesta situação...

Estas palavras foram escritas por Rune, um dos personagens mais significativos de «Acidente» — um filme da TV sueca realizado por Lennart Hjulström. Escrito por Bengt Bratt, autor com laecgos anos de experiência em trabalhos sobre a realidade social directa. Este filme foi aplaudido pela critica sueca como um trabalho exemplar, tendo aliás sido sevaccionado para representar a TV sueca no Prémio Itália.

23.05 Telejornal — 3.ª edição
23.20 Fecho

II PROGRAMA

21.00 Abertura e a série filmada **«Karino»**
21.30 **Telejornal** — em diferido a edição transmitida às 20 e 30 no I Programa.
22.00 **Teatro** — «Ajax» — uma peça de Sófocles na tradução e adaptação de Carlos Wallenstein. Realização de Herlander Peyroteo. Intérpretes: Lia Gama, Jorge de Sousa Costa, João Perry, Carlos Cabral, Eduardo Jacques, Costa Ferreira, Norberto Barroca, José Tavares, Eunice Muñoz, José Vaz, Jorge Vale, Fernando Barroso, Sérgio Pinto, Élio Brasil, Francisco Spencer, Pereira Saraiva, bailarino João Miranda. Cantores: Álvaro Malta Fernando Serafim, Luís França, Lara Malta e Maria Ramos.
00.05 Fecho

DESTAQUES
I PROGRAMA
Antologia (21.30)
II PROGRAMA
TEATRO:
«Ajax», de Sófoclres, às 22 horas
SIEMENS
ESTORIL Rekord

Amanhã

I PROGRAMA

....**19.00**: Abertura e Telejornal; **19.05**: TV Infantil — «Aventuras do Alecrim»; **19.30**: «Mulherezinhas»; **20.00** Das Artes e Ofícios — fotonovelas; **20.30**: Telejornal; **21.05** A Gente Que Nós Somos — América Latina; **21.30**: «Capitão Kloss»; **23.00**: Telejornal; **23.15**: Fecho.

II PROGRAMA

....**21.00**: Abertura e a série filmada «Mulherzinhas»; **21.30**: Telejornal; **22.00**: Música, Música; **23.30**: Fecho.

PARA REPARAÇÃO DO SEU TV
CLÍNICA DE TELEVISÃO E ASTRONAUTA
COM RÁDIO-TELEFONE PARA MAIOR RAPIDEZ E EFICIÊNCIA
Deslocação e orçamento gratis
Telefs. 72 27 86 - 83 42 71
Avenida S. João de Deus, 13-B - Rua Macau, 8

Geral

Trajectória

a Tecnologia
ao serviço nacional,
ao Seu serviço.

Rapidez na resposta,
eficiência de serviços, segurança
e garantia de eficácia
nos resultados obtidos,
são propostas rigorosas na resolução
dos seus problemas de sondagens,
perfurações e
pesquisas de água. Obtenha num
dia o resultado de três meses de
expectativas, evitando perdas
de tempo, contrariedades,
fadigas, etc. Colocamos a nossa
experiência ao serviço nacional,
ao seu serviço...

Consulte-nos.

Celestino Caetano & Filhos, Lda.
Telef. 248 0452
Alvarinhos — Sintra

EXCURSÕES CP

PARTIDAS DE LISBOA

● **MINHO E PENEDA-GERÊS**

3 DIAS — Partidas todos os sábados até ao fim de Setembro

Hotel de 1.ª; Ceia e arraial minhoto em quinta dos arredores de Viana do Castelo; Piquenique em pleno Parque do Gerês; e outros atractivos.

Lisboa - 1.520$00 Coimbra - 1.340$00 Porto - 1.120$00

● **VISEU E VALE DO VOUGA**

Agosto: 17/18 — 31 e 1 Set.º

Alojamento no melhor Hotel de Viseu (4 estrelas) e visita às mais afamadas terras do Vouga: S. Pedro do Sul, Termas de S. Pedro do Sul, Vouzela, etc.

Lisboa - 950$00 Porto - 890$00

● **URGEIRIÇA — LORIGA — LUSO**

Agosto: 10/11 — 24/25

Hotel em Caldas da Felgueira; Loriga e os seus miradouros, em plena Serra da Estrela; Seia, Buçaco e Luso.

Lisboa - 890$00 Porto - 830$00

● **FESTAS DA SR.ª DA AGONIA, EM VIANA**

Agosto: 15/16/17/18

Grande festa de folclore; Passeio e piquenique no Rio Lima; Ceia regional; Espectacular serenata de fogo de artifício no rio, etc.

— Alojamento em Hotel de 1.ª (Viana do Castelo).

Lisboa - 1.950$00 Coimbra - 1.690$00 Porto - 1.440$00

● **FÉRIAS PORTUGUESAS**

ALGARVE — BEIRA ALTA — MINHO

— Partidas diárias

COMBOIO (1.ª cl.) e HOTEL — Preços desde:

Albufeira	450$00	Viana do Castelo	600$00
Lagos	890$00	V. P. de Âncora	770$00
Portimão	810$00	Urgeiriça	850$00
Praia da Rocha	860$00	Viseu	780$00
Faro	910$00	Guarda	920$00
Quarteira	790$00	Covilhã	690$00
Monte Gordo	690$00	Penhas da Saúde	690$00

PROGRAMAS DESCRITIVOS E INFORMAÇÕES:

— Lisboa: Estações de Lisboa-Rossio e St.ª Apolónia
» EGT — Rua do Arsenal, 124 — T. 367529
— AGÊNCIAS DE VIAGENS

motor revista

AQUI É QUE BATE O PONTO!

11-1 A FAVOR DO OCIDENTE

Peter Kranick e sua mulher, detidos em França desde 1966 sob a acusação de espionagem a favor da República Democrática Alemã, foram «expulsos» do território francês no dia 18 de Maio deste ano.

Na realidade, parece não terem sido expulsos. Teriam, sim, sido trocados por onze indivíduos presos na R.D.A. por idênticas razões, mas ao contrário.

Como se vê, nestas coisas de espionagem o desporto ocidental está muito evoluído. O resultado de 11-1, nesta partida, não foi nada mau.

A SORTE E O AZAR

Procedeu-se à adjudicação da zona de jogo na Póvoa de Varzim.

Sabe-se como é grande a tentação do desconhecido. Vide Stephan Zweig. Nos próprios países socialistas, em zonas de grande turismo, lá está o casino caça-dólares, para uso dos estrangeiros.

Boa sorte ao casino da Póvoa. Oxalá afluam em barda os estrangeiros maluquinhos da roleta. A ver se entra algum, por meio da sorte, para compensar do muito que saiu, por meio do azar.

PINOCHET TEM MEDO

A Suécia e o Chile vão defrontar-se para as meias-finais da Taça Davis», em ténis. O jogo está marcado para Baadstad, estância balnear sueca. O Chile pediu que o jogo se efectuasse em campo neutro. O pedido foi rejeitado.

Motivo alegado o temor das manifestações hostis anunciadas pelo Comité Sueco de Ajuda ao Chile, apoiado pelos sindicatos e pelo Partido Comunista Sueco.

Pinochet já nem tem vergonha de mostrar que tem medo. Há só um campo onde ele está à vontade: no campo de concentração do Chile, de que ele é carcereiro-mor. Aí, pode ele entreter-se a jogar a sua partidinha de ténis com ilustres visitantes. O banqueiro Champalimaud, por exemplo.

OS CONCEITOS DE LIBERDADE

Vimos nesta sala onde se realizou o Concurso Internacional da Rainha Elisabeth, na Bélgica, três grandes artistas que, pelo seu trabalho, pela sua aplicação e pela sua cultura atingiram uma craveira extraordinária, vimos também uma assistência extremamente bem vestida, luxuosamente vestida que fruiu, tentou recuperar o trabalho, a aplicação e a cultura desses artistas.

«Estamos em presença de dois conceitos de liberdade: A a liberdade de ser artista e dois conceitos de liberdade: a liberdade de ser artista desta craveira e a liberdade de fruir burguesmente a arte. Qual delas importa mais para o futuro da Humanidade, para o futuro de todos nós? Este o tema de reflexão que aqui vos deixo.»

(Mário Vieira de Carvalho)

QUEM?

«Quem é que foi desacatar a nossa Vila? Os famalicenses não foram e disso tenho a certeza. Estarão parte dos culpados no estrangeiro? Alguns estão e todos o sabemos. Outros estão cá desesperados mas organizados (em 28 de Setembro pagaram camionetas) avançam num momento de crise. Não acredito que o Povo de Brufe do Calendário ou mesmo de todo o concelho da nossa Vila não soubesse distinguir o inimigo do amigo, o mesmo é dizer: a Revolução Socialista da contra-revolução fascista. Os famalicenses também sabem que antes de 25 de Abril quem assaltava as casas de Lino Lima e Armando Bacelar era a Polícia fascista. Quem o faz hoje e com que interesses? Estou em desacordo com os amigos que em Lisboa me dizem que «a minha terra é reaccionária». Não é verdade e a confirmar estas minhas palavras está o facto de que o meu concelho está indignado com os crimes que aqui se praticam à sombra do desespero de 50 anos de fascismo.»

(Da carta de um leitor)

A PARALICIA INFANTIL

«A lenda que rodeia a C.I.A. justifica-se pelo facto de a **Agência** ter feito em certos lados algumas das coisas de que a acusam.

A C.I.A. derrubou o Governo do Irão e da Guatemala. Organizou a invasão de um país estrangeiro (Cuba) na Baía dos Porcos. Anteriormente, interferira, a poder de dinheiro, nas eleições da França e da Itália. Subvencionou as actividades internacionais de estudantes, de cientistas, de jornalistas, de padres, de dirigentes sindicais. Pagou estações de Rádio e jornais no estrangeiro...

(Walter Lippman)

Este é um dos muitos desenhos distribuídos pelos Serviços Nacionais de Abastecimento de Água da Grã-Bretanha, numa iniciativa destinada a poupar aquele cada vez mais precioso líquido. Poupe água lavando-se acompanhado e na verdade aliciante e...agradável de cumprir.

A MORTE DO COMPOSITOR DMITRI CHOSTAKOCITCH

MOSCOVO, 11 — (FP) — Vitimado por uma crise cardíaca, faleceu no sábado np hospital de Koutsevo, perto de Moscovo, o grande compositor e pianista Dmitri Dmitrievich Chostakovitch.

Nascido em Leninegrado há 68 anos, o compositor russo tornou-se conhecido nos meios musicais do seu país aos 16 anos de idade, tendo, mais tarde, sofrido críticas acerbas do regime estalinista contra parte das suas obras musicais, apesar do entusiástico acolhimento que sempre tiveram junto do público conhecedor.

Apesar dessas críticas, Chostakovitch acabou por ser nomeado professor do Conservatório de Leninegrado, em 1937, e recebeu por cinco vezes o Prémio Estaline. Em 1958, recebeu igualmente o Prémio Lenine e o Prémio Sibelius.

O compositor arménio Ahram Khatchatulian prestou uma vibrante homenagem a Dmitri Chostakovitch, ao saber da sua morte: «Esse grande compositor fez época na história da música soviética, não só da música soviética mas igualmente da música mundial», declarou.

Por outro lado, a agência Tass, poucas horas depois de ter anunciado a morte do compositor, indicou na sua biografia que ele tinha acabado há pouco uma sonata para piano e contralto, apesar da sua grave doença.

«Considerado como um dos mais eminentes compositores da nossa época, e autor de cerca de 150 obras musicais, fez-se conhecer mundialmente com as suas sinfonias, notáveis pela sua «tensão emocional» especialmente a célebre Sétima Sinfonia, conhecida por «De Leninegrado», que compôs em 1942 durante o cerco da cidade», acrescenta a agência.

«O que caracteriza a obra do compositor — conclui a agência Tass — é a sua vontade de pôr na música os conflitos profundos da vida e a complexidade dos sentimentos humanos.»

Desporto

JÁ CHEIRA A FUTEBOL A SÉRIO

Com três das principais equipas portuguesas a jogarem no estrangeiro Benfica, Belenenses e Boavista) o público adepto do futebol já vai tendo um «cheirinho» da sua modalidade preferida assim, o Benfica alcançou o terceiro lugar no Torneio de Bilbau ao bater o Real Sociedad por 2-0; o Belenenses empatou com o Cadis a dois golos e o Boavista perdeu a final da «Pequena Taça do Mundo», frente à selecção da Alemanha Oriental apenas por 1-2.

O Benfica, frente ao Real Sociedad, confirmou tudo quanto havia feito na segunda parte do encontro com os ingleses do Queen's Rangers: isto é, efectuou uma bela exibição e mostrou a todos quantos presenciaram a partida a sua excelente forma já neste início de época. Os dois golos dos portugueses foram obtidos por Vitor Baptista, o primeiro aos 30 minutos do primeiro tempo e o segundo quando faltava apenas um minuto para terminar esse primeiro tempo. Ambos os tentos foram de belo efeito, o prixirma ddmonstrar que o seu marcador está mais «engodado» pela baliza e o segundo na transformação de um livre a castigar carga sobre Moinhos, já ito perto da área de rigor. Note-se que a carga sobre Moinhos foi cometida depois de este jogador ter efectuado uma série de fintas magistrais e estar em boa posição para assinar um golo de rara espectacularidade. Sob a arbitragem de Lamo Castillo, as equipas alinharam

BENFICA — Bento; Artur, Messias, Eurico e Barros; Vitor Martins, Sheu e Toni («capitão»); Moinhos, Nené e Vitor Baptista.

Substituições: aos 32 minutos de segunda parte, Diamantino rendeu Moinhos e Eduardo entrou para o lugar de Eurico.

REAL SOCIEDADE — Urruticoechea; Choperena, Uranga, Martinez («capitão») e Urreisti; Elcoro, Murillo e Gaztelu; Diego, Araquistain e Idigoras.

Substituições: depois do intervalo, Murazabal rendeu Araquistain e Boronat entrou para o lugar de Idigoras.

BELENENSES

O Belenenses começou mal... mas acabou bem. Esteve a perder por 0-2, mas chegou ao empate. Em apenas dois minutos o Cadis marcou os seus golos todos quantos aconteceram no primeiro meio tempo; veio depois a reacção «azul» e aos doze minutos já o marcador apontava a igualdade. Foi então que perante os 15 000 espectadores pairou o espectro da derrota dos seus preferidos todavia, o resultado não se modificou, não obstante as belas exibições de Freitas e Pietra, dois jogadores que se mostraram com «fome» de bem jogar futebol. De notar que Gonzalez actuou adoentado, enfraquecendo, portanto, o rendimento da turma; que é ele o motor deste conjunto afinado e montado por Peres Bandeira.

Sob a arbitragem de Oliva Sainz as equipas apresentaram-se com a seguinte constituição

CADIS — Cervantes; Cenitagoya, Diaz, Espildora e Herrero; Ibáñez, Carballo e Ortega; Quetglas, Urruchurtu e Lloret.

Substituições no começo da segunda parte, Farias substituiu Lloret e Rocamora entrou no lugar de Cenitagoya.

BELENENSES — Melo; Sambinha, Quaresma, Freitas e Cardoso; Isidro, Pietra e González; Quinito, Alfredo e Ramalho.

Substituições aos 25 m. da segunda parte, Vasques (ex-Atlético) entrou para o lugar de Ramalho. Logo a seguir, Pincho substituiu González.

Os golos do Belenenses foram apontados por Pietra (um tiro de 40 metros) e por Ramalho.

BOAVISTA

Mesmo perdendo (por 1-2) o Boavista confirmou toda a sua classe perante o público de Caracas. E não se poderá «chorar» a derrota, já que o adversário do vencedor da Taça de Portugal-1975, foi nada mais nada menos do que a selecção da Alemanha Oriental, essa mesma que esteve presente no último mundial e tão boa conta deu de si.

Os democráticos alemães chegaram a 2-0 com relativa facilidade o primeiro tento foi marcado na transformação de uma grande penalidade (aos 11 minutos) e o segundo aos 44 minutos ainda do primeiro tempo; o tento de honra dos do Bessa foi alcançado por Salvador, quando faltavam dois minutos para o final um tento de belo efeito, num «tiro» sem preparação.

Árbitro Josué Salinas; equipas:

R. pública D. mocrática da Alemanha — Croi; Crapentain, Rorner, Weise e Kurjneite; Lak, Riediger e Pommerenkg; Strich, Vogal e Hoffman.

Boavista — Botelho; Trindade, Mário João, Carolino e Tai; Barbosa, Alves e Francisco Mário; Hilton, Salvador e Acácio.

No recomeço, Jorge ocupou o lugar de Barbosa e Zezinho, o de Acácio

VASAS

Enquanto estas três equipas portuguesas andam lá por fora, cá na nossa terra temos por visita o Vasas, de Budapeste: jogou no sábado à noite no Restelo com o Estoril (empate a um tento) e tornou a actuar ontem no Barreiro, frente a uma selecção local (vitória dos húngaros por 1-0). Depois de amanhã o Vasas volta a actuar em relvados portugueses, defrontando então um selecção do centro do país.

No que diz respeito ao quarto encontro programado para o Vasas (seria com o Leixões) soube-se ontem que já não se realiza. A propósito a INATEL fez distribuir o seguinte comunicado

Em rectificação ao anunciado jogo de futebol entre as equipas do Leixões e do Vasas de Budapeste, vimos comunicar que este jogo já não se realiza

1. Porque embora as negociações fizessem crer que talvez se realizaria, justificando, assim, os anúncios dos jornais e outra publicidade;

2. Como a nossa boa vontade não chegou para fazer sentir à Direcção do Leixões para resolver o problema, pois tratava-se de uma das melhores equipas da Europa, não nos cabia a nós pagar um mínimo que fosse para a realização do jogo, resolução essa que vinha contrariar as nossas ideias em melhorar o desporto, mas sim o chegarmos a um entendimento.

3. Uma vez que não se concretizou o entendimento para a realização do referido jogo, esclarecer o público, sócios do Leixões, bem como aos trabalhadores em geral que perderam a oportunidade de ver actuar uma das melhores formações da Europa, a preços populares.

Cravos vermelhos para os jogadores do Vasas de Budapeste: foi no sábado à noite, no Restelo. Pena que as bancadas se tivessem mostrado tão vazias...

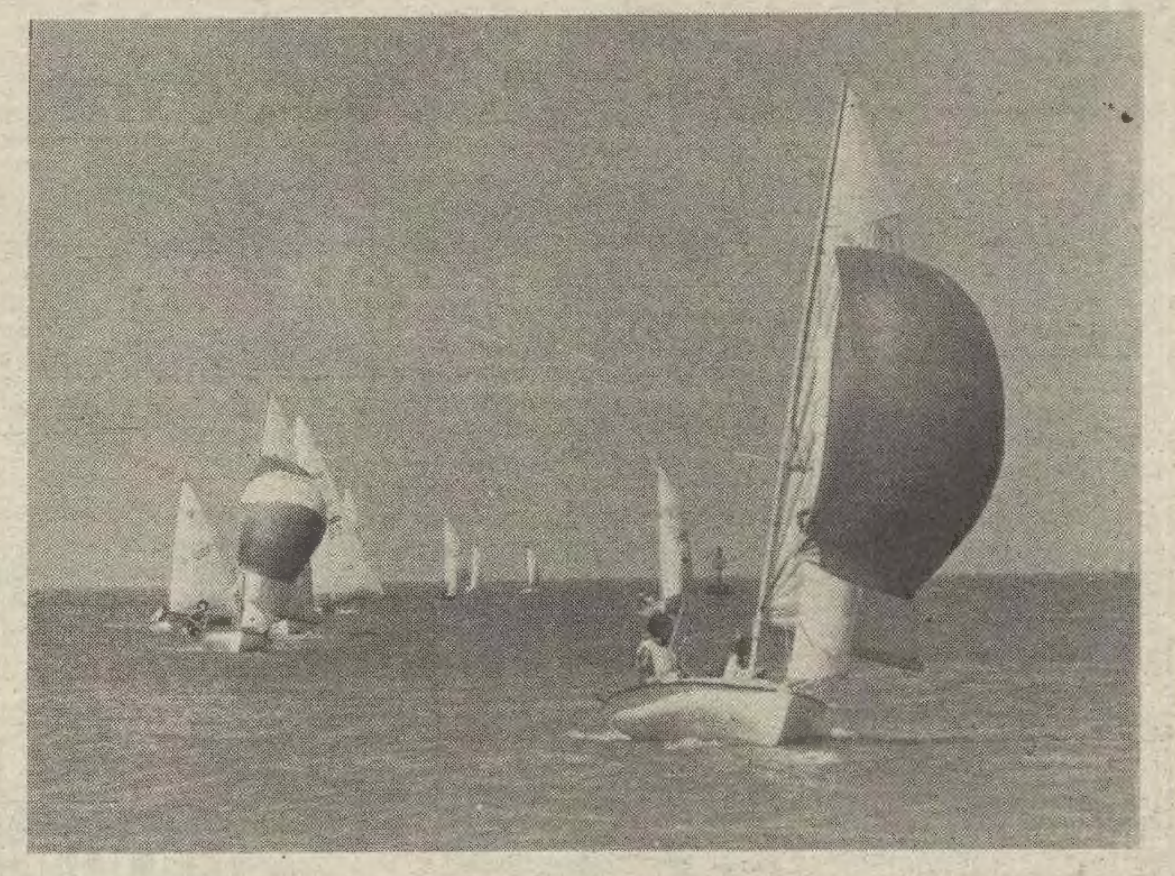
6.ª-feira: RECORDAR RANGEL

Na próxima 6.ª feira, no Bonfim e por iniciativa do Bissau Futebol Clube, de Setúbal, vai realizar-se uma festa em memória do jogador do Montijo Rangel, falecido num acidente de viação quando regressava de um comício do partido político a que pertencia (a LUAR). O festival de homenagem ao jogador engloba os jogos Bissau-juniores da época de Rangel e Vitória de Setúbal-Montijo.

Vários jogadores de primeiro plano prontificaram-se a participar no festival, cuja receita reverte a favor do filho de Rangel: Mourinho, Quinito, Amâncio, Isidro, Jaime Graça, Tomé, José Mendes, Charroco, Chico, Valter, Marinho e Damas.

O festival principia às 19 horas.

VELAS NO TEJO



O Clube Oriental de Lisboa fez animar as águas do Tejo com a realização de uma regata comemorativa do 29.º aniversário da sua secção náutica. Assim, num domingo tranquilo, as velas emprestaram às águas não menos tranquilas do rio de Lisboa, a alegria da prática desportiva.

Aberto a todas as classes, compareceram 45 barcos, tendo a classificação final ficado assim ordenada:

«Moth»: 1.º, Manuel Sequeira (Alhandra); 2.º, Francisco Cassaca (C. O. L.); 3.º, Carlos Oliveira (C. N. L.).

«420»: 1.º, Henrique R. Sousa (C. N. L.); 2.º, 25834 (C. N. L.); 3.º, 22221 (C. N. L.).

«Snipes»: 1.º, Francisco Borralho (C. O. L.); 2.º, Joaquim Bento (C. N. Barreirense); 3.º, Fernando Vieira (P. Arcos).

«Vauriens»: 1.º, João Conde (Vilafranquense); 2.º, Vitor Santana (C. O. L.); 3.º, Francisco Manuel (Cimentos Tejo).

«470»: 1.º, João P. (Cascais); 2.º, Carlos Santos (C. O. L.); 3.º, Eduardo Corte Real (Associação Naval).

«Optimist»: 1.º, Armando Correia (C. O. L.); 2.º, Fernando Landi (C. O. L.); 3.º José Chagas (C. N. Barreirense).

BOXE

INAUGURADO O ESTÁDIO MAYER

No último fim-de-semana foi inaugurado, em pleno Parque Mayer, o Estádio Mayer, onde o boxe volta ao seu lugar de eleição. Muito público correspondeu ao esforço da organização; e o espectáculo quase que agradou por completo.

Do programa fazia parte a disputa de 6 combates: no primeiro João Paquito, venceu aos pontos João Magalhães; no segundo Osvaldo Lopes, venceu aos pontos António Pinheiro; depois, já entre profissionais, Orlando Jesus venceu Vitor Pires, aos pontos; subiram depois ao «ringue» José Luís e Mondim, para o combate que proporcionaria a «grande bronca» da noite: durante o último assalto, José Luís surgiu a sangrar da arcada supraciliar esquerda, pelo que foi chamado o médico para avaliar das condições físicas do atleta; este abonou a incapacidade física de continuar o combate pelo que a mesa decidiu pela desclassificação de Mondim (por suposta ou real cabeçada dada a José Luís) atribuindo, portanto a vitória, ao pugilista ferido. Esta decisão não foi ao encontro da opinião do público, tendo havido «sururu» que só terminou com a eficiente actuação da Polícia Militar.

No último assalto registou-se um nulo entre José Diogo e Serafim Bento.

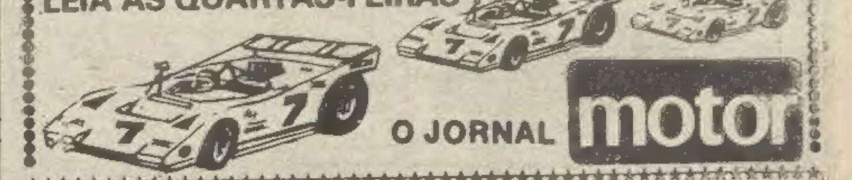
NATAÇÃO

Paulo e Melo em Genebra

Paulo Frischknecht e António Botelho de Melo, não foram felizes na sua participação nos campeonatos europeus de juniores que se estão a cumprir em Genebra. Na prova de 200 metros estilos, Paulo conseguiu o tempo de 2.23,9, tendo ficado na quinta posição. No entanto, com o tempo obtido, Paulo igualou o «record» nacional absoluto e de juniores, que de resto já lhe pertencia. Quanto a António Melo quedou-se no 7.º lugar com o tempo de 2.27,7.

Nos 400 metros livres Paulo fez 4.28,8 enquanto Melo registou 4.38,6. Ambos os nadadores foram eliminados, o mesmo acontecendo ao benfiquista António Mourão, que nos 200 metros bruços fez 2.50.

LEIA ÀS QUARTAS-FEIRAS



O JORNAL motor

Geral

"A CRISE ACTUAL É UMA CRISE MILITAR"

Continuação da pág. 9

divisionismo e de reforçar a estrutura do poder político e do Estado Democrático».

PERGUNTAS

O representante do «New York Times» fez uma pergunta sobre o probirma das alianças, à qual Álvaro Cunhal respondeu: «As próprias forças políticas têm de mostrar por si se estão ou não interessadas no processo revolucionário. Não com palavras, mas sim com actos».

Adriano de Carvalho, do «Jornal do Comércio», apresentou uma questão relacionada com o «Documento Jesuino» e a hipótese de uma censura tentando saber qual era posição do P.C. perante o referido documento. A resposta de Álvaro Cinhal dizendo que «não conhecia o documento mas sublinhando que «somos contra a censura prévia... no entanto podemos admitir uma recomenđação no respeitante a notícias militares» fez com que o jornalista insistisse, falando nas multas e sanções. Então o secretário geral do P.C.P. pôs os pontos nos is:

«Uma coisa é censura e outra é responsabilidade. Nós somos contra censura e pela responsabilidade. Deseja saber mais alguma coisa? Acha que respondi à sua pergunta?».

O repórter do Tele-jornal da Rádiotelevisão Portuguesa perguntou «como encarava o P.C. a não participação dos seus militantes no V Governo Provisório?». Álvaro Cunhal afirmando que era impossível a continuação de um Governo de coligação depois da saída do P.S. e P.P.D. declarou:

«No entanto há membros de partidos no V Governo Provisório. No conjunto governamental há mesmo comunistas, mas não como representantes do Partido»».

O jornalista do «New York Times» aproveitou logo para tentar safar «quemeram os comunistas que estavam no Governo». Muito inteligentemente Álvaro Cunhal respondeu com o único nome que toda a gente conhece: «Carlos Carvalhas». O jornalista insiste. «E outros?. C8nhal sorrindo diz: «É tudo!» O objectivo e sóbrio «Le Monde», mordido pela curiosidade pergunta a razão porque se tinha realizado a reunião com a Imprensa, marcada para a sede da António Serpa, ali em Alhandra. Álvaro Cunhal responde também com uma pergunta:

«Gosta desta sala?»

O jornalistas comenta:

«É agradável mas podia ser noutra...»

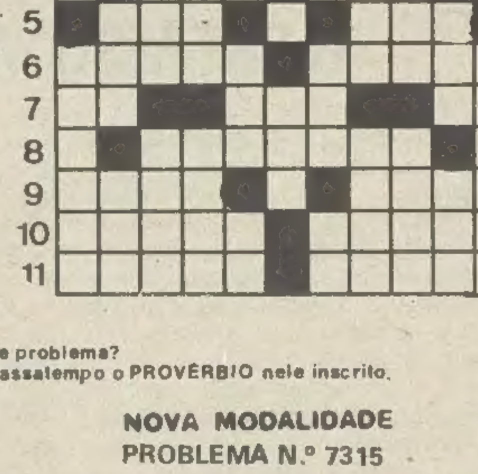
Álvaro Cunhal: «Sem dúvidas...»

palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO
PROBLEMA N.º 11156

HORIZONTAIS

1 Deseja ardentemente. Limpas com água.
2 O mesmo que raros. Afio.
3 Filtra. Dar urros.
4 Fúteis. Ente.
5 Em as. Artigo definido. Graça.
6 Miras. Unas por casamento.
7 Preposição e artigo definido. Joeira. Satélite de Júpiter.
8 Fêmeas do cão.
9 Paixão. Murcha.
10 Raspas. Remediar.
11 Guarnecera de asas. Carvão incandescente.



VERTICAIS

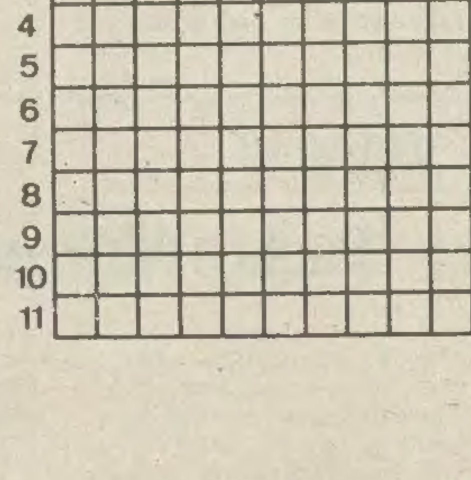
1 Baú. Estivera desocupado.
2 Recusa. Ninho. Ruins.
3 Prendias com elos. É parte do chapéu que cobre a cabeça.
4 O lado do vento. Pega. Sulcar a terra.
5 Membros de aves. Nome que se dá ao comboio expresso de Paris. Apelido.
6 Possui.
7 Reino da Federação Indochinesa. Óxido de cálcio. Duas consoantes desiguais.
8 Agarra. Guarnecer de asas.
9 Limpes com vassoura. Rio de França.
10 Altar cristão. Moral. Cabelos brancos.
11 Bebida do Peru. Esmurrara.

Resolveu completamente este problema?
Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE
PROBLEMA N.º 7315

HORIZONTAIS

1 Distrito da antiga Índia Portuguesa. Filho de Perseu, avô de Hercules. (Mit).
2 Prefixo de negação. Peça de ferro em que se apoia o couto de lança quando se pretendeinvestir. Abreviatura da palavra inglesa mister (senhor).
3 Forma apocopada e proclítica de vale. Arara. Cada uma das partes dissociadas pela corrente eléctrica.
4 Aneis. Guarda segredo.
5 Vila e concelho do distrito de Viseu. Cidade de França.
6 Nome de frutos. Cidade da Ucrânia.
7 Terceiro.
8 Jogo dianteiro das carretas de artilharia. Guardam segredo.
9 Norma. Preposição e artigo definido (pl.) Vossa Alteza.
10 Combines. Tília. (pop).
11 Terrenos cobertos de vegetação no meio de um deserto. Que tem muitos anos.



VERTICAIS

1 Deusas. Liga de cobre e zinco.
2 Poisam no mar (o avião). Armadilha para pássaros.
3 Porcão de peixe que se vende em leilão. Ttrituras.
4 Aparência. Fartarei.
5 Freguesia do concelho de Oliveira do Bairro. Rio dos Estados Unidos. Abreviatura de Santíssimo.
6 Senhora. Nota musical.
7 Fruto da ateira. Grude.
8 Vê. Guindaste grande (pl).
9 Palmeira da Amazónia. Porco.
10 Abrandar. Vila e concelho do distrito de Portalegre.
11 Vasos para água entre os antigos. Mete em mala.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 11155

HORIZONTAIS:
1 Parca. MUITO. 2 Acuam. Armar. 3 Ita. Ora. 4 Erra. An. 5 Cia. Mua. Aio. 6 E.C. Soara. Rs. 7 Ocar. Atra. 8 Ala. Iró. 9 Uivar. Salas. 10 Elam. Iago. 11 Mores. Crias.

VERTICAIS:
1 PADECE. QUEM. 2 A.C. Rico. Ilo. 3 Ruira. Cavar. 4 Cata. Salame. 5 AMA. Orar. 6 Tua. 7 Mão. Arais. 8 Urra. Atrair. 9 Imana. Rolai. 10 Ta. Ira. Agá. 11 Oramos. Ósos.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 7314

HORIZONTAIS:
1 Cádis. Barra. 2 Amar. Siem. 3 Ras. Cia. Oso. 4 Pr. Sarda. Tl. 5 Arcos. Impia. 6 Armo. Terá. 7 Escavar. Negra. 8 Va. Barro. Ca. 9 Oira. Lias. 10 Ra. Co. Amais. 11 Assou. Mossa.

VERTICAIS:
1 Carpa. Évora. 2 Amarra. Aias. 3 Dás. Cró. 4 Ir. Som. Baco. 5 Casota. Ou. 6 Vir. Rd. 7 Aditar. Am. 8 Ás. Ame. Olmo. 9 Rio. Pré. Ias. 10 Réstia. Cais. 11 Amola. Massa.

PROVÉRBIO: Muito padece quem ama.

DIZ O M.R.P.P.:
"O povo do Norte vai ser dirigido pelo M.R.P.P."

O Movimento Reorganizativo do Partido do Proletariado realizou ontem um comício em Famalicão. A sessão foi muito concorrida, segundo uma informação da Comissão de Imprensa do M.R.P.P., onde se lembra que «Famalicão foi, nos últimos tempos, cenário de múltiplos incidentes claramente anunciadores da fase nova da Revolução portuguesa, a do desenvolvimento violento», para dizer que a sessão de ontem decorreu sem incidentes. Lê-se, a certa altura, no comunicado «Ao acorrer em massa ao comício do M.R.P.P. em Famalidão, os camponeses e os operários do Norte manifestaram uma vez mais a sua vontade de se emanciparem».

Segundo o M.R.P.P., «o acolhimento coloroso e fraternal dispensado pelos operários e camponeses ao seu grande dirigente e educador Arnaldo Matos , é sinal claro de que o povo do Norte vai ser dirigido pelo M.R.P.P. Porque o povo do Norte quer a Revolução e o M.R.P.P. é a única política capaz de o conduzir à Revolução democrática e popular».

O M.R.P.P. realiza na próxima quarta-feira outro comício, desta vez no Pavilhão da Amadora. Na quinta-feira há um comício do M.R.P.P. na Covilhã.

INSURREIÇÃO EM TIMOR

Continuação da pág. 1

da «Trans Austrália Airlines», anunciava a suspensão dos seus voos bi-semanais entre Darwin e Dili, ao passo que os telefonistas de Sydney não conseguiam obter resposta ao tentarem contactar a capital timorense. A Embaixada portuguesa em Camberra, por seu turno, recusou vistos aos jornalistas que pretendiam dirigir-se a Timor, enquanto o encarregado dos negócios da Embaixada declarava: «Só soube do golpe pela rádio e estou ainda a tentar entrar em contacto com o meu Governo de Lisboa. Só posso passar vistos depois de tudo esclarecido». Esta situação confusa manteve-se até a manhã de hoje, quando se conseguiram efectuar os primeiros contactos com Dili.

TIMOR

A colónia de Timor, ocupa a metade oriental da ilha do mesmo nome, situando-se a cerca de 500 quilómetros de noroeste da Austrália. É administrada por Lisboa desde 1586. A sua população é de 610 000 habitantes.

Na sequência de conversações efectuadas com dois dos três partidos timorenses (a U. D. T. e a Apodeti), o Governo português anunciou, em 12 de Julho, que encarava a hipótese de o território permanecer sob soberania portuguesa até 1978. A Fretilin, que quer a independência imediata, boicotou a conferência com as autoridades portuguesas, contestando a presença nas conversações dos outros dois movimentos.

O texto constitucional publicado em Lisboa em 12 de Julho providencia pela formação de um Governo timorense num futuro próximo, com Portugal conservando as suas «prerrogativas de soberania e administração até 1978» a não ser que «acordos prévios sejam firmados entre o Governo português e a Assembleia Popular timorense». Esta Assembleia deverá ser eleita por sufrágio universal e voto secreto, em Outubro de 1976

Incêndio na Baixa Saxónia

BONA, 11 — (ANI) — Oito mortos, vários milhões de marcos de prejuizo, a destruição de 10 quilómetros quadrados de bosques em Gifhorn (província da Baixa Saxónia) constitui o balanço ainda parcial de um incêndio de grandes proporções que deflagrou na sexta-feira passada.

Mais de três mil bombeiros, soldados e povo estão a combater as chamas.

Há a registar a morte de seis bombeiros, ontem de tarde, tendo morrido no dia anterior um bombeiro e um civil.

tempo

Situação do tempo
09.00 H.

O céu estava limpo, com excepção da faixa costeira para o Norte do Cabo Carvoeiro, onde se concentravam neblinas em alguns locais.

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H.

PORTO	20º
COIMBRA	19º
LISBOA	21º
FARO	28º
SAGRES	19º
P. DELGADA	22º

TEMPERATURAS EXTREMAS

ELVAS
Máxima **36,5º**

Figueira de C. Rodrigo
Mínima **9,1º**

TEMPERATURAS NO ESTORIL

Água do mar **16º**
Atmosfera **18,2º**

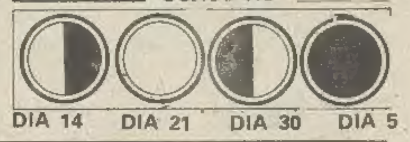
MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
6.41	3,9 m	0.00	0,6 m
19.01	4,0 m	12.15	0,7 m
Dia 12			
7.28	3,8 m	0.46	0,8 m
19.51	3,8 m	13.04	0,9 m
Dia 13			
8.20	3,6 m	1.38	1,1 m
20.49	3,5 m	14.02	1,2 m

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Céu limpo ou pouco nublado vento fraco soprando moderado do Noroeste no litoral oeste a Sul do Tejo. Neblina ou nevoeiro matinal nas regiões do litoral a norte do Cabo Carvoeiro

AMANHÃ
NASCER ÀS 6.47
OCASO ÀS 20.36



DIA 14 — DIA 21 — DIA 30 — DIA 5

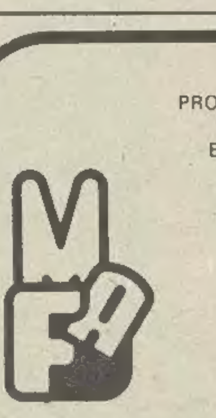
BARS BOITES — restaurantes típicos — DANCINGS

NINA — Dancing com atracções. **Rua Paiva de Andrade, 7-13. T.** 364859/368197 YUKY STREAP-TEASE JAPONESA

CASINO ESTORIL — Jogo autorizado.

Variedades internacionais. T. **26461/264526/264596/264621/264946**

HIPOPÓTAMO — Conjunto Hipopótamo. Encerra aos domingos. **Av. António Augusto de Aguiar, 5-A. T. 48384.**



PROGRAMAS RADIO MFA

EMISSORA NACIONAL	RADIO CLUBE PORTUGUÊS
De 2.ª a 6.ª feira:	3.as e 5.as feiras:
12,30 às 13,00	21,00 às 21,25
18,15 às 19,00	
23,00 às 23,15	
06,15 às 07,00	
Aos Domingos:	
10,00 às 12,00	

farmácias de serviço

LISBOA

TURNO F-1
ATÉ ÀS 22 HORAS

ALVALADE — **Neoterapia**, Campo Grande, 138, (Telef. 774682); **Estados Unidos**, Avenida Estados Unidos da América, 16-B, (Telef. 725859).
AMOREIRAS — **Pátria**, Calçada dos Mestres, 30-A, (Telef. 680627).
AVENIDAS NOVAS — **Fátima**, Avenida 5 de Outubro, 147-A, (à Avenida Barbosa du Bocage), (Telef. 763107).
BAIRRO ALTO — **Oliveira**, Rua D. Pedro V, 123, (Telef. 327880).
BAIXA — **Normal**, Rua da Prata, 220, (Telefs. 321342-325553).
BENFICA — **Lavinha**, Rua Eng. Paulo de Barros, 28-A, (à Rua do Casquilho, (Telef. 708242).
CAMPO DE OURIQUE — **Condestável**, Rua Coelho da Rocha, 119, (Telef. 666206).
CARNIDE — **Leal de Matos**, Rua Neves Costa, 33, (Telef. 780181).
CASTELO — **Ziler**, Rua S. Tomé, 54, (Telef. 862835).
LAPA — **Pinheiro**, Rua Presidente Arriaga, 16, (Telef. 691054).
LUMIAR — **S. Tomé**, estrada do Desvio, Lote 12-C, (Telef. 790704).
RESTELO — **Belém**, Rua Tristão Vaz, 10-A, (à encosta do Restelo), (Telef. 612248).
S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA — **Novais**, Avenida Luis Bivar, 11, (Telef. 44324).

TURNO F-2
TODA A NOITE

ALCÂNTARA — **Dilena**, Rua Aliança Operária, 49-A/B, (Telef. 636620).
ALTO DE S. João — **Nova Luz**, Rua D. Domingos Jardo, 28-A, (à Avenida D. Afonso III), (Telef. 843439).
ARCO DO CEGO — **Palma**, Avenida Duque de Ávila, 25-31, (Telef. 47088).
AREEIRO — **Vera Cruz**, Praça Afrânio Peixoto, 2-B (à Avenida S. João de Deus), telef. 724941).
ARROIOS — **Antolin**, Av. Alm. Reis, 88-C (tel. 721773).
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO — **Zira**, Praça das Casas Novas, Lote 66, (Telef. 310172).
BENFICA — **Sousa**, Estrada de Benfica, 429, (Telef. 780027).
CAMPO DE OURIQUE — **Ivone**, Rua Silva Carvalho, 232-C, (Telef. 650760).
CONDE DE REDONDO — **Contemporânea**, Rua Conde Redondo, 26/30, (Telef. 45048).
ESTRELA — **Aurélio Rego**, Calçada da Estrela, 139, (Telef. 661758).
LUMIAR — **Matos Viegas**, Avenida Rainha D. Amélia, 34-B, (Quinta das Mouras), (Telef. 794174).
PENHA DE FRANÇA — **Branquinho**, Rua de Sapadores, 87, (Telef. 842725).
PICHELEIRA — **Marluz**, Calçada da Picheleira, 140-B, (Telefs. 720703-728395).
S. PAULO — **Ultramarina**, Rua de S. Paulo, 99, (Telef. 321771).
XABREGAS — **Romana**, Rua Actor Augusto de Melo, 7-A; (Telef. 383800).

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS — **Miramar**, R. Ernesto Silva, 81 (T.212048)
PAÇO DE ARCOS — **Trindade Brás**, R. Costa Pinto, 184 (T.2432034). Até às 22 horas
OEIRAS — **Godinho**, R. Cândido dos Reis, 98 (T.2430090). Toda a noite
CARCAVELOS — **Central**. Toda a noite
PAREDE — **Grincho**, Av. da República, 87 (T.2471204). Até às 24 horas
ESTORIL — **Marques dos Santos**, R. Ferreira J.A., 15 (T.260116). Até às 22 horas
MONTE ESTORIL — **Ostende**, R.de Espinho, 1 (T.260391). Toda a noite
CASCAIS — **A.Costa**, R. Freitas Reis, 24-C (T.280214). Até às 22 horas; **Cordeiro**, Av. C.G.Guerra, 40 (T.280170). Toda a noite

LINHA DE SINTRA

AMADORA — **Melo**, P.D.João I, 9-B (T.932756); **Central**, Av. Cardoso Lopes, 25 (T.937740); **Igreja**, L.da Igreja, 22-A (T.937740); **Jardim**, Av. Conde de Oeiras, 120 (T.938424)
DAMAIA — **D.João V**, Av. Gurgel do Amaral, 2-A (T.970461)
VENDA NOVA — **Nova**, R.Elias Garcia, 10 (T.972530)
QUELUZ — **Gil**, Av. Miguel Bombarda, 28 (T.950117); **Simões Lopes**, Av. Elias Garcia, 51 (T.950123)
CACÉM — **Central**, R.Elias Garcia, 55 (T.2940034)
MEM MARTINS — **Química**, E.de Mem Martins, 285 (T.2910012)
S.PEDRO DE SINTRA — **Valentim** (T.980456)
SINTRA — **Simões**, Estefânia (T.2930832)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE — **Nunes**, L.Coronel Ramos da Costa, 15 (T.234137)
ALHOS VEDROS — **Gusmão**, R.Cândido dos Reis, 30 (T.204020)
ALMADA — **Magalhães**, R.Ca itão Le tão, 8 (T.2750242)
BAIXA DA BANHEIRA — **Aliança**, E.Nacional, 178-B (T.2040302)
BARRIERO — **Normal**, Av. Alfredo da Silva, 88 (T.2073212)
COVA DA PIEDADE — **Rainha Santa**, E.das Barrocas, 50-A (T.249418)
MOITA — **Silva Rocha**, P.da República, 16 (T.239029)
MONTIJO — **Moderna**, R.Bulhão Pato, 60 (T.2310156)
SESIMBRA — **Leão**, Av. da Liberdade, 13 (T.2233471)
SETÚBAL — **Rosado Pinto**, P.do Bocage (T.22484); **Nova**, R.General Gomes Freire (T.22052)
SEIXAL — **Soromenho**, R.Paiva Coelho, 38 (T.2218560)

PORTO

TURNO 16

ATÉ ÀS 22 HORAS

Vilarinha, Rua da Vilarinha, 161; **Bonfim**, Rua do Bonfim, 73; **Guerra**, Rua de Costa Cabral, 43; **Guimarães**, Rua de Francos, 37; **Lemos e Filhos**, Praça de Carlos Alberto, 31; **Liga das Ass. Soc. Mútuos**, Rua do Bonjardim, 286; **Castro Carneiro**, Rua do Padre Cruz, 146; **Henriques**, Praça da Batalha, 64-A; **Moreno, Ld.ª** Largo de S. Domingos, 44; **Serpa Pinto**, Rua de Serpa Pinto, 645; **Vasques**, Rua das Condominhas, 794.

A PARTIR DAS 22 HORAS

Castro Carneiro, Rua do Padre Cruz, 146; **Henriques**, Praça da Batalha, 64-A e **Serpa Pinto**, Rua de Serpa Pinto, 645

COIMBRA

Rodrigues da Silva, R.Ferreira Borges, 32 (T.24346); **S. José**, Arcos do Jardim, 41 (T. 24697)

outros espectáculos

LISBOA/Teatros

MARIA MATOS — 21.30 (13 anos) «Legenda do Cidadão Miguel Lino»
VASCO SANTANA — 21.30 (13 anos) «Legenda do Cidadão Miguel Lino»
CAPITÓLIO — 20.45 e 23.00 (18 anos) «Mostra-Me a Tua Piscina»
LAURA ALVES — 21.45 (18 anos) «As Escandalosas»

LISBOA/Cinemas

PARIS — 21.00 (18 anos) «Tamanho Natural»
OLIMPIA — 14.00 (18 anos) «E Vieram 4 Para Matar Sartana»
PROMOTORA — 21.15 (10 anos) «Os Dez Gladiadores»
JARDIM — 21.15 (18 anos) «Vozes do Além»

LINHA DE CASCAIS

OXFORD (Cascais) — 16.00 e 21.15 «Oh! Calcutta!»
ESTORIL Casino — 17.00, 21.15 (18 anos) «A Pele do Diabo»
CASCAIS Oxford — 16.00, 21.15 (18 anos) «Oh! Calcutta!»

OUTRA BANDA

ALMADA Incrivel — 21.15 (18 anos) «Paddy — o Querido»
ALMADA Academia — 21.15 (18 anos) «A Laranja Mecânica»

PORTO/Cinemas

RIVOLI — 21.15 (18 anos) «Wang Yu, Rei do Karaté»
ESTÚDIO — 21.15 (18 anos) «Almas a Nu»
BATALHA — 21.30 (18 anos) «Inocência e Turbamento»
ESTÚDIO FOCO — 21.15 (18 anos) «Julieta dos Espíritos»
TRINTADE — 21.30 (18 anos) «O Gafanhoto»
PASSOS MANUEL — 21.30 (18 anos) «Viva la Muerte»
OLIMPIA — 21.15 (18 anos) «Amor Livre»
COLISEU — 21.15 (18 anos) «A Iniciação»
JÚLIO DINIS — 21.15 (14 anos) «Um Cheiro a Dólares»
ÁGUIA DE OURO — 21.30 (18 anos) «Duelo na Poeira»
S.JOÃO — 21.30 (14 anos) «Cortina Rasgada»
VALE FORMOSO — 21.30 (14 anos) «Romeu e Julieta»

COIMBRA

AVENIDA — 21.45 (18 anos) «Tecnica de Engate»
TIVOLI — 21.15 (18 anos) «As Irmãs»

rádio

EMISSORA 1.º Programa

17.00 Radio estudantil
18.15 Movimento das Forças Armadas
19.00 Informação de trânsito
19.05 Música variada
19.25 Fados e guitarradas
20.00 Jornal da noite
21.00 .úsica portuguesa
22.00 Sindicalismo, por Helena Neves e Madeira Claudino
22.30 Música variada
23.00 Movimento das Forças Armadas
23.15 Vamos ouvir...
23.30 Nacional tauromaquia

2.º Programa

16.00 Ópera
16.45 Conjuntos de câmara
17.30 Música do século XX
18.00 Antologia Sonora
18.30 Obras de Beethoven
19.30 Suites para orquestra
20.00 Jornal da noite
21.00 Música ligeira variada
22.00 Audição in eural dos quartos de Beethoven
22.40 Música do barroco
23.00 Música sinfonica
01.00 Fecho

Programa em Onda Média 2 — 397 m — 755 KHz

20.30 Bolero de Ravel
20.45 Música de piano
21.00 Concerto
22.50 Música de piano
23.00 O canto e os seus intérpretes, por Maria Helena de Freitas
00.00 Música de Bach
01.00 Fecho

RÁDIO CLUBE

Onda Média

16.04 Programa C.D.C.
18.05 Movimento
21.03 Alegria no trabalho
21.31 Quando o telefone toca
22.30 Quando o telefone toca
23.06 Hora luterana
23.30 No Mundo aconteceu
00.05 Alavanca
01.00 Madrugada
06.03 Diario rural
07.03 Talismã

RÁDIO RENASCENÇA

Onda Média, 233,2 m — 1286 KHz; Modulação de Frequência de Lisboa, 93,2 MHz — emissão continua

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA

Clube Radiofónico de Portugal

Das **06.00** às **11.00** e das **19.30** às **22.00**

Rádio Peninsular

Das **11.00** às **17.00**

Rádio Voz de Lisboa

Das **17.00** às **19.30** e das **22.00** às **02.00**

cinemas

BERNA — T. 776098 — 14.00, 16.30, 19, 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
o filme de Norman Jewison
JESUS CRISTO SUPERSTAR
O mais espectacular filme dos últimos 10 anos

APOLO 70 — T. 763319 — 14.00, 16.30, 19.00, 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
A MAIS BELA NOITE DA MINHA VIDA
Hoje às 24.00
Grupo D (18 anos)
OS PIRATAS DO ARQUIPÉLAGO

ROXY — T. 48560 — 14.00, 16.30, 18.45, 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
3.ª Semana
A FREIRA DE MONZA
Dos autos de um Célebre julgamento religioso, uma história apaixonante

PATHÉ — T. 821933 — 14.15, 16.30, 18.45, 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
A LINGUAGEM DO AMOR
Aviso ao público: Este filme contém cenas eventualmente chocantes
O MAIS OUSADO FILME SUECO SOBRE EDUCAÇÃO SEXUAL

CINEBOLSO — T. 573407 — 14.30, 16.45, 19.00, 21.30
Não acons. a men. de 13 anos
a comédia do ano
FRANKENSTEIN JUNIOR

CARLOS MANUEL SINTRA — T. 2930394 — 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
BILLY JACK

SATÉLITE — T. 562632 — 15.30, 18.30, 21.15
Interdito a menores de 18 anos
SOU CURIOSA

MUNDIAL — T. 538743 — 15.15, 18.30, 21.30
Não acons. a menores de 13 anos
O BOM MAFIOSO
Um filme, tão bom... que nem um rato assustava

RESTELO — T. 610375 — 21.00
Interdito a menores de 18 anos
TAMANHO NATURAL
com Michel Piccoli
Amanhã não há espectáculo

EDEN — T. 320768 — 14.00, 16.30, 19.00, 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
A BATALHA DE NERETVA
A grande vitória das forças progressistas
com Yul Brynnes/ Orson Welles

TIVOLI — T. 50595 — 15.15, 18.30, 21.15
Para todos
HERBIE UM CAROCHA DOS DIABOS
5.ª Semana
As histórias miraborantes da primeira estrela de 4 cilindros

ALVALADE — T. 717480 — 15.30, 18.30, 21.15
Para todos
O ÍNDIO VALENTE
Um filme de Walt Disney
Uma paródia a valer

CASINO ESTORIL — T. 264621 — 17.00, 21.15
(Grupo D 18 anos)
A PELE DO DIABO
Colorido

ROYAL — T. 865037 — 15.30, 21.15
Interdito a menores de 18 anos
O HOMEM DE FERRO
SCOPECOLOR — Ching Li

POLITEAMA — T. 32630514.15, 16.30, 19.00 — 21.30
Não acons. a menores de 18 anos
FARFILLON
2.ª Semana

ROMA — T. 727778 — 15.30, 18.30, 21.15
Interdito a menores de 18 anos
EMMANUELLE
(Este filme contém cenas eventualmente chocantes

VOX — T. 720808 — 15.15, 18.30, 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
O CONSELHEIRO
Hoje às 24.00 o mesmo filme

CALEIDOSCÓPIO — T. 795093 — 14.00, 16.30, 19, 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
ONDE FICA A GUERRA?
7.ª Semana
A obra prima de JERRY LEWIS

CONDES — T. 322523 — 14.15, 16.30, 18.45, 21.15
Interdito a menores de 18 anos
O TRIO INFERNAL
Com Michel Piccoli/Romy Schneider
Este filme contêm cenas eventualmente chocantes

ODEON — T. 326283 — 15.15, 18.15, 21.15
Interd. a menor. 18 anos
3.º MÊS DA COMÉDIA BREJEIRA!
11.ª SEMANA SENSACIONAL
DECAMERON PROIBIDO
com Eva Maria Grubmuller e Pupo de Lucas
ERAM 4 INSACIÁVEIS... NA AUSÊNCIA DOS MARIDOS, O AMOR ANDAVA À SOLTA...

LONDRES — T. 801313 — 14.15, 16.30, 18.45, 21.15
Interdito a menores de 18 anos
O TRIO INFERNAL
Com Michel Piccoli/ Romy Schneider
AVISO AO PÚBLICO
Este filme contêm cenas eventualmente chocantes

S. JORGE — T. 54153/4 — 15.15, 18.15, 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
O 1.º filme do Ciclo Pasolini
DECAMERON
3.ª Semana

AVIS — T. 47163 — 15.30, 21.15
Para todos M-6 anos
UM POR TODOS... TODOS POR UM
com Les Charlots

CASTIL — T. 530194 — 15.30, 18.30, 21.15
Interdito a menores de 18 anos
CONTOS IMORAIS
Este filme cont. cenas event. chocantes

CINEARTE — T. 660446 — 15.30, 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
OBSESSÕES

ESTÚDIO — T. 555135 — 15.30, 18.30, 21.15
Interdito a menores de 18 anos
CAMINHOS DO PRAZER
Este filme contém cenas eventualmente chocantes

ESTÚDIO 444 — T. 779095 — 15.30, 18.30, 21.15
Interdito a men. de 18 anos
CONTOS IMORAIS
Este filme contem cenas event. chocantes.

EUROPA — T. 661016 — 15.15, 21.15
Para todos M-6 anos
UM POR TODOS... TODOS POR UM
com Les Charlots

IMPÉRIO — T. 555134 — 15.15, 18.30, 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
ESTA TARDE ÀS 5 HORAS
com Lea Massari
4.ª Feira. Sessão Clássica às 18.30

MONUMENTAL — T. 555131 — 15.00, 18.15, 21.30
Grupo A - 6 anos
MÚSICA NO CORAÇÃO
c/Julie Andrews

DL
RENASCENÇA GRÁFICA S.A.R.L.
ADMINISTRAÇÃO GERAL
E PUBLICIDADE
RUA CASTILHO 185 1.º 2.º E 4.º
TELEF. 654531/2/3/4
REDACÇÃO E SERVIÇOS TÉCNICOS
RUA LUZ SORIANO, 44
TELEF. 321154/5 320271/2/3
RUA DA ROSA, 57
END. TEL. DIBOA TELEX 12363
LISBOA-PORTUGAL

"ZOO"

A GIRAFA PARECE MÚSICA EM MOVIMENTO

Tudo se transforma em boatos por este tempo quente que estamos a viver...Chegou agora a vez do Jardim Zoológico. «Bocas» começaram a circular, sempre e sempre, afirmando que os animais do «Zoo» padeciam de doenças contagiosas.

Resultado: as pessoas começaram a rarear, a rarear, a rarear — e os animais, dentro das jaulas, nunca gozaram de tanto sossego.

Afirma uma nota do Jardim Zoológico:

«Ora além de tais doenças não existirem (os relatórios da Comissão de Análise e Dinamização e da Direcção-Geral dos Serviços Pecuários nada provaram a este respeito) tem, para já, um efeito gravíssimo: é que provindo o salário dos trabalhadores e a alimentação dos animais, no essencial, da receita da bilheteira — o resto são, literalmente, gotas de água, incluindo os magros subsídios estatais — o continuar a situarem-se as receitas como têm estado, abaixo do ponto crítico, pode vir a afectar seriamente a subsistência de todo o pessoal e o próprio interesse cultural da população».

Urge, pois, que as pessoas voltem a visitar o Jardim Zoológico. Que se meta o boato numa jaula — e se venha admirar os bichos. Estão lindos, lindos! A girafa, então, é um encanto: parece música em movimento.

NOVO REGIME JURÍDICO DAS EXTRADIÇÕES

Foi enviado para publicação na filha oficial o texto de um decreto-lei emanado do Ministério da Justiça, que define o regime jurídico das extradições.

Segundo o novo diploma, a extradição não pode ser concedida nos seguintes casos: «ter sido o crime cometido em território português; estar pendente em tribunais portugueses, pelos factos que fundamentaram o pedido de extradição, procedimento criminal contra a pessoa reclamada ou ter esta sido já definitivamente julgada pelos mesmos factos por aqueles tribunais; ter a pessoa reclamada sido julgada num terceiro Estado pelo vrime que fundamentou o pedido de extradição e ter sido absolvida, *ou no caso de condenação, ter cumprido a pena; estar extinto o procedimento criminal ou a pena ou administrado o crime, segundo a lei do Estado requerente; tratar-se de crime de natureza política ou haver fundadas razões para crer que se solicita a extradição com o fim de perseguir criminalmente a pessoa reclamada em virtude da sua raça, religião, nacionalidade ou opiniões políticas ou que a situação da mesma pessoa pode ser agravada por qualquer desses motivos; tratar-se de crime militar que não seja simultaneamente provisto e punido na lei penal comum; dever a pessoa reclamada ser julgada por um tribunal de excepção ou cumprir uma pena decretada por tribunal dessa natureza; a provar-se que a pessoa reclamada será sujeita a processo que não ofereça garantias jurídicas de um procedimento penal que respeite as condições internacionalmente reconhecidas como indispensáveis à salvaguarda dos Direitos do Homem, ou cumprirá a pena em condições desumanas».*

Ainda de acordo com o refeirdo decreto-lei, o pedido de extradição deve incluir: «a identificação rigorosa da pessoa reclamada; demonstração de que, no caso concreto, a mesma pessoa está sujeita à jurisdição do Estado requerente; indicação, nos casos de pena de morte ou de prisão perpétua, dos termos em que essas penas serão substituídas e a garantia dessa substituição; prova, no caso de infracção cometida em terceiro Estado, de que este não reclama o extraditando por causa dessa infracção.

MOVIMENTO 25 de Abril — boletim informativo DAS FORÇAS ARMADAS
Boletim Informativo do MFA, quinzenalmente, às 3.as feiras.

O PAÍS DISCUTE "DOCUMENTO DOS NOVE"

As reacções ao impropriamente chamado «documento Melo Antunes» atingiram no passado sábado o seu ponto forte. Na tarde desse dia o Directório emitiu um comunicado em que mandava apresentar os nove subscritores do documento nos Estados Maiores dos ramos a que pertencem para postérior colocação. O Copcon entretanto difunde um outro em que declara depositar confiança nos comandantes militares da Região do Sul e do Centro, brigadeiros Pesarat Correia e Franco Charais, respectivamente.

Os intervenientes no documento dos noves, à excepção do comandante Vítor Crespo e do major Vítor Alves estiveram reunidos com o Directório até às 15 e 30. Melo Antunes foi claro à saída: «Nós não fazemos acordos; defendemos posições». Palavras concedidas a um matutino após ter identificado a ANI com um Izvestia.

As entradas no Palácio de Belém continuavam. De um lado a 5.ª Divisão do E.M.G.F.A., do outro o embaixador americano Frank Carlucci. A 5.ª Divisão apresentou ao Presidente Costa Gomes num documento condénatório da atitude «divisionista» dos nove oficiais em foco. Quanto à visita de Carlucci que foi recebido às 11 e 30 por Costa Gomes, Vasco Gonçalves declarou não ter a presença daquele embaixador «nenhuma relação» com a reunião do Directório que entretanto decorria. E adianta: «era uma reunião que já estava prevista. Ele foi chamado aos Estados Unidos e antes de lá ir queria falar com o senhor Presidente da República.»

Sobre o mesmo encontro, Costa Gomes diria: «Foi uma conversa informal. Ele vai para a América e estivemos a conversar sobre problemas relativos à situação actual no País e às mensagens que eu desejaria que transmitisse ao secretário de Estado, Henry Kissinger.»

O «DOCUMENTO MELO ANTUNES» E A CASA MILITAR

Contactado pessoalmente esta manhã, o major Carlos Gomes, da Casa Militar da Presidência da República negou ter assinado o chamado «Documento Melo Antunes» que «nem lhe foi apresentado, nem leu». Segundo a mesma fonte, ninguém da Casa Militar de Costa Gomes terá apoiado expressamente (subscrevendo) o mesmo documento que nem sequer lhe teria sido apresentado. Lembrou que dois elementos da Casa estão de licença, pelo que não deverão ter assinado o mesmo.

DOCUMENTO EM DISCUSSÃO

Enquanto a partir de hoje o «documento dos nove» será posto à discussão em todas as unidades do País, por decisão do Directório (a informação vem-nos do «Século»), Mário Soares em declarações à Imprensa estrangeira faz o elogio de Melo Antunes e o País, através de comissões de trabalhadores e organizações partidárias, toma posições acerca do documento.

Por outro lado, Vasco Lourenço em declarações ao «Jornal do Comércio» é peremptório em afirmar que tanto Costa Gomes como Otelo concordam com o teor do documento. Também as unidades da Região Militar do Centro e o RIOQ (Regimento de Infantaria Operacional de Queluz) dão o seu apoio.

O P.C.P. condena. E declara: «São de combater iniciativas de divisão das forças populares é militares, e de criação de um vazio político e de um ambiente de desordem generalizada.» A condenação abrange simultaneamente a carta de Mário Soares a Costa Gomes. E o P.C.P. deduz: «Nas vésperás da apresentação do novo Governo, essas iniciativas visavam manifestamente tentar ainda evitar, à última hora, a sua formação e posse.»

A U.D.P. face à situação política que se vive em Portugal e reconhecendo que dela se têm aproveitado «forças fascistas e reaccionárias que se mantêm em actividade (...) convoca todos os seus activistas e simpatizantes que estejam em férias, afastados da zona habitual de trabalho ou da habitação para regressarem à zona dos núcleos onde normalmente estão organizados, em todos o País».

P.P.M. APOIA M.D.P. CONDENA

«O P.P.M. manifesta o seu apoio com as linhas gerais da análise crítica da situação portuguesa» expressa pelo «documento dos nove». Embora o P.P.M. que «continua a defender intransigentemente a construção de uma sociedade comunalista», critique o documento por não apresentar soluções a longo e médio prazo reconhece, no entanto, que «quanto às soluções preconizadas, elas representam a procura de um caminho viável para a experiência que os portugueses têm de viver em comum».

Diferente é a análise minuciosa que o M.D.P./C.D.E. faz ao documento que, além de considerar divisionista e mistificador, apelida de infundado e superficial.

Constata a onda de violência que em nome do anticomunismo tem alastrado pelo Norte e centro do País, reconhecido o incremento das actividades reaccionárias, pelo assalto e saque a sedes de partidos progressista, pela agressão generalizada a militares de partidos de esquerda, o M.D.P. pensa que no actual momento político os «autores do documento oferecem à reacção mais um elemento de perturbação e uma arma no seu plano para restaurar o regime fascista em Portugal».

«O documento é vago», prossegue o comunicado do M.D.P., «Deliberadamente não fundamenta as graves acusações que faz para — através das críticas vagas — melhor se aproveitar da inquietação e das dúvidas que a complexidade do processo revolucionário necessariamente suscita entre a população e os próprios militares».

O documento é mistificador: «Os inimigos que aparecem no documento são o proletariado de Lisboa e do Alentejo, por um lado, e o «resto do País» por outro. O grande capital — o grande inimigo — não entra na análise dos autores do documento.»

Em redor da ideia central do documento que é o ritmo da Revolução a andar depressa demais segundo «os nove», considera o M.D.P./C.D.E. que pensar tal «é o grande erro dos sociais-democratas». Sobre a condenação do ritmo excessivamente rápido das nacionalizações (opinião dos «nove») aquele partido político reafirma a ideia contrária de que foi o atraso nas nacionalizações que permitiu a fuga de capitais e deu «azo a sabotagens de consequências gravíssimas.»

A base social de apoio à Revolução teria sido profundamente afectada pelo ritmo acelerado do processo. Opinião diferente expressa o M.D.P./C.D.E. para quem os fundamentos de um descontentamento que começa a grassar pelo País se deverão mais à campanha «desagregadora e demagógica e de certas forças políticas» do que alergia ao processo revolucionário.

Quanto ao pluralismo que o «documento dos nove» defende, pensa o M.D.P./C.D.E. que ele se «garante através da democracia económica, (justiça social e fim da exploração dos trabalhasdores») e da participação unitária das massas em «cooperação estreita com o aparelho de Estado (...) E isto nada tem a ver com o anarquismo e o populismo, termos com que o documento lamentavelmente achincalha o amplo movimento das massas que impulsionou a revolução.»

L.C.I.: DOCUMENTO É DE DIREITA

«Os objectivos do documento são claros. Após as tomadas de posição da Arma de Infantaria, após as moções dos oficiais do Quadro Permanente da Região Militar do Norte, depois da prisão de oficiais progressistas em Évora, depois da reintegração de Jaime Neves e de outros oficiais de direita no Regimento de Comandos da Amadora, esse documento pretende coordenar e dar um sentido político a essas acções relativamente dispersas, de odo a poder continuar a nível militar a ofensiva civil da social-democracia». Lê-se num comunicado da L.C.I.

Efectivamente, não poderemos considerar o documento como uma acção isolada do contexto. Se não vejamos: «Aproveitando a divisão da classe operária, a burguesia pode dotar-se pela primeira vez após queda do facismo, de uma direcção e de um plano ofensivo. E o que é fundamental, foi capaz de mobilizar contra as Comissões de Moradores, o P.C., o M.D.P., M.E.S., F.E.C. (m-l), L.C.I., etc, sectores da pequena burguesia proprietária, cuja situação se manteve ou piorou mesmo desde o 25 de Abril».

Assim, acrescenta o comunicado daquela organização trotskista: «O objectivo fundamental de Mário Soares e Melo Antues é impedir a desagregação do aparelho de Estado burguês é evitar a passagem para o campo da Revolução dos soldados e marinheiros e oficiais progressistas e evolucionários, é reprimir o avanço da Revolução proletária e Socialista.»

O P.R.T. no comunicado difundido no fim-de-semana sublinha que o «documento dos nove» «revelou à luz do dia que as F.A. estão em profunda crise, profundamente divididas» e que o «Directório reagiu ao documento da poior maneira possível: em vez de criticar o seu contúdo reaccionário, em vez de desmascarar politicamente o documento, censurou, em nome da unidade da F.A., a sua divulgação.»

O C.D.S. só não apoia o texto do documento por uma fidelidade à sua «posição de princípio». Quanto ao resto é curioso que se observe declarar o C.D.S. «como muitas das posições defendidas naquele texto se identificam com preocupações definidas por ele próprio».

Para o P.P.D., o documento é um «sinal de esperança para o povo que já começou a descrer».

Entretanto de fontes oficiais três comunicados sairam sobre o «documento dos nove». A nota do Directório refere: «1.º De acordo com o seu comunicado de 8 do corrente, o Directório decidiu suspender das actividades do Conselho da Revolução os nove oficiais que assinaram e difundiram o documento a que o mesmo comunicado se refere.

«2.º Os oficiais citados no número anterior foram mandados apresentar nos E.M. dos ramos a que pertencem para posterior colocação».

A este comunicado seguiu-se o do Copcon que esclarece: «Face a quaisquer dúvidas que possam ter sido suscitadas pelo conteúdo do comunicado de 8 de Agosto do Directório Militar sobre a ordem de apresentação de nove membros do Conselho da Revolução nos respectivos Estados-Maiores dos ramos a que pertencem, para posterior colocação, o Copcon informa que tal ordem se refe em exclusividade aos conselheiros que desepenhavam funções de carácter político mantendo-se o sector por conseguinte nas suas posições todos aqueles que se ncontravam em funções militares, incluindo, como é óbvio, os comandantes das Regiões Militares, nos quais este Comando continua a investir o seu total apoio e confiança, irmanados no puro ideal que, desde antes de 25 de Abril de 1974, norteia o M.F.A. para, com o Povo Português, construir a sociedade justa, fraterna e livre que todos os verdadeiros patriotas ambicionam.»

SEUL SUBSTITUI REPRESENTANTE EM LISBOA

SEUL, 11 (ANI) — O Governo da Coreia do Sul nomeou seu embaixador em Portugal Yoon Ho Kun, libertando ao mesmo tempo das funções de enviado junto do Governo português Yoon Suk Hun, que chefia a missão diplomática sul-coreana na França.